

PRÊMIO

# Paulo Freire

DE QUALIDADE  
DO ENSINO MUNICIPAL

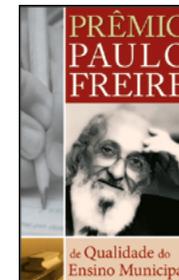
2017

Projetos  
Premiados



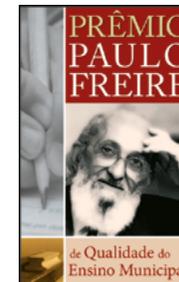
CÂMARA MUNICIPAL DE  
**SÃO PAULO**

# Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal



# **Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal**

## **PROJETOS PREMIADOS 2017**



# Sumário

## 1º LUGAR

Território do povo: ocupar, resistir e construir o nosso Quilombo Cultural .....	8
--	---

## 2º LUGAR

Eu venho do mundo, raízes Pankararu: um memorial encantado do outro lado do rio .....	22
---	----

## 3º LUGAR

EMEBS Anne Sullivan: a escola como espaço de luta e de conscientização .....	39
--	----

## MENÇÕES HONROSAS:

• “É ovo de quê? Exploração, investigação e pesquisa na Educação Infantil” .....	53
• Pais, filhos e mestres - uma conexão em tempo real .....	63
• Protagonizando infâncias e exercitando a cidadania através da autoria do jornal Bagunça de Criança .....	67
• Performance - Violência Doméstica.....	78
• Sociedade e Política: você se acomoda com o quê? você se incomoda com o quê? .....	85
• Baú das descobertas .....	92
• Projeto de revitalização - matemática e ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem .....	99

*Os projetos premiados da edição 2017 do Prêmio Paulo Freire estão publicados neste caderno, conforme disposto nos itens 1.10 e 5.4 do regulamento. Os textos dos projetos são de responsabilidade dos respectivos autores.*

# 1º LUGAR

Projeto:

**Território do povo: ocupar, resistir e construir o nosso Quilombo Cultural**

Unidade Educacional:

**EMEF Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira**

Responsáveis:

**Solange Aparecida Cabrito de Amorim e Eliseu Marcolino Rosa Müzel**

## RESUMO DO PROJETO

Desde 2015, o Conselho de Escola e parceiros da comunidade tem se reunido para debater e refletir sobre o cenário de extrema pobreza, baixa qualidade de vida e desenvolvimento humano do território. Preocupados com a situação de vulnerabilidade e exposição de crianças e jovens à violência, foi proposto o uso social de um terreno público baldio, localizado ao lado da escola, através da construção de um Galpão de Cultura que oportunizará a todos e todas mais cultura, esporte e educação.

## JUSTIFICATIVA

Campo Limpo é um dos distritos mais violentos de São Paulo com índices alarmantes que apontam para o extermínio da juventude, principalmente a negra e periférica. De acordo com o Mapa da Desigualdade de São Paulo (2016), um jovem em Campo Limpo tem 16 vezes mais chances de morrer assassinado que um jovem na Vila Mariana. Segundo o sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz (2015), os homicídios representam quase metade das causas de morte entre jovens de 16 e 17 anos. Quando analisamos o Mapa da Juventude de São Paulo (2014), precisamente do distrito em que

vivemos, percebemos o grau de vulnerabilidade e violência a que os jovens estão expostos e a necessidade de somarmos forças em busca de políticas públicas que revertam esse cenário. Campo Limpo é uma das regiões mais populosas, com uma população jovem de 15 a 29 anos estimada de 75.001 a 103.260, sendo que 52,6% são mulheres; 40,6% são negros; 72% dos homens são solteiros, em contraposição a 60,8% das mulheres. Impressionam os números de jovens que se encontram abaixo da linha da pobreza (brancos de 10 a 15%; negros de 15% a 20%); que não estudam e nem trabalham (mais de 20%); que contraíram AIDS (homens de 8 a 25%; mulheres de 9,1 a 10%); que são mães adolescentes (12,8%); que realizaram curetagem em decorrência de aborto (15 a 29 anos, de 10,5 a 20,6%; de 25 a 29 anos, de 11 a 23,8%). Da população economicamente ativa, o rendimento médio mensal é de R\$ 1.196,00; 25% trabalham mais de 44 horas semanais; 50% gastam mais de 1 hora de casa para o trabalho; de 10 a 20% estão desempregados. No tocante à Educação, da população jovem de 15 a 29 anos sem instrução ou ensino fundamental incompleto tem-se homens de 30,1 a 35% e mulheres de 15,1 a 30%; 10% estão no ensino superior, deste 25% são homens e mulheres representam de 25,1 a 40%; já por etnia, de 40,1 a 50% são brancos e negros até 25%. Matriculados na EJA tem-se de 15,1 a 20% de jovens brancos e negros. Esse cenário de extrema pobreza, baixa qualidade de vida e desenvolvimento humano só se reverte com política pública que garanta ao jovem acesso à educação de qualidade numa perspectiva integral, que não negligencie aspectos tais como a sexualidade e os direitos reprodutivos; a profissionalização; o lazer; o direito ao desenvolvimento físico e psíquico plenos. Há a necessidade de se enfrentar pedagogicamente essas estatísticas. Essa pedagogia difícil, mas necessária e urgente, nos dizeres de FREIRE (1991), tem como objetivo construir uma perspectiva de esperança, de futuro e direito à vida. Pelo exposto, justifica-se o uso social do terreno ocioso, localizado ao lado do estacionamento da escola, à Rua Profª Nina Stocco. A área está abandonada há anos pelo poder público, servindo como pasto para cavalos, depósito de lixo e entulhos e ponto de drogas. À noite, alunos e munícipes são frequentemente assaltados por ladrões que se utilizam da área para refugiarem-se. A ocupação social do espaço representa a busca de alternativa do Conselho de Escola, aliado à sua comunidade, para combater a violência e oferecer a crianças e jovens opções de lazer, esporte, cultura e profissionalização no próprio bairro que promovam o direito pleno à vida.

## OBJETIVOS

O presente projeto tem por objetivo a revitalização de terreno público ocioso, localizado ao lado da EMEF Dr. Sócrates Brasileiro, com a construção de um galpão para oficinas culturais, esportivas, profissionais e de lazer para a comunidade escolar e adjacências. Fundamentados nos princípios da permacultura, pretende-se fomentar a consciência ambiental, ressignificar o Córrego da Olaria, hoje poluído, sujo e esquecido; reflorestar a área por meio de uma agro-floresta; desenvolver uma horta-urbana; praticar a partilha justa do que for produzido e impulsionar a economia solidária no território; instalar um contêiner de leitura no espaço para fazer nascer uma biblioteca comunitária. Transformar o espaço abandonado em um local para crianças e jovens desenvolverem integralmente as suas potencialidades, compartilhar saberes, construir novos conhecimentos, melhorando a qualidade de vida na comunidade na perspectiva do direito à cidade.

## EDUCADORES ENVOLVIDOS

Adriana, Adriano, Alessandra, Aline, Amélia, Ana Clara, Andrea, Antonia, Antonio, Carlos, Célia, Cícero, Daniela Faria, Daniele Lino, Denise, Dinah, Dora, Dulce, Elaine, Elenita, Eliane Amorim, Eliane Faria, Eliane Rodrigues, Eliete, Elisane, Fabiana, Francisca, Gilberto, Gisele, Gustavo, Humbelina, Lídia, Isabel, Isabella, Isylla, Jair, Jean, José Pacheco, Josiane, Joyce, Katiane, Lana, Leandro, Lúcia, Luciane, Luciana, Luciano, Magali, Mara, Mara Mourão, Marcelo, Maria José, Márcio, Márcia, Marília, Marly, Nazaré, Neusa, Nilson, Odete, Odiléia, Paulo, Regina, Renato, Rita, Roberto Hermes, Roberto Lima, Rosângela, Roseli, Rosinete, Sandra, Sonia, Soraia, Talita, Vanessa, Vera, Viviane e Wladimir.

## METODOLOGIA

Ocupar política e pedagogicamente o espaço ocioso e abandonado, ressignificando-o, conciliando construção e preservação por se tratar de área de proteção ambiental permanente. Dar à área um sentido social à comunidade por meio de ações culturais, esportivas e de lazer realizadas no próprio terreno e em seu entorno. Com base nos princípios da permacultura, promover o agro-florestamento da área e criar uma horta comunitária no local; construir coletivamente uma cúpula geodésica de bambu, fundamentada nos princípios da bioconstrução; instalar um contêiner de leitura para fazer nascer uma

biblioteca comunitária no espaço que atenda a comunidade local e adjacências. Promover a zeladoria permanente do espaço, garantindo a limpeza pública, conscientizando a população sobre a preservação da área. Tornar o terreno parte integrante da escola e do território; resgatar a sua história como parte da memória local das lutas por moradia, saneamento básico, transporte, saúde e educação; as resistências e contradições em busca do direito à cidadania plena, entendida como o direito à cidade.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Retrospectiva da Luta pelo Galpão de Cultura e perspectivas para o ano de 2017:

1. Da Comissão ao Território do Povo: Em 06/06/2015, o Conselho de Escola realizou um encontro de famílias para discutir o uso social do terreno baldio. Participaram desse encontro estudantes, pais, funcionários e comunidade do entorno, tais como a ASSAJO (Associação de Amigos do Jardim Olinda), Brechoteca (Biblioteca Popular), a Capoeira Abadá, a Escola de Samba Acadêmicos de Campo Limpo, o Sarau do Binho, a viúva de Sócrates Sra. Kátia Bagnarelli. Constituiu-se uma comissão com representantes de pais, alunos, professores, membros do Conselho de Escola e demais parceiros do entorno. A comissão passou a se reunir periodicamente, impulsionando, organizando e buscando mais apoiadores para a revitalização do terreno baldio. A luta pela construção do Galpão de Cultura no terreno público ocioso unificou a comunidade escolar e a comunidade do entorno. Dessa união nasceu o coletivo Território Povo, uma federação de coletivos culturais e sociais que se reúne mensalmente para discutir e pensar políticas públicas de fomento à Educação, Esporte e Cultura no território. Ao longo do tempo, outros coletivos e apoiadores foram se somando à luta: Brava Companhia de Teatro, Centro Acadêmico da Faculdade Escola da Cidade; Coletivo Rua, Juventude Anticapitalista; KVC - Kores e Valores Crew; Horta Di Gueto; Movimento de Culturas Periféricas; Pedro Aquino Burgos, permacultor; Ana Clara Souza Santana, estudante de arquitetura;
2. Abaixo-assinado: A primeira atividade realizada em prol dessa luta foi o abaixo-assinado que coletou 1.808 assinaturas pedindo a revitalização do espaço;
3. Ocupações Culturais: Em 08/08/2015 o Território do Povo realizou a primeira ocupação cultural simbólica da área com atividades culturais e pres-

tação de serviço, provando sim que o espaço pode servir a comunidade. Na ocasião, houve uma intervenção na viela, revitalizando-a com o plantio de mudas de árvores e grafite, oficina de brinquedos e brincadeiras. Também houve a prestação de serviços realizado pela UBS, com orientações preventivas; corte de cabelo pelo Instituto Embeleze e tranças africanas por membros da comunidade. Em 15/05/2016, houve a segunda ocupação cultural; estudantes e artistas locais apresentaram performances de dança e música com Gaspar do Z'África Brasil e Mano Moneys. Recitaram poesia com o Sarau do Binho, distribuíram livros, houve o grafitagem de todo o muro que cerca o terreno por artistas do território contra o apagamento impingido pela Subprefeitura à primeira ação de graffitti realizada em agosto de 2015. O evento contou com a presença especial do atleta da Democracia Corinthiana e das Diretas Já, parceiro de Sócrates, o Wladimir Rodrigues dos Santos;

4. 1ª Mostra de Teatro Território do Povo: de 31/05/2016 a 28/06/2016 ocorreu a primeira mostra de teatro. Vários grupos periféricos se apresentaram na escola, em espetáculos abertos à participação da comunidade. O objetivo é sempre mostrar a potência cultural do território; o que ele produz com recursos escassos e falta de espaço. As peças foram todas de muita qualidade, facilmente adaptadas a espaços alternativos como ruas, praças, escolas;
5. Cortejos Poéticos: Em 14/11/2015 nasce o primeiro Cortejo Poético Revitaliza Campo Limpo do Território do Povo. No dia do Cortejo, o Boi, batizado de Marruá (em homenagem ao grupo Teatral Parlandas que apresentou a peça Marruá na escola), toma as ruas do entorno e a comunidade revive a lenda dos escravos Catirina e Francisco, dramatizada pelos estudantes da EJA. Além da dramatização, há o recital de poesias, com muitos textos autorais dos estudantes, o sarau na praça, entoação de cantigas, danças típicas e a apresentação das reivindicações da comunidade. O segundo cortejo poético ocorreu em 06/08/2016, com uma participação ainda maior da comunidade escolar;
6. Anexação do terreno: Em 31/08/2016 foi autuado processo solicitando a anexação do terreno à escola. Atualmente o processo se encontra em DGPI aguardando despacho do Diretor de Gabinete. Essa ação decorreu de diversas reuniões do Território do Povo com autoridades governamentais, tais como o Secretário de Educação, SIURB, DRE Campo Limpo e Prefeitura Regional de Campo Limpo;

7. Horta Urbana e Comunitária no Território do Povo: Na avaliação da unidade no final de 2016, o Conselho de Escola e o Território do Povo decidiram em assembleia desenvolver ações de ocupação e uso social do terreno ao longo de 2017. Compõe o Plano de Metas do Projeto Político-Pedagógico da escola em 2017 desenvolver no local o projeto de horta urbana, além de outras ações. A ideia é somar vários saberes científicos, escolares e comunitários, oriundos da vivência das mães, pais e avós advindos do trabalho rural, de outras experiências de horta no território, da permacultura e, coletivamente, construir a horta do Território do Povo. Pretende-se mobilizar a comunidade escolar em atividades reflexivas sobre educação ambiental com leituras, vídeos, rodas de conversa, vivências, atividades práticas e uso de técnicas de plantio, compostagem, adubação verde, sementeiras, formação de canteiros, regagem etc. Preocupados com a situação da terra, estudantes do 9º ano C, cujo tema do TCA é sobre a Horta Comunitária, solicitaram à Sabesp a análise do solo. Há uma preocupação inicial em reconstituir o solo, aumentando o nível de nitrogênio através da técnica milenar de adubação verde, feita com sementes de leguminosas. Quando a horta estiver produzindo, pretende-se realizar a patilha justa, um dos princípios da permacultura. Os estudantes planejam usar uma parte na merenda escolar; distribuir o restante à comunidade, numa feira de produtos orgânicos, a qual servirá também para que a comunidade repense seus hábitos alimentares na perspectiva de uma melhor qualidade de vida. Um pai, membro do conselho de escola, que trabalha como chefe de cozinha, ofereceu uma oficina de aproveitamento de alimentos para toda a comunidade;
8. Cine Território do Povo: consiste em oferecer ao público local o acesso ao cinema enquanto arte e diversão, construindo um repertório de filmes que proporcione, além do lazer, o convívio democrático, a reflexão sobre dilemas humanos, políticos e sociais. As sessões acontecem mensalmente em vários pontos do território, a saber: escola, ASSAJO, Brechoteca e na própria rua do bairro;
9. Cúpula Geodésica de Bambu: construção coletiva da cúpula, unificando saberes de bioconstrução, matemática, física e geografia, para uso em atividades de leitura e lúdico-recreativas;
10. Contêiner de Leitura: Queremos uma biblioteca comunitária funcionando no terreno. Através de campanha financeira, pretende-se adquirir um contêiner e, em parceria com a Brechoteca, instalá-lo no terreno como política de fomento à leitura que atenda ao público do entorno;

11. Aulas públicas e atividades culturais com convidados, abertas à participação da comunidade, para discutir direitos humanos, políticos e sociais;
12. Projetos de Galpão Cultural para o terreno: análise pela comunidade do projeto elaborado por SIURB com o tamponamento do Córrego da Olaria, já canalizado, e do projeto feito pelos estudantes de arquitetura da Faculdade Escola da Cidade, sem o sepultamento do córrego, com estruturas de baixo impacto de impermeabilização do solo, construções alternativas, mais econômicas e sustentáveis (disponível em [https://issuu.com/alexandrebroacferlauto/docs/territorio\\_do\\_povo\\_2017](https://issuu.com/alexandrebroacferlauto/docs/territorio_do_povo_2017)).

## CRONOGRAMA

1. Reuniões mensais do Conselho de Escola e Assembleias com a comunidade para discutir e dar continuidade à luta pela revitalização do terreno e construção do Galpão de Cultura;
2. Reuniões mensais do Coletivo Território do Povo com a realização de um seminário em 12/08/2017 para discutir identidade, movimentos populares e plano de ação;
3. Anexação do terreno à escola: reunião com a nova Diretora Regional de Educação em fevereiro; reunião com o novo Prefeito Regional de Campo Limpo em fevereiro; reunião com o atual Secretário de Educação Alexandre Scheneider;
4. Implementação do Projeto Horta Comunitária: solicitação de uso do terreno para fins da criação de uma horta comunitária pela comunidade escolar à DRE e à Prefeitura Regional de Campo Limpo em 24/01/2017; parceria com o permacultor Pedro Aquino Burgos e com o coletivo Horta Di Gueto; Formação em JEIF no horário coletivo do grupo I; adoção do tema pelos estudantes do 9º ano C, como Trabalho Colaborativo Autoral (TCA) da turma para o ano de 2017; preparação do primeiro canteiro em 29/06/2017; criação de sementeiras pelos alunos do fundamental I; roda de conversa e vivência sobre permacultura e hortas urbanas com Pedro Burgos, Horta Di Gueto e Brechoteca em 01/07/2017; adubação verde e primeiro plantio de revitalização do solo em 01/07/2017; tabela com cronograma semanal de regação e cuidados com a horta, envolvendo todas as turmas e turnos; oficina de aproveitamento de alimentos com o pai Sr. Danilo de Oliveira Alcântara em 17/08/2017; compostagem - reaproveitamento semanal de

- alimentos orgânicos, sobras da merenda escolar para adubação e fertilização do solo; feira de produtos orgânicos da horta em novembro durante a Mostra Cultural;
5. Agro-florestamento: plantio de árvores ameaçadas de extinção como araucária, pau brasil, espécies frutíferas e ipês diversos nas margens do córrego (junho de 2015 e julho de 2017);
  6. Apresentação do TCC "Território do povo: Ocupar, Resistir e Construir o nosso Quilombo Cultural" dos estudantes de arquitetura da Faculdade Escola da Cidade (parceiros do Território do Povo) em 27/06/2017. De acordo com o projeto dos estudantes-parceiros, trata-se de uma proposta concreta de ocupação do terreno, exequível futuramente, com materiais acessíveis e de baixo custo, atrelado a referências arquitetônicas que trazem a escala da mão, a falta de necessidade de mão-de-obra especializada, o mínimo de impacto na pré-existência – o que se traduziu em construções leves e de fácil execução;
  7. Cortejo Poético Revitaliza Campo Limpo: Por mais Cultura, Esporte e Educação em 26/08/2017;
  8. Cine Território do Povo: exibições mensais de filmes em diversos espaços do território: escola, Assajo, Brechoteca e praça;
  9. Aulas públicas: Literatura periférica e resistência: roda literária com os escritores periféricos Jennifer Nascimento e Allan da Rosa em 22/02/2017; Circo Lona Preta, espetáculo teatral com o grupo Trupe Lona Preta em 19/04/2017; Movimentos Sociais e Direitos Humanos: O Território do Povo e a luta pelo Galpão Cultural, com a Uni-Diversidade e Saraus convidados em 17/05/2017; A falsa abolição com Joselúcio Júnior do Círculo Palmarino e Mc Gaspar do Z'África Brasil em 27/05/2017; Direito à Cidade com o professor da Universidade Federal de Juiz de Fora e advogado Lucas Ferreira Cabreira em 29/07/2017;
  10. Construção da cúpula geodésica de bambu em parceria com o permacultor Pedro Aquino Burgos durante o mês de setembro;
  11. Mostra Cultural nos dias 23 e 24/11/2017;
  12. Encaminhar proposta final de projeto de ocupação do terreno à Secretaria do Verde, após seminário e assembleia geral do Território do Povo em 12/08/2017 e solicitar o descongelamento da verba prevista no Orçamento da cidade para a construção do Galpão, conforme DOM de 17/12/2016.

## AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O presente projeto tem servido para territorializar o PPP e conferir autoria ao currículo da EMEF Dr. Sócrates Brasileiro. Há uma unidade entre escola-comunidade-território, pensando e agindo juntos em prol de uma educação pública com qualidade social, com qualidade de vida, feita a muitas mãos, unificando e compartilhando saberes numa perspectiva de convívio democrático e de outro sonho possível de cidade. Uma cidade inclusiva, para todos e todas, com amplos direitos sociais, políticos e humanos. A comunidade do Jardim Catanduva, Olinda e adjacências se forjou nas lutas populares por água, luz, saneamento básico, posto de saúde, creches, escolas e até a urbanização de parte da favela. Essa capacidade de mudar, construir e protagonizar a própria história é que impulsiona a luta pelo Galpão de Cultura. Os estudantes tem realizado ações de revitalização dos espaços internos da unidade que tem mostrado a força coletiva de transformação que a escola tem, unificada à sua comunidade. Houve mutirões de jardinagem, pintura, revitalizando o parque com a reforma e construção de brinquedos com materiais recicláveis; cerca viva; pintura de linhas motoras etc. Essa mudança do espaço interno tem sido um grande exercício de cidadania, potencializador da transformação do espaço externo. A horta comunitária começa a despontar no Território do Povo, integrando escola-terreno-comunidade-parceiros do território. A comunidade reconhece o terreno como um espaço das crianças e demonstraram isso quando impediram a sua "invasão" por movimentos de moradia que não foram identificados à época. Essa defesa do território constituiu um grande marco de reconhecimento da área pela comunidade como um espaço seu, que permitirá às crianças e aos jovens o desenvolvimento de suas potencialidades. Dessa forma, a escola se posiciona no território como parte viva e atuante dentro dele, que se preocupa, protege e é protegida. Na medida em que a comunidade se empodera, a escola também cresce e se fortalece. Por enquanto o Galpão de Cultura é apenas um grande sonho coletivo. Essa caminhada tem sido enriquecedora e transformadora, não apenas dos espaços, mas dos sujeitos históricos que dela participam. Só pelo percurso realizado até aqui, já valeu muito a pena viver esse processo

## DEPOIMENTOS

*"Essa luta que temos na escola não vem de hoje. A luta pelo galpão transformará o terreno baldio em um lugar onde todos possam entrar, ter acesso a cursos profissionalizantes, teatro, cultura e, o melhor, a aprendizagem. Com a horta, ele já está sendo um lugar mais bonito, com a mobilização dos alunos, professores e da própria comunidade que nos ajudou a plantar, a cavar, a pintar e ainda tem muito mais a ser feito."*

**Lucas Sousa Terra, aluno do 9º ano**

*"A experiência de voluntariar em uma escola pública que realmente se compromete em fazer a diferença, é bem enriquecedora. A proposta de integrar alunos, território, movimentos culturais e a comunidade escolar para a criação de um cenário mais propício à transformação social, a partir da educação, faz a escola Dr. Sócrates se aproximar muito de um ideal de escola onde o conhecimento é gerado a partir de dificuldades e desafios que os alunos encontram no seu dia-a-dia, na comunidade e família. Um pouco além da interdisciplinaridade, a proposta é educar para vivermos neste planeta em comum e em harmonia com outros seres. A partir das vivências e ações fora da sala de aula é possível para alunos e professores distinguir e transformar paradigmas corriqueiros, de um olhar comum para a problemática global, onde devemos esperar soluções de organizações ou de autoridades para um paradigma sobre o qual podemos ser sujeitos atuantes em nosso próprio território e comunidade, gerando autonomia e superação."*

**Pedro Aquino Burgos, Permacultor**

*"Nossa luta, além de vir há um bom tempo, sabemos que quando concluirmos ela ajudará até mesmo uma geração que poderá levá-la à frente, sempre pensando no próximo. Nós nos esforçamos muito para conquistar os nossos objetivos. O nome da nossa escola é um item que materializa a democracia que é a EMEF Dr. Sócrates Brasileiro, o que traz um sentimento de justiça, esperança e valor. Fazemos jus ao nome desse nosso grande patrono. Realizando o projeto de Galpão de Cultura iremos mudar vidas de pais e filhos! Imagine aquele pai que não consegue dar ao filho a assistência que ele necessita, abrindo-se assim a porta das drogas e das mazelas da periferia, quando souber que seu filho poderá fazer um curso profissionalizante perto de sua casa? Isso lhe trará um sentimento de resistência que vem de dentro da periferia, que é a garra e a esperança."*

**Anderson de Oliveira Falcão Junior, aluno do 9º ano**

*"A EMEF Sócrates está presente, de forma muito atuante, nas atividades culturais e sociais de seu território, desenvolvendo atividades que incluem a comunidade escolar, o corpo docente e discente e também os coletivos do entorno. O projeto de Ocupação social do terreno contempla vários grupos da comunidade, buscando sempre a par-*

ceria e discussão de temas muito relevantes a todos. O Sarau do Binho está envolvido nas ações propostas pela escola e acredita que este projeto é de grande relevância para esta comunidade.”

**Coletivo Sarau do Binho**

“O projeto de revitalização do terreno e de Galpão Cultural surgiu da necessidade de ocupar o território do entorno da escola com ações voltadas à valorização da cultura produzida localmente e de problematizar junto aos alunos e à comunidade a importância de ser o produtor de cultura e não o reprodutor do que a grande mídia apresenta. Através desse projeto, os alunos se tornaram protagonistas do fazer pedagógico e entraram em contato com diversos coletivos do bairro produtores de cultura popular e periférica. As ações desencadeadas a partir da ocupação do terreno- saraus, rodas de conversa, cortejos poéticos etc., além do protagonismo, trouxeram aos alunos e comunidade da EMEF Sócrates a sensação de pertencimento ao bairro, à cidade, ao país. Cidadãos plenos, exercendo a cidadania plena!”

**Rozane Guilhem, Supervisora de Ensino**

“A revitalização do terreno onde será realizado o Galpão Cultural para a comunidade não vai ser apenas um galpão, vai ser a promessa de uma revitalização de vidas onde por muito tempo o seu valor não teve a menor importância. Como morador há mais de 40 anos no bairro, presenciei muitas agressões à vida por ignorância e falta de um entendimento sobre a visão social. Hoje participamos deste pensamento de trazer mais cultura para a comunidade, ensinando o respeito a todos os segmentos e gêneros. A iniciativa do Território do Povo é transformar pessoas em cidadãos, onde possam usufruir de direitos e deveres; resgatando sua história através da cultura. É por isso que a escola de samba Acadêmicos de Campo Limpo defende e apoia esse projeto para a comunidade.”

**Pedro Luís Tomé dos Santos, Presidente da G.R.C.E.S Acadêmicos de Campo Limpo**

“Sou estudante de arquitetura e urbanismo e moradora da zona sul de São Paulo. Conheci o coletivo Território do Povo, no qual a EMEF Dr. Sócrates Brasileiro desempenha um papel essencial, a partir de uma pesquisa em andamento sobre os espaços e os agentes culturais periféricos da região. A mobilização continua em torno da revitalização de um terreno e do seu uso efetivo como espaço cultural, não apenas denuncia a má distribuição de recursos da cidade para a periferia, mas – e principalmente – aponta o grande conhecimento e o potencial de transformação dos grupos atuantes em seu território. Participar das atividades do coletivo é um grande aprendizado enquanto estudante-pesquisadora e cidadã. Colaborar para essa luta é uma grande

motivação para quem acredita que precisamos e podemos agir para a construção de espaços mais justos para todos, para o povo!”

**Ana Clara de Souza Santana**

“Nós, Movimento Cultural das Periferias, que por cinco anos atuamos na Descentralização de Orçamento para Áreas de Alta Vulnerabilidade Social e lutamos pela ocupação da sociedade civil nos espaços de decisão coletiva da cidade como Conferências e Comissão de Educação, Cultura, Esporte e Lazer apoiamos a iniciativa da Sociedade Civil quanto à anexação do Terreno requerido pela EMEF Sócrates Brasileiro. Luta que por dois anos vem sendo motivo de orgulho comunitário pelo direito à cidade onde a construção do Galpão Cultural é um ato em acordo aos Direitos humanos nesta municipalidade.”

**Movimento Cultural das Periferias**

“A luta do Território do Povo em defesa da revitalização do terreno baldio e a construção de um Galpão de Cultura é algo que me deixa muito esperançosa, porque sou mãe de aluno, educadora e moradora há mais de 23 anos desse bairro. Vejo que todas as melhorias que ocorreram foram frutos de muitas lutas e pelo galpão não seria diferente. Viver na periferia é estar constantemente em luta, porque a todo momento precisamos nos organizar para nos fortalecermos e não sermos devorados pelo sistema. A descrença, o desânimo muitas vezes tomam conta, e fazer parte desse coletivo nos torna resistentes. O que antes era utópico, torna-se possível: um terreno baldio começa a dar lugar a um Galpão Cultural, possibilitando a criação de novos caminhos para a população da periferia, ou seja, a sua transformação social!”

**Alessandra Ferreira Diniz, mãe e moradora do bairro**

“Há muito tempo estamos batalhando para conseguir melhorias para a escola e para o bairro. E essa batalha está valendo a pena, pois já obtivemos várias conquistas. Uma delas foi a mudança do nome da escola para Sócrates Brasileiro. Queremos agora a construção de um Galpão Cultural num terreno baldio da prefeitura. Nele haverá cursos, atividades culturais e de lazer para a comunidade. Isso é só começo do que ainda vamos conquistar!”

**Thaís Matos da Costa, Aluna do 9º ano**

“O Galpão de Cultura vai propiciar à comunidade do Jardim Olinda e adjacências a oportunidade de formação profissional, lazer e cultura. As crianças terão a oportunidade de deixar as ruas e desenvolver atividades artísticas. Ele é mais do que necessário e vai nos levar a refletir a sociedade e não simplesmente viver de cabeça baixa. O que as nossas crianças realmente precisam é de oportunidades.”

**Jair Brás da Silva, Professor**

*“Um dos melhores momentos na região foi a criação do grupo Território do Povo, do qual fazemos parte com muito orgulho, conhecendo as necessidades da nossa comunidade/território, onde a falta de creches, esporte, cultura e lazer fazem parte do cotidiano. A parceria deixou claro que é possível sim termos lazer, esporte e cultura, ao lado de companheiros tão empenhados em melhorar a vida de nossas crianças. Por elas, arregaçamos as mangas e vamos à luta. Nós da ASSAJO nos sentimos orgulhosos dessa parceria que com certeza dará bons frutos!”*

**ASSAJO – Associação de Amigos do Jardim Olinda**

*“Meu primeiro contato com a EMEF Dr. Sócrates foi em 2015, na 1ª ocupação cultural do terreno ao lado da escola, uma ação linda com a presença de toda a comunidade e, nesta ocasião, fiz um grafite no muro deste terreno, juntamente com outros grafiteiros em apoio à ocupação. Dias depois recebi a notícia de que a Subprefeitura havia apagado com o seu cinza censura todas as pinturas do muro. Se achavam que isso iria silenciar as ações, muito pelo contrário, fez com que “gritasse” mais alto. A escola e os coletivos se mantiveram articulados e promoveram novas ações. Em meio a essas ações, soube que a pintura que eu havia feito no muro e, posteriormente, tinha sido apagada, foi escolhida e passou a ser usada como símbolo/identidade de suas lutas. A alegria transbordou no peito. Uma honra tamanha que até hoje não sei como descrever e agradecer. Em outra oportunidade, em 2016, pude estar em contato mais próximo da escola, indo pintar este mesmo trabalho em suas paredes internas. Pude conhecer de perto as pessoas incríveis que fazem acontecer, educadores, funcionários, estudantes e toda comunidade que exercem, de fato, uma gestão democrática e participativa. A EMEF Dr. Sócrates é escola de luta e um exemplo real da escola e educação que eu acredito, que reafirma a minha crença de que é possível ser a diferença, de que podemos construir juntos tudo o que quisermos e que somos agentes transformadores da realidade através da arte, cultura e educação.”*

**Raquel Marques**

*“A luta do Território do Povo, encabeçada pela EMEF Dr. Sócrates Brasileiro, é de enorme importância para toda a comunidade escolar e seu entorno, uma vez que a mesma está inserida em um território desprovido de direitos elementares. Além disso, para se enfrentar problemas dessa dimensão é preciso “juntar uma aldeia inteira”. É isso que a escola propõe: a união de vários segmentos da sociedade, comunidade escolar e coletivos culturais (como é o caso da Brechoteca) para que juntxs possamos construir o bairro que sonhamos: com mais valorização da cultura e saberes locais, mais educação emancipadora, mais afirmação da nossa identidade, mais livros e histórias, mais esportes, mais alimentos saudáveis, mais projetos para a juventude, enfim... mais solidariedade e justiça social!”*

**Brechoteca – Biblioteca Popular**

*“A reivindicação pela construção de um espaço de cultura em um terreno público na cidade de São Paulo uniu coletivos culturais, grupos organizados do território, associação de bairro, conselho de escola e educandos em torno de um projeto de cidade. Uma cidade que valoriza o espaço público, o direito em detrimento à exceção e a educação para a emancipação e para o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas. Para isto a EMEF Sócrates, alunos, professores e parceiros passaram a discutir as dificuldades e potencialidades presentes no seu território, a história do Córrego da Olaria que margeia os muros da escola, a violência policial e do tráfico, o desrespeito aos direitos humanos, tudo isto, para entender melhor sua cidade, seu bairro, seu território e agir. Daí nasceram as ocupações simbólicas do terreno público vizinho à escola, a horta comunitária, os cortejos poéticos, o projeto de ocupação do terreno, os debates sobre os direitos na cidade, os poetas da Educação de Jovens e Adultos, a Galeria a Céu Aberto do Jardim Olinda e o Território do Povo.”*

**Antonio Augusto Ribeiro Marcatti, Professor**

## 2º LUGAR

Projeto:

**Eu venho do mundo, raízes Pankararu:  
um memorial encantado do outro lado do rio**

Unidade Educacional:

**EMEF José de Alcântara Machado Filho**

Responsáveis:

**Leno Ricardo Vidinha de Freitas e Alexandre Campos**

### RESUMO DO PROJETO

O Projeto Raízes Pankararu, iniciado no ano de 2015, na EMEF: José de Alcântara Machado Filho, no bairro do Real Parque, envolveu para além de toda a comunidade escolar indígenas e não indígenas, principalmente a Nação Pankararu, pois promoveu o resgate de suas tradições para o contexto escolar, impactando novamente a visibilidade e o fortalecimento deste povo e suas tradições em contexto urbano, através das aulas de arte em parceria com outras áreas do conhecimento, demarcando a instituição como Território Educativo na Cidade.

### JUSTIFICATIVA

Há seis anos, quando adentrei a escola José de Alcântara Machado Filho, me encantei com o seu tamanho e os pequenos espaços naturais preservados, ali uma forte intuição me dizia que este lugar guardava algo, para além do que estava perante os olhos.

Sua localização geográfica do outro lado do Rio Pinheiros em meio a diversos prédios de classe média alta, sem dúvida já me instigava a conhecer a comunidade pertencente desta instituição, que se desloca cotidianamente das comunidades Real Parque e Panorama, para esta EMEF Pública da Rede Municipal de ensino de São Paulo.

Foi então que me deparei com diversos problemas de comportamento das crianças, jovens e adultos frequentes, durante muitos anos sentiram vergonha de suas identidades, principalmente os indígenas e negros e foi observando este universo, diversificado, heterogêneo e com indisciplina, foi a via onde comecei a identificar que tínhamos indígenas como parte do público de estudantes, porém naquela época, ainda não tinha a dimensão da riqueza das tradições culturais deste povo, também não sabia identifica-los através de suas características específicas e olha que minhas raízes são paraenses, com fortes influências dos povos tradicionais da região amazônica, mas também, tinha internalizado os estereótipos construídos em outrora, os que me fizeram durante anos pensar, que “índio” estava apenas na floresta, ou que estavam tão distantes e no passado, ou tinham as mesmas características dos povos da Amazônia ou do Xingu, com o corpo bronzeado de sol, com cabelos lisos e olhos puxados, eu desconhecia os 305 povos, com suas 274 línguas diferentes e mais ainda, os povos do nordeste brasileiro, em específico o povo Pankararu.

Os indígenas que foram e também são meus alunos (as), possuem em seus fenótipos características físicas variáveis, devido os processos de constituição miscigenada que passaram ao longo dos anos, estes são negros, brancos ou pardos, em meio a estudantes de cores diferentes, de uma periferia diversificada que também foi formada pela sua pluralidade social de imigrações nordestinas desde os seus processos migratórios iniciados nos anos 30 e 40, no chamado de êxodo rural, dos interiores brasileiros, a exemplo do Nordeste para São Paulo, aqui se estabeleceram na região do distrito do Morumbi, onde se assentaram efetivamente na década de 1950 e 1960.

Os Pankararu são originários principalmente da Aldeia Brejo dos Padres, localizada entre três municípios os quais são Petrolândia, Jatobá e Tacaratu, no estado de Pernambuco é considerada uma das novas nações indígenas formadas a partir da união de várias etnias nordestinas, no final do Séc. XVII, esse é um dos fatores que definem suas variações físicas.

Em 1956, passaram a se estabelecer definitivamente em núcleos familiares e com a vinda das suas mulheres formou-se uma favela: “A ocupação irregular e desregrada do local formou uma favela, inicialmente conhecida como “Favela da mandioca”, posteriormente assumindo o nome “Favela Real Parque””. (ALBUQUERQUE 2010, apud LOPES, 2011, p.34). Após assassinatos de vários indígenas pelo tráfico, na década de 90, entre eles um filho de um cacique, a FUNAI os reconheceu como primeiro núcleo de indígenas em con-

texto urbano na cidade de São Paulo, com isso surgiu uma PSF no Posto de Saúde e a implementação de sua principal Associação comandada pelo cacique Fernando, depois Bino, Nalva e atualmente a liderança Socorro. Assim, acompanhados de seus encantados, reafirmando suas heranças culturais e tradições, este maravilhoso legado sociocultural localizado às margens do Rio Pinheiros, deu-se principalmente neste bairro.

Na minha época inicial dentro da EMEF em 2012, passei a desenvolver aulas e projetos que trabalhassem a diversidade brasileira, mas o principal divisor de águas só ocorreu em abril de 2015, quando em um passeio de lazer em uma feira indígena no Conjunto Nacional na Avenida Paulista, local onde me deparei com os documentários produzidos em DVDs, pela Associação Indígena S.O.S Comunidade Indígena Pankararu, “São Paulo: A Terceira Margem Pankararu” e “Eu Venho do Mundo”, ambos abordando sobre os povos indígenas em contexto urbano.

Comprei e assisti aos documentários e nas aulas passava para os estudantes e um mundo novo de conexões se descortinou dentro do meu ser e principalmente para os educandos, pois foram imprescindíveis as identificações e os reconhecimentos com as pessoas, espaços e lugares, da comunidade e na aldeia, ali documentados. Juntamente com eles reaprendi a reaprender, e busquei estudar com profundidade a memória dos nossos povos originários brasileiros e em específico dos Pankararu e da região nordestina.

Surgiu naquele ano o projeto “Eu Venho do Mundo Raízes Pankararu” que iniciou com os alunos da EJA, e foi se aprimorado, aprofundando e potencializando ao longo do ano de 2015 e 2016, durante as nossas aulas arte, desenvolvidas dentro de uma sala de aula comum, onde se tornou um importante Memorial Indígena para a Cidade, em espaço educativo, novo lugar de referência para as tradições, memória, as práticas culturais do povo Pankararu e atualmente de diversos povos indígenas em contexto urbano, que também reconhecem o espaço em cada encontros e eventos festivos promovidos, para a permanência das culturas afirmativas na escola.

Foi assim que passei a aplicar a LEI 11.645/08, inicialmente como um tema transversal e que hoje constantemente nas aulas promovidas no espaço e no entorno, onde busco entrecruzar os conteúdos para as relações étnico-raciais indígenas com os conteúdos do ensino da arte, em uma nova perspectiva curricular contemporânea, embasada na pedagogia da decolonialidade e autonomia freiriana.

Ressalto que decolonizar não é trocar uma cultura pela outra, por isso os educadores na América Latina que trabalham este conceito, não utilizamos a palavra descolonizar, com o “s”, mas sim “decolonizar”, pois não é um processo de trocar uma cultura pela outra, como ocorreu com o colonialismo eurocentrismo, mas sim, possibilitar uma horizontalidade de saberes e práticas curricular que busca valorizar, interligar, relacionar, reconhecer, fortalecer e reviver saberes e práticas da cultura local e principalmente o resgate das memórias dos povos tradicionais, relacionando com a pluralidade do conhecimento humano mundial, através dos processo metodológicos do sentir, vivenciar, interagir, ser, experimentar... Na busca de uma equidade plural, de valorizações e respeitos pelas diferenças e o protagonismo infantil, juvenil autoral dos alunos e alunas.

Ressaltamos que o projeto encontra-se em sua terceira fase, pois a sua potencialidade continua a provocar as relações de pertencimento e resistência dentro do espaço educativo, visto que o desconhecimento dos saberes históricos referentes as memórias e tradições das populações indígenas brasileiras ainda são desconhecidas, nas demandas recebidas de novos professores e estudantes não indígenas, na escola a cada novo ano, em virtude da falta de ênfase da aplicabilidade da Lei 11.645, nos currículos escolares brasileiros, assim como o legado que temos do apagamento histórico naturalizado ao longo de séculos e petrificado nas diversas gerações e regiões da cidade e da nação, o qual continua a promover estereótipos e lacunas.

Por esse motivo é de extrema importância a promoção e continua aplicabilidade das leis 10.639 e 11.645, em todas as escolas brasileiras e principalmente em nossa comunidade e EMEF José de Alcântara Machado Filho, a qual convive cotidianamente com educandos indígenas e não indígenas, sempre recebendo novos estudantes tanto das aldeias de Pankararu, devido o cordão umbilical estabelecido no processo migratório flutuante continuado, e principalmente para acolher todos que nascem nas comunidades por ela atendida.

No ano de 2015, em conversas com responsáveis e com professores mais antigos e através das profundas pesquisas fiquei sabendo que há cerca de oito anos, havia uma presença maior das danças, dentro da escola, como o Toré com o os “Praiás” por volta de 2008 por exemplo e que de lá pra cá, essa conexão havia se perdido, foi assim que surgiu o objetivo geral e também com as reuniões promovidas pela nossa Diretoria de Ensino referentes a Educação Integral, assim seria.

## OBJETIVOS

Como objetivo geral em todas as fases temos a importância de reafirmar a intenção e fortalecer permanentemente a EMEF: José de Alcântara Machado Filho, como um espaço de preservação da memória, das práticas e tradições indígenas e do povo Pankararu, através das aulas em suas parcerias interdisciplinares; assim como possibilitar a aplicabilidade da lei 11.645, no contexto escolar e sua multiplicação intercultural e multidisciplinar.

Assim, como produto da primeira fase do projeto “Eu Venho do Muno Raízes Pankararu” tivemos a materialidade física da construção de um espaço que atualmente resguarda e preserva objetos da memória cultural dos povos indígenas, constituídos na maioria do povo Pankararu.

Conhecer obras artísticas de diferentes períodos históricos que retratam a cultura indígena, como a obra natureza morta: “Mandioca”, de Albert Eckhout, para contextualizações com o surgimento do nome de origem “Favela da Mandioca” e as raízes, assim como as obras dos viajantes europeus, possíveis desdobramentos na arte moderna e contemporânea, abordando noções de cultura presentes nos livros EJA Moderna de Ensino fundamental, de 6º ao 9º ano, utilizados como livro de apoio didático e referência teórica, assim como materiais apostilados produzidos pelo professor, para as aulas. Livros didáticos de arte do Ciclo interdisciplinar e autoral. Assim como literatura indígena.

### **Objetivos específicos da segunda fase 1 e 2: (2015/2016):**

Propor e construir redescobertas indígenas e da comunidade através de aulas inovadoras com apropriação de raízes como: mandioca, batata doce, inhame, cará, gengibre... Assim como vivências com tapioca, penas... Para resgatar a cultura indígena e suas relações com objetos culturais e obras de arte com técnicas de monotipia relacionando com penas e grafismos. (Estes objetivos ainda ocorrem na terceira fase na multiplicação com as crianças de ciclos diferentes e novos alunos e alunas ingressantes da EJA).

Desenvolver processos criativos a partir de vivências por meio desses alimentos, para o resgate de memórias afetivas e sensoriais. (Através do Tato, dos sabores e outros desdobramentos). É importante ressaltar aqui o desdobramento na parceria interdisciplinar com a professora de ciências, onde os alunos foram contemplados com o conhecimento científico dos tubérculos e das raízes, onde permeou retomar sobre conceitos de Botânica com destaque para as angiospermas, fisiologia vegetal das raízes. (Este objetivo tam-

bém se desenvolve para a terceira fase com novos estudantes ingressantes da EJA estudantes).

Coletar materiais da cultura e tradição indígena em específico dos Pankararu, como desenvolver materiais artísticos (produções individuais e coletivas dos alunos) e audiovisuais (gravações de depoimentos), para darmos início à construção de um pequeno espaço de referência e memória, que valorize e reafirme suas tradições dentro da escola. Neste momento a comunidade indígena teve importante papel quando o acervo começou a ser doado pelos próprios indígenas, alunos e responsáveis que trouxeram desenhos, imagem fotográfica, monografias, assim os alunos passaram a ter contato direto com estes objetos no cotidiano, com a construção de um pequeno espaço dentro da sala multiuso/Arte, local das aulas e que foi construída ao longo do projeto.

Buscar a conexão entre comunidade do Real Parque e Aldeia Brejo dos Padres em Pernambuco, para que ocorra a multiplicação e a conexão entre territórios educativos, escola, comunidade, São Paulo e Pernambuco.

Observação: Ainda ocorrem doações de materiais por indígenas e de outras etnias também na terceira fase, assim como eu mesmo enquanto educador fui também comprando materiais para ajudar as comunidades, pois muitos sobrevivem de seus artefatos culturais (artesanatos).

### **Objetivos específicos da fase 3 (2016/2017):**

Possibilitar novos caminhos e multiplicar as experiências das aulas com raízes, tapiocas e milhos, para trabalharmos com as crianças do Ciclo de Alfabetização indígenas e não indígenas dentro do espaço constituído, através do diálogo entre as aulas de arte e as relações étnico-raciais, para que esse processo passasse a contribuir para a formação do conhecimento e o reconhecimento das culturas originárias, das memórias indígenas brasileiras e do povo Pankararu.

Trabalhar o ver, o sentir, o vivenciar e o ser através de experiências estéticas, com os objetos culturais do espaço e o ambiente externo ao memorial, como o contato com a natureza, as experimentações corporais interagindo com raízes, os alimentos, as tintas, os processos sensoriais, na perspectiva que as crianças buscassem suas interações e descobertas de si, para com o outro e o meio vivo das aulas, seus processos autônomos, impulsionando o protagonismo.

Assim como utilizar projeções dentro do memorial para conhecermos virtualmente a diversidade dos povos e suas diferenças.

Trazer alunos/pais indígenas de outros períodos, como os que estudam na EJA, da própria comunidade ou externos da comunidade, de outras etnias, para participarem de aulas e proporcionar novas vivências, assim como apresentar os registros na rede social, para que a comunidade e os responsáveis possam acompanhar o cotidiano das aulas.

## EDUCADORES ENVOLVIDOS

Keila Rodrigues (Atual diretora), Shirlei Aparaceida Andrade (Antiga diretora); Kátia Aparecida Castro (Professora de Ciências), Cláudia Cardoso (Professora de Sala de Leitura), Lizangela Simões (POIE SALA de Informática), Cyntia Correa Neves (Professora de Fundamental I) Lucimeiri Bueno (Professora de sala de leitura), Cyntia Correa Neves (Professora de Fundamental I), Edely Zan (Professora de Fundamental I), Raquel Freitas (Professora de Fundamental I), Jussara Vasconcellos (Professora de Língua portuguesa), Camila (Professora de Fundamental I). Lizangela Simões (POIE SALA de Informática).

## METODOLOGIA

Primeiramente preciso ressaltar que este trabalho com as crianças teve início no ano de 2016, no primeiro semestre, ano em que voltei a trabalhar com os pequenos, nas aulas em tempo regular e com a educação integral, porém o projeto Raízes Pankararu, como já havia dito na justificativa, teve seu início com as turmas de EJA em 2015, até 2016 e nos trouxe como matéria daquele primeiro percurso construído, neste processo contínuo um Memorial Indígena na Cidade de São Paulo em um contexto escolar, o qual obteve diversos reconhecimentos no ano de 2016, dentre eles no Instituto Arte na Escola Cidadã, também como um dos dez Territórios Educativos premiados pelo Instituto Tomie Ohtake, Estácio e Secretaria Municipal de Educação, assim como o professor em destaque da rede municipal de educação do ano.

Este recorte da nova fase do projeto com as crianças do Ciclo de Alfabetização se deu no ano de 2016, caminhando pelo ano de 2017 até na fase de execução finalizada aqui descrita, pois é um projeto de longo prazo, que se encontra na transição do encerramento e do início de uma nova e ter-

ceira fase, pois as fases de um projeto dependem do seu tempo e do seu ciclo de vida que é progressivo.

A metodologia aqui apresentada será referente ao trabalho de multiplicação e desenvolvimento para outras faixas etárias, em específico com o Ciclo de Alfabetização, estas crianças iniciaram seu contato quando eram do 1º ano, em 2016 e hoje estão no 2º ano, da Educação Integral, onde sou professor especialista de Arte.

Assim como na primeira fase inicial do projeto Raízes Pankararu com as turmas da Educação de Jovens e Adultos, as crianças também passaram por cada etapa das aulas que os adultos tiveram, porém gostaria de afirmar que é muito prazeroso e de uma profundidade enriquecedora o trabalho com os pequenos, pois elas estão despidas dos engessamentos da vida e ávidas pelo conhecimento.

O espaço físico construído como ambiente da memória indígena tornou-se um espaço para o aprendizado constante das aulas de arte, entrecruzado com os conteúdos étnico-raciais das memórias indígenas, longo foi o caminho para materializar o espaço e tê-lo hoje como lugar das aulas, que envolvem turmas diversas das quais tenho o contato cotidiano.

Ter o espaço organizado para receber as crianças é fundamental e contribui muito nas suas experiências, relações e apropriações do conhecimento.

Disponibilizar as raízes dentro ou fora das cestas, para as aulas dos chamados “Seres Raízes”, no meio do espaço sobre as esteiras de palha de “Taboa”, onde as crianças ficam sentadas, deitadas, livres dos sapatos e das amarras cotidianas da sala de aula mais tradicional e comum, faz com que elas adentrem um novo universo, o universo de um mundo circular, de saberes ancestral, acredito e que esse mundo enriquecido contribui e potencializa o imaginário e as dinâmicas das aulas apresentadas.

O ver, o sentir, o vivenciar, o ser, aprofunda e adentra todos os caminhos de relação com o corpo, apresento as raízes, as tintas e com sua liberdade imaginária elas passam a produzir seus “Seres Raízes” que resgatam as bases alimentares dos povos originários, com a batata doce, mandioca, inhame, cará, assim elas vão pintando pontos, linhas ou buscando outras relações com as tintas e as cores sobre os alimentos e vão enchendo de vida e animação os seres inanimados alimentares que a natureza nos possibilita, que estão nos seus cotidianos e dentro das aulas são ressignificados com os novos experimentos artísticos e corporais.

Com elas aprendi que outros caminhos existem, tanto para chegar na experiência com as raízes, ou após o trabalho artístico, pois em turmas diferentes os caminhos foram diferentes. Teve uma turma que iniciei colocando as raízes nas suas frentes, dispus os pincéis, tintas e papéis, na sequência fui possibilitando que construíssem com desenhos suas raízes, de seres imaginários, assim quando passavam para a pintura sobre as raízes, o universo dos seus imaginários tomava conta do processo criador, onde cobras, joaninhas, pássaros e até ovos iam surgindo, em suas composições.

Desenhar também os objetos culturais pertencentes ao memorial com penas, tinta e papel, a partir da observação também foi um processo enriquecedor neste ambiente, pois se desconstrói a rigidez do lápis.

Outro método de execução dentro dessa fase multiplicadora do projeto com as crianças, foram as vivências com as aulas de tapiocas, tanto brancas e depois coloridas, com tintas e pigmentos feitos com leite condensado e chocolate, ou calda de morango para desenhar sobre a tapioca feita pelas crianças, dentro do memorial, as aulas se tornaram inesquecíveis, isso ocorreu no segundo semestre do ano passado, nestas aulas, permitia as crianças utilizarem os artefatos culturais do memorial, como colares, chapéu, cocas de penas... Sobre o papel craft fomos produzindo as tapiocas e depois, desenhando sobre elas e na sequência sentíamos o seu sabor, a arte produzida, também é ingerida, por isso que quando voltamos este ano a primeira coisa que me perguntaram: “Professor vamos fazer tapiocas?“, Claro!

Também fizemos as tapiocas coloridas a partir da coloração de beterraba para a cor rosa, couve, para o verde e de cenoura, para o laranja, com massa de polvilho doce, o tocar na massa e amassar as cores dentro dos pratos de barro, que são utilizados como utensílios para colocar o alimento pelo povo Pankararu, foi de uma experiência que acredito, que elas nunca vão esquecer.

Neste início de ano de 2017, devido a entrada de novos professores de arte na escola, a mudança de gestão e o crescimento do memorial, foi necessário fazer a sua mudança do espaço que estava, para o antigo espaço anexo ao prédio principal, o primeiro local que era um depósito de carteiras e móveis quebrados quando cheguei há seis anos no Alcântara, porém, gosto de ressaltar que esta mudança de espaços físicos, foi muito importante para os novos caminhos que esta nova fase do projeto adentrou, ficamos mais próximos da natureza, na antiga chamada sala de Arte da “Torre”, o me-

memorial desceu e foi reconstruído dentro de um mês, tendo um novo lugar só para resguardar a memória material e imaterial do povo Pankararu.

Em abril deste ano de 2017, para reinaugurar novamente o espaço conquistado na primeira fase do projeto, fizemos uma grandiosa festa da cultura indígena do povo Pankararu do Real Parque em parceria com a ONG Casulo, o que hoje passou a integrar o calendário da escola e o “Praiá” (Máscara de uma palha chamada “croá”, que é extraída e específica das vestimentas desse povo em sua aldeia de origem e simboliza seus encantados protetores, foi levantada dentro do memorial, chamam de levantamento o momento específico dentro do ritual, quando o indígena que veste o roupão, entra em contato com o seu encantado, que neste momento passa a ficar manifestado, em seu corpo), assim como a antiga gestão, a nova se apropriou e fortaleceu mais ainda o projeto.

Ainda nos falta recursos para melhorar a parte externa, mas em cada aula, em cada dia que posso, vou tentando melhorar juntamente com as crianças, jovens e adultos, buscando caminhos para a apropriação cada vez mais do espaço e do seu entorno, assim foi surgindo a experiência estética entre o memorial e a natureza, como vou descrever nas próximas linhas.

Uma grande escadaria em meio às árvores fica neste espaço que possui um declínio, depois de trabalhar um pouco os grafismos corporais e dos objetos indígenas, coloquei um papel branco na escada, que ficou parecendo um tapete, depois foi batizado de banquete pelo imaginário das relações que as crianças tiveram, quando fui propondo que fossem desenhando grafismos e misturando com linhas observadas nas árvores e em galhos, fiquei impressionado com o desdobramento que elas deram para esta experiência, a liberdade do espaço natural externo, aliada com os elementos coletados por elas na própria natureza (folhas, galhos e até uma pimenta que não sei onde encontraram), se misturaram com cada degrau da escadaria, em meio a pinturas, brincadeiras e as descobertas individuais e coletivas, eu não tinha mais controle sobre a experiência, passei apenas a estimular os pensamentos e fazer o registro dos seus corpos e das relações que elas iam buscando em sua grande composição estética.

Depois dessa aula fiz a introdução do milho, possibilitando um novo conhecimento de base alimentar indígena, que é a principal do povo Guarani, assim surgiu os “Seres Milhos Arco-íris”, onde as crianças passaram a criar experiências de seres com milhos e depois pintamos os milhos com tinta guache colorida, um dos alunos levou milho e comemos pipoca neste dia,

as aulas passaram a transitar entre o externo em contato com a natureza e no espaço interior do memorial, assim em dias de sol e calor, ficamos fora e em dias de frio ficamos dentro.

Dando possibilidade e continuidade da integração dos alimentos, com os objetos culturais, das relações sensoriais com corpo, nas trocas individuais e coletivas, um aluno chamado Carlos e que infelizmente teve que retornar para Pernambuco neste ano, me fez a proposta juntamente com a turma, quando no dia que ia avaliar, pois ia pedir que me falassem sobre suas raízes pintadas, as crianças entraram no memorial e começaram a fazer postura de meditação, foi ali que compreendi a necessidade de valorizar o trabalho de autonomia das crianças, através das suas linguagens corporais.

Foi neste dia que ao invés de pedir que falassem oralmente de suas raízes, sugeri que cada um segurasse cada raiz em suas mãos, coloquei uma trilha sonora do filme Avatar que tenho e para a minha surpresa, eles e elas começaram a meditar com suas raízes, fazendo movimentos acompanhando o Carlos, aluno que hoje esta de volta na sua aldeia, porém os registros em vídeos das aulas nos fazem obter a profundidade desta rica experiência que passou a sensibilizar seus protagonismos durante as aulas.

Assim passaram a buscar seus movimentos pessoais, este dia foi um marco para mim enquanto Arte Educador, pois compreendi a liberdade e a necessidade cada vez mais da autonomia das crianças nesta fase de suas infâncias, passamos a ter a meditação das aulas com raízes e com objetos indígenas do memorial, estas aulas passaram a ser uma constância, sempre que percebo que eles estão muito agitados, faço a proposta de meditar com os objetos, porém meditação não significa ficar parado ou calados, o silêncio faz parte, porém o falar e o permitir os sons diversos que surgem naturalmente são fundamentais nas meditações interativas com o corpo e como se dá em diferentes formas, que também nos leva para o universo do brincar, do interagir, do aprender.

Também retomei inúmeras vezes as aulas das raízes, com milhos e tapiocas, uma delas, foi quando convidei um aluno da EJA que é pai e é Pankararu, para vim contribuir com o seu conhecimento da pintura corporal, ou com as vivências com indígenas convidados de outras etnias.

Gostaria de ressaltar que professoras do segundo ano e de outras áreas do conhecimento como ciências, língua portuguesa, informática educativa, tanto nos anos anteriores como neste corrente tornaram-se e conti-

nuam sendo grandes parceiras neste processo, pois muitas vezes em suas aulas contribuíram com a continuidade dos estudos das crianças, possibilitando pesquisas sobre a diversidade do povo brasileiros e os diferentes povos indígenas, assim como suas práticas culturais, seja na sala de informática, leitura e na própria sala regular de ensino.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

**Fase 1:** “EU VENHO DO MUNDO, A REAFIRMAÇÃO DAS RAÍZES PANKARARU NO CONTEXTO ESCOLAR”

O Início do projeto em 2015, implementação com a EJA Educação de Jovens e Adultos, fase que teve o reconhecimento do Instituto Arte na Escola Cidadã, na categoria da EJA em 2016, premiado com o VXII Arte na Escola Cidadã e desdobramento para a fase 2, quando a comunidade indígena retorna novamente para o espaço da escola e a conexão com a Aldeia Brejo do Padre em julho de 2016.

Comecei a trabalhar as relações com a arte, quando descobri que a favela do Real Parque inicialmente chamava Favela da Mandioca eu peguei uma obra do artista viajante holandês Albert Eckhout, que tem uma pintura chamada mandioca. Foi aí que eu tive aquela sacada: “vou começar a associar às raízes”. Comprei as raízes e em casa, comecei a coletar objetos indígenas. Levei tudo pra escola, criei um cenário para as aulas. Nós experimentamos o toque e o cheiro, comemos as raízes, desenhamos observando cada detalhe delas, fizemos tapioca. Depois, propus que os alunos com materiais diversos criassem seres raízes: a partir dos alimentos, os alunos usaram a criatividade para criar seres indígenas ou seres da natureza com raiz, construindo caminhos para o memorial espalhei penas na sala e os alunos a utilizaram penas para desenhar, estudamos grafismos com monotipias feitas com dedos e penas. Na contextualização com vídeos viajamos para a aldeia Pankararu e sua cultura seus objetos e rituais.

**Fase 2:** O projeto passa a se denominar: “EU VENHO DO MUNDO, RAÍZES PANKARARU- PARA CONEXÕES TERRITORIAIS DAQUI PRA LÁ, DE LÁ PRA CÁ.” Nesta fase de ampliação e multiplicação da arte com os saberes da comunidade, tivemos o reconhecimento pelo Instituto Tomie Ohtake como um dos dez prêmios do Territórios Educativos de 2016, como podemos observar no documentário.

Nesta fase os valores e dos saberes entre escola e comunidade se entrelaçaram profundamente, a comunidade passa a se empoderar da escola e a escola se torna novamente um lugar das tradições dos saberes indígenas, ressalto aqui o momento de conexão com a Aldeia Brejo dos Padres em Pernambuco, quando no recesso de julho de 2016, viajei 15 dias para buscar e me aprofundar nas origens no próprio território indígena, levando os materiais de registros de vídeos e fotos para a aldeia, onde ocorreu uma aula em parceria com os educadores indígenas e caciques, para com os estudantes de lá.

Foi o momento em que o povo Pankararu legitimou o projeto e me dignificaram a permissão da multiplicação de alguns saberes através da educação, na cidade de São Paulo.

**Fase 3:** Momento atual, onde foi descrito o desenvolvimento metodológico que esta em curso em 2017, com a multiplicação para o Ciclo de Alfabetização “EU VENHO DO MUNDO, RAÍZES PANKARAU: UM MEMORIAL ENCANTADO DO OUTRO LADO DO RIO”, esta fase tem previsão de término no final de 2017.

Fase que se desdobra com mais profundidade com as três turmas de segundo ano e iniciando paralelamente com as turmas de primeiro e terceiros anos, a qual já esta abrindo os caminhos para a fase 4 que poderá ser chamada de: “A FLORESTA CANTA”.

## **CRONOGRAMA**

Início da primeira fase: 04/2015;

Término da primeira fase: 06/2016;

Início da segunda fase: 07/2016;

Término da segunda fase: 11/2016;

Início da terceira fase: 08/2016;

Provável Término da terceira fase 11/2017;

Construção de um espaço para que o aluno saia do contexto e da formação enfileiradas cotidianas, assim a sala multiuso/arte a qual abriga o memorial indígena que foi construído com os objetos coletados, trazidos pelos alunos e pela comunidade indígena. No início nesta sala sobre uma

esteira, colocava as raízes e os objetos culturais diversos que dispunha e no entorno, folhagens e as carteiras. Ressalto que por ser um trabalho com EJA noturna, dificilmente conseguíamos sair para visitar espaços culturais por não ficarem aberto no horário da noite, mas para pesquisa e catalogação do memorial utilizamos a sala de informática que nos levou também para o Acervo Olavo Setubal do Itaú Cultural. Quando fomos fazer a aula com tapioca os alunos trouxeram frigideiras e até um pequeno botijão de gás para a sala. Momento marcante foi um deslocamento para o Seminário do Agosto Indígena no Amorim Lima, os alunos do noturno participaram e para a composição da mesa chamei os pais e alunos Pankararu.

### **Fundamentação teórica:**

Como base duas dissertações: Cura encantada: Medicina tradicional e Biomedicina Pankararu do Real Parque, de Rafael C.C.Lopes; “Do Outro Lado do Rio” de Carolina Falcão Motoki, serviram para aprofundar a pesquisa da etnia ao longo do trabalho e o memorial. Um pequeno catalogo: “Eu Venho do Mundo” os indígenas na cidade de São Paulo, que encontrei da sala de leitura da nossa escola e que serviu para rebatizar o projeto que antes era apenas “Raízes” e também para reutilizar questionamentos; os livros Quebrando Preconceitos dando subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas e Arte indígena no Brasil de Els Lagrou despertou para as aulas com grafismos e as diversidades étnicas originais brasileiras. Os livros didáticos EJA Moderna de 6º ao 9º ano, utilizados na nossa escola PNDL até 2016, nos subsidiaram as contextualizações de cultura e arte e dos artistas viajantes, a obra de Eckoult, o Povo Brasileiro na matriz Tupi-Guarani e os documentários citados no início.

## **AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

É bem interessante quando os que chegam agora perguntam: Mas porque você fala tanto de indígenas? Isso faz com que eu retome alguns processos em alguns pontos para adaptá-los no contexto, abro novamente diálogos... O processo de avaliação com a EJA é muito na oralidade participativa e contínua, pois eles trazem e deixam seus conhecimentos. Há os registros descritivos e visuais do início, assim como, os depoimentos orais em vídeos da 4ª etapa final do ano passado e deste ano, tem aulas que busco passar os depoimentos de alunos do ano anterior, para eles também observarem o aprendizado, onde puderam escutar o que foi absorvido pelo outro, a partir

desse material eu consigo também repensar algumas práticas na busca de aprofundar os diálogos e processos. Os registros fotográficos e em vídeos de todo o percurso do trabalho estético das vivências com raízes, penas e monotípias, os registros da retomada indígena para a escola. A aplicação da prova bimestral objetiva.

A avaliação das crianças nesta fase atual se dá através da participação contínua e envolvimento com as aulas, o observar de si e do mundo e principalmente do experimentar.

Acredito que cada momento foi muito significativo dentro deste trabalho para todos os envolvidos, principalmente para os alunos e a comunidade indígenas que foram aos poucos acreditando, se reafirmando e fortalecendo suas identidades, suas raízes em cada momento de vivência cultural, visual e estética. Quando entrei em contato com a presidente da associação a senhora Nalva ela no início do trabalho me disse: “Professor, eu nunca tinha visto alguém desta escola querer fazer um trabalho com a gente...” Após oito anos ver a dança dos Praiás e ver eles e demais indígenas felizes se permitindo ao registro da fotografia na sala multiuso/arte na frente do memorial, ver a preparação do ritual de comida dentro da escola. A aluna Amanda da EJA que tinha muita vergonha se permitir ao depoimento falando da importância para ela e sua família, Seu Cícero que hoje esta no ensino médio comprava raízes para as aulas, ir até a matriarca Pankararu na sua casa tendo seu neto lhe entrevistando...

Referente à minha auto avaliação: A minha principal palavra após os antigos projetos desenvolvidos e os anos de aprendizagem nesta escola e na Rede Municipal de São Paulo é a desconstrução, que proporciona para uma nova reconstrução, um reaprender novamente, fazer dos alunos os principais autores e protagonistas da obra em todo o percurso do trabalho, das aulas, desdobrar para a comunidade escolar, buscar parcerias, só assim o trabalho torna-se transformador para o aprendizado na vida de todos, tanto alunos como professores. Registrar o desenvolvimento do processo é imprescindível para retomar partes que não foram contempladas, assim como aprofundar, pois é o que ajuda a compreender onde estão as lacunas e observar onde podemos desdobrar para um caminho que possa fugir do principal objetivo e das especificidades propostas. Há também o condensar, enxugar mais, porém há costuras que são necessárias, pois a arte tem um dinamismo vivo... 45 minutos de aulas espremidas entre outras áreas, faz com que busquemos novas articulações, fazer parte de grupos de GTs Étnico-Racial, assim como verbas

engessadas pela burocracia não impedem o trabalho, basta sentir a voz que vem de dentro do coração. Estar presente no cotidiano escolar é fundamental para construir as afetividades com os alunos. Também me resgatei, pois nasci no Pará, tomando açaí e tacacá na cuia desde pequeno.

Quando a presidente da associação me disse professor faremos nossa festa na escola este ano e a vacinação da gripe H1N1 dos indígenas e parentes de outras etnias que vierem fazer parte do evento, nunca pensava que seria tão abrangente este trabalho, mesmo com todas as dificuldades, onde em alguns momentos achava que não ia dá conta de caminhar, meu coração me dizia: Continua! Esses jovens, adultos, adolescentes, crianças, familiares precisam de alguém por eles, que acreditem neles, é a resistência de um povo! Aprendi muito, até mesmo quando precisei me desconstruir inúmeras vezes em outros projetos que acreditei que estavam no caminho certo, mas neste também sempre penso que falta mais alguma coisa, a arte é transformadora para todos os lados envolvidos e todos os dias há algo novo que devemos colher. Quero em outro projeto que eles conheçam outras etnias indígenas mais profundamente também, Interligar esse trabalho com os Guaranis, Pankarares, Kariri-Xokós... Sou Paraoara do PA.

Gostaria de ressaltar que hoje como reconhecimento do prêmio dos Territórios educativos, retornei a estudar na Pós Graduação de ensino Superior na Universidade Estácio, fazendo MBA em Gestão de Projetos e acredito poder contribuir para a educação paulistana com o conhecimento cada vez mais sendo adquirido.

## DEPOIMENTOS

*“Boa parte dos nossos alunos são dessa origem e a gente tinha essa percepção de que muitos alunos tinham vergonha. A gente percebeu que abrindo a escola por meio de eventos, de festividades, a escola acabou virando um referencial e isso acabou de certa forma reforçando essa identidade, essa cultura.”*

**Alexandre de Campos Lima, coordenador pedagógico**

*“É uma educação que olha pra sua história, que olha pra aquilo que a constitui. É isso que se propõe a ser educação integral, uma educação inteira, uma educação que não cuida só do intelecto.”*

**Anna Cecília Simões, supervisora escolar**

*“Eu acho que pra eles fica até melhor não ter mais vergonha de dizer que é indígena. Então, com isso a gente aprendeu muita coisa, fala mais na escola, quando tem uma aula sobre isso, por que antigamente a gente só falava sobre índio quando era dia 19 de abril.”*

**Valdete Santana Felix, aluna**

*“Eu aprendi que eu não tenho que fugir das minhas raízes, eu não tenho que fugir do que os outros falam e do que os outros pensam.”*

**Heleno Viera da Silva, aluno Pankararu**

## 3º LUGAR

Projeto:

**EMEBS Anne Sullivan: a escola como espaço de luta e de conscientização**

Unidade Educacional:

**EMEBS Anne Sullivan**

Responsáveis:

**Viviane Marques Miranda e Dario Leite Resende**

### RESUMO DO PROJETO

Na perspectiva étnico-racial na EJA da escola bilíngue para surdos, desenvolveu-se a experiência para a promoção e valorização da diversidade étnico-racial; em articulação com a temática da surdez, com três turmas de E.F. II do noturno. Na perspectiva freiriana, realizaram-se ações interdisciplinares para garantir uma diversidade epistemológica não-hegemônica com ênfase para as categorias racialidade e surdez, com apoio do filme “Estrelas Além do Tempo” (2016). Os resultados revelaram as baixas expectativas profissionais e escolares dos educandos.

### JUSTIFICATIVA

No levantamento do perfil socioeconômico do corpo discente do período matutino e vespertino, referente a 2016, constatou-se que 59% dos estudantes são considerados “pardos”. A classificação utilizada foi a do IBGE. Os responsáveis pelos alunos, menores de idade, responderam à autodeclaração em nome de seus filhos.

Em 2017, aplicamos um questionário aos alunos do período noturno e do total de 13 respostas, os resultados revelam que 53,8% deles consideram-se brancos e apenas 30,8% consideram-se pardos, enquanto 15,4% declaram-se pretos. Foi saliente a dificuldade de reconhecimento étnico-

-racial nos alunos do período noturno, um dos fatores que justificou o desenvolvimento do projeto.

As três turmas de Ensino Fundamental II são compostas por jovens e adultos surdos, havendo também estudantes trabalhadores, mães, pais; com baixo nível de alfabetismo, múltipla deficiência, favorecidos por benefício assistencial de prestação continuada, histórico de aquisição linguística tardia e de sucessivas evasões escolares. Esta diversidade também justificou o desenvolvimento do projeto.

A partir de uma perspectiva freireana, utilizando categorias como relações necrófilas, dialogicidade, práxis, inédito viável e conscientização; e técnicas como círculo de cultura, levantamento do universo vocabular e tema gerador, desenvolveram-se ações pedagógicas interdisciplinares empenhadas em garantir uma diversidade epistemológica não-hegemônica.

A sensibilização inicial apoiou-se no filme “Estrelas Além do Tempo” (2016), que viabilizou discussões sobre relações étnico-raciais e, também, de gênero. Recém-lançado e elogiado pela crítica nacional e estrangeira, a abordagem da produção desconstrói alguns estereótipos, colocando o protagonismo intelectual em figuras femininas negras, fundamentais para o desenvolvimento tecnológico na NASA durante a corrida espacial americana, na década de 60, e mostrando a ascensão social de pessoas negras pela via acadêmica.

Essas são as razões para a escolha do filme; além disso, contribuiu para a seleção o perfil socioeconômico e racial dos alunos do período noturno: jovens e adultos trabalhadores não-brancos com fraca percepção étnico-racial, cujas ambições profissionais são limitadas por sua condição auditiva, por seu nível de letramento, por questões de gênero e pelo impacto da confluência desses fatores, produzindo uma série interminável de dificuldades de inclusão social e profissional, dentre outras, assim como o filme discute.

### OBJETIVOS

A educação formal é um direito fundamental e é necessária para o processo de desenvolvimento humano. Sendo assim, a escola consiste em um espaço-tempo, potencialmente, privilegiado para diminuir a desigualdade de gênero, racial, linguística e cultural, visando melhoria das condições de existência.

Nesse bojo, a Lei nº 10.639/2003, objetivando o resgate da contribuição africana em diferentes áreas na formação do Brasil, instituiu a obrigatoriedade do ensino de conteúdos referentes à História e à Cultura Afro-Brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

Por sua vez, o Decreto Municipal nº 52.785/11 instituiu a oferta de ensino bilíngue opcional aos alunos surdos nas Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBS), em que a LIBRAS é considerada a língua de comunicação e de instrução e o português é ensinado como segunda língua na modalidade escrita.

Portanto, a experiência pedagógica que será descrita conduziu-se no sentido de promover e valorizar a diversidade étnico-racial em articulação com a valorização e promoção das identidades surdas; de modo a questionar as narrativas hegemônicas que representam esses atores sociais.

Participaram do projeto três turmas de Ensino Fundamental II do período noturno (8ºE, 9ºC e 9ºD, no total de 22 educandos). Em uma perspectiva freiriana, realizaram-se ações pedagógicas interdisciplinares empenhadas em garantir uma diversidade epistemológica não-hegemônica com ênfase para as categorias racialidade e surdez.

Racialidade é a qualidade ou condição de se ter uma cor associada a aspectos físicos observáveis na estética corporal que implicariam, no limite, o enfrentamento de barreiras sociais no acesso a direitos básicos. Surdez, por sua vez, é abordada aqui conforme a perspectiva socioantropológica, cuja ênfase é na diferença linguístico-cultural da surdez e não na deficiência. As categorias freirianas utilizadas serão esclarecidas mais adiante.

### EDUCADORES ENVOLVIDOS

Climéria dos Santos Cordeiro.

### METODOLOGIA

Norteou as ações pedagógicas a utilização de categorias freirianas como relações necrófilas, dialogicidade, práxis, inédito viável e conscientização; além de técnicas como círculo de cultura, levantamento do universo vocabular e tema gerador.

Freire (1987) critica a educação “bancária”, em que o estudante é coisificado e visto como “depósito”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam (p. 33)

Essa educação, fundamentalmente narradora e depositária, estabelece relações ou traz marcas “necrófilas”, nas quais se nega a humanidade do aluno. Este não é visto como produtor de conhecimento e seus saberes são silenciados. Por outro lado, a “dialogicidade” funda uma educação libertadora, em que os papéis fixos de educador e educando como dois polos opostos são revistos e a prática pedagógica é encarada como uma construção por meio do diálogo em que o educador é educador-educando e o educando é educando-educador:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. (1987, p. 39)

Desse diálogo, nasce a investigação dos “temas geradores” como ponto de partida do processo educativo, o qual consiste na práxis, isto é, reflexão e ação sobre o mundo, visando sua transformação. Por meio do processo de conscientização os sujeitos assumem um compromisso histórico na ação contínua de fazer e refazer o mundo, dentro das possibilidades concretas disponíveis, fazendo-se e refazendo-se também a si mesmos (FREIRE, 1987; STRECK et al, 2008). E é por meio da dialogicidade que se consubstancia o processo de conscientização e que soluções praticáveis despercebidas podem ser encontradas em face de situações-limite, é o que Freire chama de “inédito viável” (1987).

O círculo de cultura é constituído pelos educandos e por um coordenador. Este tem o objetivo de oferecer condições favoráveis para a dinâmica do grupo e interferir o mínimo possível no curso do diálogo. Dessa discussão surgem os temas geradores que refletem os níveis de percepção da realidade e a visão de mundo dos educandos. Não se deve, segundo Freire (1987), prescrever um conteúdo pronto, pré-fabricado, mas buscar o programa dialogicamente. Essa

busca “se inscreve como uma introdução à pedagogia do oprimido, de cuja elaboração deve ele participar” (FREIRE, 1987, p. 69).

Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão como a ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas. (ib., p. 53)

A organização do conteúdo programático e da ação política deve, portanto, partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações das pessoas envolvidas. Finalmente, uma descrição mais detalhada das categorias utilizadas neste trabalho encontra-se na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (1987).

Em um primeiro momento, questionamos se os alunos conheciam algum engenheiro ou astronauta negros. A resposta foi quase unânime: desconheciam. Em seguida, questionamos se era mais comum ver homens ou mulheres no exercício de tais profissões. A resposta foi unânime: homens. Desse modo, questionamos acerca de quais postos de trabalho, dentro da escola, eram ocupados, mormente, por pessoas negras. Os alunos responderam: cozinha e limpeza, com destaque para a presença feminina. Em seguida, foi explicado aos alunos qual filme seria exibido e avisado que, depois, faríamos um debate.

Conforme Freire (1987), “quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando” (p. 58). A situação gnosiológica - em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza - era oportuna para “a superação do conhecimento no nível da “doxa”” (FREIRE, 1987, p. 40), isto é, para a superação dos preconceitos. Com isso, demos início à exibição da película.

O filme era legendado, mas devido a estarem presentes alunos com diferentes níveis de alfabetismo, foi feita interpretação em LIBRAS e, eventual, interrupção para esclarecimento de dúvidas pontuais. Ao término, foi realizado um debate mediado pelos professores, no qual, além de reconstruirmos o enredo da história e do contexto histórico da década de 60, a saber: as lutas dos negros americanos por direitos civis e a corrida espacial americana, investigamos possíveis temas geradores:

O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem

referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (p. 50)

A partir de suas experiências, os alunos compararam sua realidade com a enfrentada pelas protagonistas. Os principais pontos levantados foram: 1) a desigualdade racial em São Paulo é visível na distribuição demográfica da população da zona sul da cidade. Ressalte-se que o alunado da unidade escolar é oriundo da Zona Sul e do extremo sul do município. 2) A divisão sexual do trabalho também foi debatida, bem como a complexidade da intersecção de racialidade, deficiência e gênero. 3) O preconceito e a discriminação sofridos pelas personagens por serem mulheres e negras, exemplificados em suas dificuldades de ascensão profissional e de limitação de acesso ao ensino formal ao lado da realidade vivida pelos alunos surdos no contexto deles.

Pudemos, assim, apreender a percepção dos educandos acerca do reconhecimento de opressões em virtude de gênero, raça/cor e deficiência. Chamamos a atenção dos alunos para o fato de o filme propor a via acadêmica como possibilidade para transformação da realidade:

(...) a prática problematizadora, ao contrário, propõe aos homens sua situação como problema. Propõe a eles sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la. Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se “apropriam” dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles. O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca, de que os homens se sentem sujeitos. (FREIRE, 1987, p. 43)

Ressalte-se a flexibilidade do projeto, que, em seu curso, realizou ajustes a fim de atender às necessidades emergentes, sinalizadas pelos educandos, com o objetivo precípua de prepará-los para o exercício da cidadania. Uma vez que:

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 1987, p. 47)

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

### Etapa 1

A partir do filme assistido, na disciplina de língua portuguesa e de LIBRAS leu-se e analisou-se a sinopse, abordando função social, conteúdo temático e forma composicional do gênero. Os alunos também tiveram contato com outras sinopses de filmes, analisadas no próprio suporte. Em matemática, diante da cena inicial de “Estrelas Além do Tempo”, na qual a personagem Katherine, quando criança, caminha por uma estrada, contando números primos, foi proposto, por meio do crivo de Eratóstenes, o estudo desses números.

### Etapa 2

De volta ao filme, Katherine nomeia as figuras encontradas nos vitrais. Com isso, em matemática e português, estudou-se a relação dos significados dos radicais “isósceles”, “escaleno” e “equilátero” com as respectivas formas dos triângulos, a partir de uma atividade prática, envolvendo o uso de barbante para medir o tamanho dos lados das figuras. Por fim, foi trabalhado o conceito de “ângulo” com as formas já analisadas. Além disso, realizou-se leitura das horas em relógio analógico desde os diferentes ângulos dos ponteiros.

### Etapa 3

Em ciências, foram trabalhados conceitos referentes ao planeta Terra, sistema solar, satélite natural e artificial, foguete e ônibus espacial a fim de contextualizar os avanços tecnológicos da época (década de 60) e a exploração técnico-científica, responsável por levar a espécie humana, primeiro, a circular na órbita da Terra e, segundo, a chegar à Lua.

### Etapa 4

Em língua portuguesa, a partir de alguns diálogos do filme, analisamos as dêixis: pessoais, temporais e espaciais, conforme o contexto, bem como os sinais de pontuação presentes e a constituição gráfica e discursiva em por-

tuguês do diálogo em contraste com a LIBRAS cujos recursos discursivos são espaciais e utilizam expressões não-manuais.

### Etapa 5

Com o uso de mapa-múndi, trabalhamos alguns conceitos relacionados ao letramento cartográfico, fazendo uma leitura da representação espacial, sobretudo de Estados Unidos, Rússia e Brasil, por meio da linguagem textual e iconográfica: cores, pontos, linhas e legendas.

### Etapa 6

Fizemos um levantamento das profissões conhecidas pelos alunos por constatarmos que alguns desconheciam a profissão “engenharia”, presente no filme. Com a lista, discutimos os principais atributos que envolviam cada uma das profissões citadas: policial, auxiliar de produção, professor, motorista, caixa de mercado, médico, mecânico, garçom, fotógrafo, padeiro, ajudante de pedreiro e pintor. Em seguida, indagamos-lhes qual profissão exerciam ou quais objetivos profissionais teriam e quais os meios que poderiam ser utilizados para alcançar os objetivos apontados, uma vez que a partir do filme pudemos discutir que, apesar das dificuldades, é possível superar algumas barreiras.

No círculo de cultura cada educando contou um pouco de sua experiência profissional (vidraceiro, auxiliar de logística, auxiliar de produção, estoquista em loja de segmento de vestuário, ajudante de pedreiro, babá e ajudante geral). Para quem nunca trabalhou ou estava desempregado, as aspirações profissionais citadas foram: ajudante de pedreiro, estoquista em loja de segmento de vestuário, ajudante geral em supermercado, professor de português para surdos e auxiliar de produção.

Conforme Freire, “desta forma, os participantes (...) vão extrojetando, pela força catártica da metodologia, uma série de sentimentos, de opiniões, de si, do mundo e dos outros, que possivelmente não extrojetariam em circunstâncias diferentes” (1987, p. 65). Foi possível apreender um pouco da experiência e da perspectiva profissional, além das expectativas que nossos educandos têm em relação à escola. Segundo eles, estudar é importante para preencher uma ficha de solicitação de emprego ou para ler o bilhete da escola em que o filho estuda. Quando dissemos que as personagens do filme estudaram para alcançar o patamar profissional em que se encontravam, os educandos respondiam que para o surdo é mais difícil, devido à dificuldade de comunicação e à leitura do português:

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. (...). Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. (FREIRE, 1987, p. 28)

Sendo assim, após essa discussão, mostramos com apoio de imagens mais alternativas de profissões, como: médico, veterinário, advogado, engenheiro, mecânico, técnico em eletromecânica, motorista, padeiro, professor, programador de computador, policial, dentre outros; discutindo os atributos e a formação necessária para o exercício de cada uma delas.

Fizemos um levantamento com os alunos das instituições que oferecem cursos de qualificação profissional para pessoas surdas e encaminhamento para o mercado de trabalho. Verificamos que a maioria dos alunos conhecia, de alguma forma, as organizações citadas, mas desconhecia detalhes, como localização, pré-requisitos e nome do estabelecimento em português. Dessa forma, realizamos uma pesquisa na internet com os alunos a fim de obter mais informações acerca das instituições citadas.

A realidade social, objetiva, segundo Freire (1987), não existe por acaso,

mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores da realidade e se esta, na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (1987, p. 20)

Destarte, a reflexão e a ação das pessoas sobre o mundo é fundamental para a transformação da realidade. Diante das limitadas expectativas profissionais que os alunos apresentaram, trouxemos outras alternativas a fim de que eles pudessem perceber que existem mais possibilidades profissionais, além das que eles já conheciam.

Buscou-se com os educandos o que Freire (1987) chama de “inérito viável”, isto é, soluções praticáveis despercebidas pelo nível de consciência real do indivíduo no momento vivido para que alternativas possam ser viabilizadas, conhecidas, discutidas e pensadas durante a práxis educativa na busca pela transformação da realidade.

Além disso, os educandos demonstraram interesse em aprender a fazer o próprio currículo, visto que 46,2% deles não trabalham, considerando um

total de 13 respostas. Diante disso, redirecionamos as ações pedagógicas a fim de que, em uma próxima etapa, pudéssemos atendê-los.

### **Etapa 7**

Conforme Freire, (1987), a dialogicidade da educação começa na investigação temática. Assim sendo, a preocupação dos alunos com sua inclusão no mundo do trabalho e os relatos de suas experiências profissionais sensibilizou o corpo docente, que, por sua vez, procurou aprofundar essa investigação temática. Trabalhamos com o gênero currículo em sua função social e forma composicional; após o que os educandos desenvolveram seus próprios currículos na sala de informática.

Pudemos constatar o quanto a exclusão digital afeta nossos estudantes de forma contundente, pois apesar de a maioria possuir celular e utilizar redes sociais e aplicativos de jogos, grande parte desconhece usos que envolvam, sobretudo, a língua portuguesa escrita.

### **Etapa 8**

Paulo Freire (1987) criticava o caráter narrador da educação, em que se priorizam conteúdos estáticos, compartimentados e se disserta sobre “algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos” (p. 66), os reduzindo a memorizadores mecânicos e os transformando em recipientes a serem preenchidos; alimentando, assim, a “cultura do silêncio” imposto a eles. “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (p. 66), caracterizando uma visão “bancária” de educação, em que o saber é uma doação dos sábios aos que não sabem. Freire (1987) critica a rigidez dessas posições fixas. Sendo assim, os círculos de cultura oportunizam que, a partir da diversidade de experiências dos alunos, seja favorecida uma diversidade epistemológica em que o saber não parta do professor como centro, mas possa emergir de diferentes lugares e posições.

No círculo de cultura, a segregação espacial sofrida pelas funcionárias negras no ambiente de trabalho foi apontada pelos alunos como absurda. Questionamos, então, se eles já haviam passado por situação semelhante, trabalhando separados das pessoas ouvintes. Todos unanimemente responderam que não, porém, conforme o diálogo foi sendo aprofundado, apareceram relatos de separação espacial, em que o funcionário surdo exercia suas atividades em ambiente afastado daquele em que os funcionários ouvintes

exerciam as suas, como, por exemplo, em estoque, função para a qual muitos de nossos alunos são contratados.

Foram frequentes os relatos de demissões em que o aluno, na condição de funcionário demitido, desconhecia o motivo da dispensa por não ter acessibilidade linguística. Outros relatos diziam respeito à segregação linguística quase permanente no ambiente de trabalho. Ambas as situações decorreriam, segundo as narrativas, em virtude da forma de comunicação do surdo em um ambiente no qual sua língua é desconhecida; além disso, seu nível de leitura em português não seria suficiente para que informações escritas pudessem suprir sua necessidade de informação.

Preocupamo-nos em valorizar as experiências dos alunos durante os círculos de cultura, pois neste, aprende-se em “reciprocidade de consciências” (FREIRE, 1987), assim, pudemos perceber que o enfrentamento de barreiras sociais por eles é diário e incessante.

### **Etapa 9**

Discutiu-se no círculo de cultura sobre a dimensão do trabalho na vida do trabalhador, as finalidades do salário e alguns direitos trabalhistas. A partir das dúvidas dos alunos, com apoio de vídeos em LIBRAS do Ministério do Trabalho, apresentamos mais alguns direitos garantidos na CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), o que, por um lado, desencadeou uma série de relatos dos educandos acerca de desrespeito a seus direitos; e, por outro, muitas dúvidas a respeito de garantias para quem trabalha sem registro em carteira, visto que 15,4% de nossos alunos trabalham sem carteira assinada:

A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que, embora construído também por eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado a liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos. (p. 9)

A partir desse diálogo, os alunos tiveram contato com outras histórias de violação de direitos no ambiente de trabalho e tiveram ciência de que existem meios legais para protegerem sua dignidade de trabalhadores ou, como diz

Freire (1987), lutarem nesse processo de humanização através da intersubjetivação das consciências, porque:

Ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo. Se cada consciência tivesse o seu mundo, as consciências se desencontrariam em mundos diferentes e separados – seriam mônadas incomunicáveis. As consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo. Seu lugar de encontro necessário é o mundo, que, se não for originariamente comum, não permitirá mais a comunicação. (...).

(...) Na intersubjetivação, as consciências também se põem como consciências de um certo mundo comum e, nesse mundo, se opõem como consciência de si e consciência do outro. Comunicamo-nos na oposição, que é a única via de encontro para consciências que se constituem na mundanidade e na intersubjetividade. (FREIRE, 1987, p. 8)

Por fim, os alunos registraram a fonte de onde poderiam retirar mais informações acerca da legislação trabalhista para poderem consultá-la e estudá-la conforme suas necessidades.

### **Etapa 10**

Estava marcada uma greve geral para oito de março, não haveria aula e os alunos desconheciam o motivo da paralisação. Então, articulamos ao nosso planejamento atividades que contemplassem esse esclarecimento.

Os alunos assistiram algumas animações e vídeos em LIBRAS sobre a reforma da previdência, com a mediação dos professores. Houve interesse por parte deles em saber se tal reforma os afetaria também visto serem surdos e se afetaria ainda os surdos que recebem o benefício assistencial previsto na Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), cujo nome oficial é Benefício de Prestação Continuada. Os alunos do noturno que, em 2017, recebem o benefício somam 38,5%.

Em seguida, os estudantes fizeram atividades de matemática a fim de entenderem: quem são os beneficiários da Previdência Social, para que serve a contribuição do INSS, quais os benefícios adquiridos com essa contribuição e como é a aposentadoria por tempo de serviço ou por invalidez; dentre outros auxílios, salários e pensões.

A partir de holerites fictícios, foi proposto o cálculo dos valores a serem recolhidos para o INSS. Além disso, fizemos a leitura do gênero “holerite”, analisando aspectos como conteúdo temático, composicional e esfera de circulação do gênero, com ênfase para a função social do demonstrativo de pagamento e sua importância para o trabalhador. Os alunos fizeram as atividades de cálculo de desconto do INSS e os que trabalharam ficaram curiosos para conferir em seus próprios holerites as informações. Depois, com o apoio de imagens e tabelas, discutiu-se como o cálculo da aposentadoria usa o tempo de contribuição e a idade, utilizando fórmulas matemáticas.

### **CRONOGRAMA**

As atividades estenderam-se por, aproximadamente, três meses, de fevereiro a abril de 2017. Aconteceram no período noturno, com três turmas (8ºE, 9ºC e 9ºD), em um total de 22 alunos. Envolveram as disciplinas de ciências, matemática, português e LIBRAS. Utilizamos princípios e técnicas freirianas, conforme demonstrado, visando a cada momento uma prática reflexiva em diálogo com a realidade dos educandos, na tentativa de superação de relações educacionais necrófilas e desumanizadoras.

### **AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

Como parte das atividades, produzimos um mini-documentário, cujo título é “Reinventando Paulo Freire em uma Escola de Surdos” (MIRANDA, 2017), disponível na internet, no qual registramos os relatos dos alunos acerca de suas experiências no mundo do trabalho. As avaliações foram realizadas de forma contínua e processual, por meio dos círculos de cultura e de atividades que envolveram múltiplos letramentos e diferentes linguagens. Pudemos constatar as baixas expectativas que os estudantes têm em relação a perspectivas profissionais e de escolarização. Destarte, o trabalho tentou sensibilizar os educandos a se perceberem como atores sociais capazes de, por meio de reflexão e ação, se conscientizarem das múltiplas opressões experienciadas e desenvolverem ferramentas, através do letramento e do conhecimento, para a transformação de sua realidade.

Segundo Freire (1987), somente o próprio oprimido poderá entender o significado mais profundo e amplo da opressão e da sociedade opressora, buscando uma libertação que só se alcança pela práxis da busca. Por isso:

Pedagogia do Oprimido: aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele (...) na luta incessante por humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e re fará. (1987, p. 17)

Este trabalho teve como objetivo levar os educandos à conscientização de alguns dos problemas que os cercam, à compreensão do mundo e ao conhecimento da realidade social, a partir do filme “Estrelas Além do Tempo” (2016) e do eixo “diversidade epistemológica não-hegemônica” com ênfase para as categorias racialidade e surdez. Dessa forma, quisemos colaborar para que nossos alunos jovens e adultos surdos pudessem reconhecer os limites que a realidade opressora lhes impõe, tendo nesse reconhecimento o motor de sua ação libertadora (FREIRE, 1987).

## **MENÇÃO HONROSA**

Projeto:

**“É ovo de quê? Exploração, investigação e pesquisa na Educação Infantil”**

Unidade Educacional:

**EMEI Dona Maria de Lourdes Coutinho Torres**

Responsável:

**Lindalva Isabel da Silva Borges**

### **RESUMO DO PROJETO**

As crianças fizeram a descoberta de um “ninho de ovos” no muro da nossa EMEI e muito curiosas quiseram saber: “É ovo de quê?”. Foi a partir desse questionamento que emergiu nosso projeto, onde nossas crianças passaram a assumir a autoria de um processo de observação, pesquisa e investigação. Transformando seus saberes em conhecimento científico.

### **JUSTIFICATIVA**

Desde muito pequenas, as crianças, se mostram sempre muito curiosas e em constante prontidão por conhecer e compreender o mundo, por esse motivo é importante lhes oferecer oportunidades de observar e explorar os diversos seres e materiais do meio natural, assim como fenômenos físicos, químicos e biológicos inseridos no meio ambiente.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil de 2009 (DCNEI/ 2009, artigo 3), o currículo na Educação Infantil deve emergir de um conjunto de práticas que busquem articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico de modo a promover o desenvolvimento integral de nossas crianças.

Dessa forma, incentivar a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento e o conhecimento das crianças em relação ao mundo e à natureza são experiências que devem ser garantidas no currículo da Educação Infantil.

Assim como afirma Paulo Freire, no conjunto de sua obra, quando diz que não há um único tipo de saber ou experiência melhor ou pior, há saberes e experiências diferentes e todos eles vão nos constituindo enquanto pessoa: nossa identidade, valores, sentimentos, nossa maneira de pensar, e como nos relacionamos com o mundo que nos cerca.

Nessa perspectiva esse projeto surgiu a partir da valorização de uma descoberta das crianças, a fim de promover experiências e vivências que as permitissem assumir a autoria de um processo de observação, pesquisa e investigação. Transformando seus saberes em conhecimento científico.

Dessa maneira a busca do conteúdo programático da educação se constitui em um processo investigativo, e é a partir dele que se inicia o diálogo entre educador e educando. Esta investigação ao mesmo tempo deve ser igualmente definida com uma metodologia dialógica constituindo um universo temático que por sua vez reúne um conjunto de temas geradores, onde o que se pretende investigar não são os homens anatomicamente estáticos, mas sim o pensamento-linguagem materialmente referidos bem como os níveis de percepção constituídos pelo conjunto de cosmovisões. Um tema gerador não é uma criação arbitrária, ou uma hipótese de trabalho que deva ser comprovada. Antes de buscar apreendê-lo é necessário pensar sua objetividade, considerando uma constituição e momentos históricos desenvolvidos com uma reflexão crítica sobre as relações homens-mundo e homens-homens (PAULO FREIRE, 2005)

Neste contexto, foram organizados espaços, tempos, materiais e metodologias com a intenção de que as crianças pudessem observar explorar, investigar, formular hipóteses. Enfim, situações que oportunizassem a interação entre os saberes das crianças e o conhecimento científico socialmente construído.

E após muita pesquisa e investigação se deu a resposta da questão inicial: "O ovo era de lagartixa". E assim nosso projeto prosseguiu a partir da crescente curiosidade das crianças em quererem saber mais sobre as lagartixas e outros animais que apareceram em suas hipóteses.

Por fim, os ovos foram retirados do ninho para serem observados até as lagartixas nascerem. Enquanto isso, fizemos várias pesquisas em livros, revistas, vídeos, internet etc. Foram tantas descobertas e produções que todos os registros desse projeto nos renderam um documentário que foi apresentado em nossa Mostra Cultural e publicado nas páginas do "YouTube" (link: <https://www.youtube.com/watch?v=LeOybn9gnSg>) e "Facebook" da nossa EMEI.

## OBJETIVOS

- Desenvolver o prazer da descoberta, através de questionamentos, da curiosidade e da postura investigativa;
- Levantar hipóteses e realizar pesquisas sobre suas descobertas e curiosidades em livros, revistas, internet e outras fontes;
- Registrar impressões, ideias e hipóteses por meio de diferentes linguagens;
- Apropriar-se e construir conhecimentos científicos sobre os fenômenos físicos e biológicos na relação com as experiências de investigação e observação do meio ambiente;
- Apropriar-se e construir conhecimentos científicos sobre algumas características que classificam os animais em diferentes espécies;
- Aprender a respeitar e preservar a natureza, percebendo-se como parte integrante do ecossistema;
- Compreender que todos os seres vivos são parte importante do equilíbrio ambiental.

## METODOLOGIA

Partindo da concepção de que a construção do conhecimento deve acontecer através de uma metodologia dialógica em que a partir da escuta prestada à criança o educador deve problematizar, organizar e sistematizar experiências que promovam vivências em que o educando possa ser sujeito de sua aprendizagem e nesse processo possa desenvolver habilidades de aprender a conhecer, fazer, ser e conviver. Este trabalho se deu:

Promovendo a escuta às crianças através de rodas de conversa onde foi possível se acolher as questões que emergiam da curiosidade das crianças, bem como suas hipóteses, conhecimentos prévios e saberes.

Com a proposta de pesquisa em livros, revistas, internet e vídeos buscou-se apresentar às crianças informações que respondessem suas questões e/ou confirmassem suas hipóteses.

Em todas as etapas do projeto foram propostas atividades em que as crianças pudessem produzir registros de suas descobertas, hipóteses e aprendizagens através de desenhos (imaginação, observação, etc.), modelagens, colagens etc.

Também foram utilizadas outras ferramentas de registro como instrumentos que revelassem diferentes momentos do desenvolvimento de nosso projeto como fotografias, vídeos, cartazes, murais, calendários das descobertas e observações da turma. Somados aos registros individuais (portfólios, relatórios avaliativos) e coletivos das crianças que formaram a memória pedagógica de nosso trabalho.

Uma vez organizado todo este material, se produziu um documentário com a intenção de se expor, contar e recontar pelas crianças todo conhecimento que foi construído e aprendido por elas;

Todas as experiências vivenciadas pelas crianças nesse projeto foram intencionalmente planejadas e propostas de forma a garantir que as interações entre elas, materiais com os tempos e os espaços e ocorressem da forma mais rica possível.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Todas as propostas do nosso projeto procuraram desvendar o mistério inicial e solucionar a demais questões que ao decorrer dele surgiram propondo as seguintes experiências:

- Experiências de Exploração da natureza e da cultura: Valorizando e incentivando a investigação e exploração do meio natural e as descobertas das crianças, assim como seus questionamentos e curiosidades. De forma que pudessem compartilhar e ressignificar suas hipóteses e saberes discutindo e se apropriando do conhecimento científico socialmente construído sobre o meio natural em que vivemos;

- Experiências de expressividade da Linguagem Artística: Vivenciando diversas situações, as crianças foram sendo desafiadas a avançar na experimentação e na apropriação de diferentes possibilidades de desenhar, registrar e representar seus pensamentos, possibilitando o desenvolvimento da criatividade e expressividade;
- Experiências de Exploração da Linguagem Oral: Compartilhando oralmente seus saberes, descobertas e os conhecimentos adquiridos durante o desenvolvimento do projeto, também na discussão das etapas do mesmo;
- Experiências de Exploração da Linguagem Escrita: Durante as pesquisas (contato com o gênero informativo) e na produção de listas e cartazes. Onde mesmo embora o papel de leitor e escriba sejam cumpridos pela professora, promoveu-se a vivência dessa linguagem e a compreensão da função social da mesma;
- Experiências de Apropriação do Conhecimento Matemática: na contagem e somatória dos dias até o nascimento das lagartixas. Na discussão de formas e medidas como na discussão sobre se animais grandes como o jacaré pudessem caber em ovos tão pequenos etc.

## CRONOGRAMA

### 20/05

Descoberta do ninho de ovos no muro da nossa EMEI, compartilhamento da descoberta com toda a turma.

### 23 a 25/05

Roda de conversa: Apresentação da proposta de se transformar a descoberta e os questionamentos das crianças em um projeto. Abrindo espaços para que as crianças pudessem expor suas hipóteses sobre de qual bicho poderia ser aqueles ovos. Apresentando seus conhecimentos prévios sobre o tema, conhecimentos esses daquilo que trazem, que vivenciam, vêem ou ouvem falar dentro e fora da escola e também seus questionamentos;

Produção de lista das hipóteses das crianças (professora como escriba);

Produção de desenho de imaginação com o tema "Que bicho será que vai sair do ovo?"

Investigação e Exploração: As crianças munidas de lupas e muita curiosidade foram convidadas a explorar a área externa de nossa EMEI, a fim de procurarem pistas sobre qual bicho poderia ter “botado” os ovos. Nessa experiência tiveram acesso a espaços que normalmente não podiam explorar como escalar barrancos ao lado das escadas etc. E nessa proposta também recolheram materiais que pudessem justificar suas hipóteses, como penas de passarinhos, diferentes tipos de folhas, gravetos etc.;

Como a partir dessa vivência as crianças se tornaram cada vez mais interessadas em observar e investigar a área externa de nossa EMEI. Montamos um “kit de exploradores da natureza” (com lupas, potes e bandejas para recolherem amostras daquilo que achassem interessante). Assim, todos os dias nos horários de parque, pátio e campo as crianças tinham acesso (caso quisessem). Fazendo da exploração e investigação mais uma proposta para o uso desses espaços.

#### **30/05 a 03/06**

Comparação de imagens: As crianças analisaram cartões com fotos de alguns animais e seus respectivos ovos que foram sugeridos em suas hipóteses para que através das imagens pudessem fazer comparações, discutir e constatar de qual bicho poderia ser os ovos encontrados.

Após muita discussão não houve dúvidas a turma entrou no consenso de que os ovos eram de lagartixa. Começaram então novos questionamentos dessa vez sobre as lagartixas.

Produção de cartazes: Nestes se registrou o que já sabiam e queriam saber sobre as lagartixas.

#### **06/05 a 10/06**

Compartilhando mais descobertas: De uso do Kit “exploradores da natureza”, uma criança encontrou em uma das plantas do pátio uma folha com o que afirmou serem ovos de borboletas. Ele a coletou e levou para compará-la com a imagem dos cartões de pesquisa e a descoberta foi compartilhada com as crianças.

Pesquisas: Usando como fontes livros, revistas tendo acesso a portadores de texto de gêneros informativos, também sites e vídeos da internet.

“Nessa etapa as crianças estavam tão envolvidas com o tema que quiseram saber mais sobre as ‘lagartixas’ e o processo de desenvolvimento de seus

ovos: Quanto tempo levam para nascer? Se precisavam ser chocados pela “mamãe lagartixa”? Se eram venenosas? Do que se alimentam? etc.

Observação e experimentação sem prejudicar o meio natural: Ao descobirmos que os ovos não precisavam ser chocados pela lagartixa e com isso não prejudicaríamos o ecossistema, decidimos retirar os ovos do muro, confeccionar um novo “ninho” para eles e os observarmos até as lagartixas nascerem.

#### **13/05 a 24/06**

Compartilhando saberes e conhecimento com outras turmas: No momento em que ovos foram retirados do muro um deles se quebrou e já havia nele uma lagartixa toda formada, nesse momento as crianças de outra turma (Infantil I) que nos acompanhavam questionaram se aquele bichinho não seria um “dinossauro”.

Nossa turma, então foi pesquisar em livros e vídeos para explicar aos menores sobre o processo de extinção dos dinossauros. As crianças utilizaram-se de explicação oral, desenhos produzidos por elas e fizeram uma encenação com dinossauros de brinquedo.

#### **27/06 a 01/07**

Reunião de pais formativa: Foi apresentado aos pais o Projeto e a sua proposta, a fim de buscar parcerias e contribuições para o desenvolvimento do mesmo com materiais de pesquisa, investigação e relatos. Para sensibilização foi proposta uma roda de conversa onde foi solicitado que fizessem relatos de descobertas de sua infância, o que gostavam de observar na natureza etc.

#### **25/07 a 24/08**

Produção artística: Durante todo o projeto as crianças eram convidadas a fazer o registro de suas descobertas, hipóteses e constatações através de desenhos de imaginação e observação, modelagem, instalações utilizando como recursos os mais diferentes materiais que iam desde recursos gráficos (papel, lápis, giz de cera, canetinha, tinta) até recursos naturais (gravetos, folhas secas, sementes etc) que desenvolveram o hábito de recolher quando exploravam as áreas externas.

Pesquisa: Neste período as crianças continuaram o processo de pesquisa e investigação sobre as lagartixas: buscando respostas e construindo conhecimentos sobre suas dúvidas iniciais e os demais questionamentos que emergiam desse processo.

Registro em calendário: Diariamente as crianças marcavam no calendário da sala contagem de dias para o nascimento da lagartixa. Ao final de cada mês fazíamos a somatória da contagem dos dias.

Produção do documentário: A ideia da produção do documentário partiu das próprias crianças quando uma delas sugeriu: “Precisamos fazer um vídeo e colocar no YouTube, professora”. Assim as crianças participaram da elaboração do roteiro, apontando aquilo que achavam mais importante ser apresentado sobre as lagartixas, ajudaram na seleção de imagens que elas mesmas produziram para ilustrar algumas informações científicas que aprenderam e também fizeram toda a narração dos textos legendados no vídeo.

### **12/09**

Nascimento da lagartixa: Divergindo de todas as pesquisas que fizemos que apontavam de 60 a 80 dias como período de incubação. Nossa primeira lagartixa nasceu com mais de cem dias de incubação. Ela foi colocada em um pote plástico transparente para que as crianças pudessem observar, manusear, quiseram também medi - lá com uma régua e até alimentá-la com uma pequena formiga que introduziram em seu pote.

### **13/09**

De volta à natureza: Após ser muito observada pelas crianças foi devolvida ao meio natural junto no local de onde seu ovo foi retirado.

### **19/09**

Nasce a segunda lagartixa: Esta também foi muito observada e depois solta pelas crianças no mesmo local que a primeira.

### **23/09**

Mostra Cultural: As crianças tiveram a oportunidade de compartilhar tudo aquilo que aprenderam em nosso projeto com a exposição de cartazes contendo fotos de suas vivências e descobertas, a montagem de uma árvore confeccionada com caixas de papelão como telas com a proposta de ilustrar a capacidade de camuflagem das lagartixas e a exibição do documentário produzido pela turma.

### **10/11**

Reunião de Gestores: Compartilhar o documentário nas redes sociais da nossa EMEI teve uma repercussão positiva no surgimento de um convite para apresentação do nosso projeto em uma reunião de gestores na DRE de São

Mateus e o mesmo tem sido utilizado em algumas unidades educacionais em reuniões de processo formativo.

## **AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

A avaliação do desenvolvimento de cada criança nesse projeto foi feita de forma processual a partir do acolhimento das suas vozes e saberes, na observação das manifestações de suas várias linguagens em que elas se apresentam nas interações entre elas, com os espaços e materiais.

A avaliação foi contínua, através de registros escritos, portfólios, fotos, relatos, vídeos e avaliando cada criança através dela mesma não a comparando com os demais, e sim observando o que ela era capaz de aprender e ensinar, respeitando toda singularidade de suas vivências.

Dessa forma, acredito que nossos objetivos foram alcançados a medida que foi sendo garantida às crianças experiências que fizeram delas protagonistas de um processo em que elas puderam fazer descobertas, questionamentos, exploração, investigação, observação, compartilhar seus saberes e transformá-los em conhecimento capazes levá-los a compreender e a importância e o cuidado com a biodiversidade numa relação de respeito com o meio natural.

## **DEPOIMENTOS**

Quanto a mim educadora, para além do encantamento que com certeza esse trabalho me causou, também aprendi muito sobre o meu “fazer pedagógico”, no que se refere à qualificação de minha prática. Sobre a importância de prestar escuta aos questionamentos e descobertas de nossas crianças. O planejamento de propostas e intervenções que propiciem o crescente interesse das crianças e o prazer das suas descobertas, que só lhes é capaz graças ao olhar investigativo que é tão rico na infância.

Como afirma Paulo Freire: “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo e nem ensino”.

Assim confesso que a dúvida inicial: “É ovo de quê?” não era somente das crianças, também tomei como minha, pois eu não sabia a resposta para essa pergunta. E a obtive inicialmente, através de minha mãe que não teve nenhuma formação acadêmica, mas tem a vivência que traz da infância no agreste

nordestino. E com isso pude constatar que na infância podemos construir conhecimentos que certamente carregamos para uma vida inteira.

Na postura de uma professora pesquisadora, em busca de qualificar as experiências e intervenções que poderia estar planejando para a turma comecei a fazer pesquisas não somente sobre o tema do Projeto (tipos de ovos, lagartixas etc.) Mas, também sobre o processo de investigação e construção de conhecimento científico na infância, fazendo leitura de livros e artigos sobre o tema, investi em minha formação também participando de alguns cursos como Currículo Integrador promovido pela SME São Paulo.

Contudo esse trabalho me permitiu constatar que quanto mais curiosas forem nossas crianças, quanto mais objetos apresentarmos para sua exploração e mais fenômenos da natureza observarem mais potentes em sua constituição como pessoa, mais criativas serão e maior capacidade de se expressar por diferentes linguagens elas terão.

Finalizo acreditando que esse universo de descobertas, curiosidades e encantamentos que é tão intenso e prazeroso na infância, não se deve findar na vida adulta. Pois, nesse processo temos muito mais a aprender com os pequenos do que poderíamos ensinar a eles.

## **MENÇÃO HONROSA**

Projeto:

**Pais, filhos e mestres - uma conexão em tempo real**

Unidade Educacional:

**CEI Professora Maria da Glória Freire Lemos**

Responsáveis:

**Fátima da Conceição da Silva  
e Claudineide da Silva Caires**

### **RESUMO DO PROJETO**

Utilizamos a tecnologia para promover uma gestão participativa do processo ensino aprendizagem em nosso agrupamento – Mini-Grupo I C/D (turma com 20 crianças, com faixa etária de dois a três anos), tal como garante um dos pilares do Programa Mais Educação São Paulo. Nesse contexto, foi desenvolvido o Projeto “Pais, Filhos e Mestres – Uma Conexão em Tempo Real” através da criação de um grupo de whatsapp envolvendo as crianças, as famílias, educadores e gestores.

### **JUSTIFICATIVA**

Percebendo a ausência da família na Unidade e sabendo que isso refletia diretamente no comportamento das crianças pensamos em realizar intervenções pedagógicas a fim de promover a escuta dessas famílias e consequentemente identificar seus interesses expectativas e sugestões promovendo desse modo uma gestão participativa dos processos.

Atualmente a tecnologia tem sido o instrumento mais eficiente para a conquista das diferentes demandas sociais, porém, não é com base na tecnologia que nasce o aprendizado, mas com uma gestão participativa do processo. Partindo dessa premissa, surge a necessidade de nos apropriarmos da cultura da informática, criando um grupo no whatsapp envolvendo famílias, educadores e gestores.

## OBJETIVOS

Fomentar a participação efetiva das famílias por meio de uma gestão participativa no trabalho desenvolvido junto às crianças.

Compreender que todos somos capazes de aprender enquanto ensinamos e ensinar enquanto aprendemos.

Utilizar os recursos tecnológicos como um instrumento a mais para atingirmos nossos propósitos e como meio de comunicação que apoiará os demais já existentes na Unidade.

Aproximar às famílias umas das outras e da Unidade.

Oferecer uma educação de qualidade.

Estabelecer uma relação de confiança junto às famílias.

Apresentar as propostas pedagógicas da Unidade.

## EDUCADORES ENVOLVIDOS

Lúcia Emiliano da Silva e Daneci Alves.

## METODOLOGIA

- Reunir as famílias levantando interesses, expectativas e sugestões a fim de favorecer o aprendizado dos pequenos e fortalecimento das relações entre criança/ criança; criança/família/pais/professores e gestão do CEI;
- Buscar os contatos de telefone para a criação do grupo;
- Apresentar o projeto e seu regimento junto às famílias e promover a reflexão consciente sobre o uso dessa ferramenta tecnológica de comunicação;
- Estabelecer um vínculo entre as famílias compartilhando fotos e vídeos do trabalho desenvolvido pelas educadoras e consequentemente potencializando o desenvolvimento dos pequenos;
- Promover a reflexão sobre a concepção dos movimentos do brincar e da cultura infantil;

- Garantir a participação das crianças na rede de relacionamento social por mensagens de voz trocadas entre as próprias famílias e entre outras crianças/famílias do grupo.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto foi desenvolvido de modo a assegurar espaços e tempos para participação, diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização das diferentes formas em que se organizam. Nesse contexto, cada família passou a ver na professora alguém que lhe ajuda a pensar sobre seu próprio filho e trocar opiniões sobre como a experiência na Unidade de Educação Infantil se liga a este plano. Ao mesmo tempo, o trabalho pedagógico desenvolvido nesta instituição pode apreender os aspectos mais salientes das culturas familiares locais para enriquecer as experiências cotidianas das crianças.

## CRONOGRAMA

O projeto teve início com um encontro com as famílias, professores e gestores onde as famílias tomaram ciência e deram suas contribuições em relação a execução e regimento do projeto. Esse recurso era utilizado diariamente como forma de socializar as práticas pedagógicas bem como eventos desenvolvidos na Unidade. As famílias se inteiravam das propostas e expressavam suas opiniões. Esse projeto teve início dia 29/08/2016 e encerrou no dia 31/12/2016.

## AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A partir desta iniciativa, estreitamos os laços com as famílias promovendo a troca de conhecimento entre familiares e profissionais. Avaliamos como aspectos positivos a participação das famílias nas Reuniões de Pais e demais eventos promovidos pela Unidade:

Dia da Família, Mostra Cultural, Conselho, APM, INDIQUE.

Esse recurso possibilitou o rompimento de barreiras e aproximou efetivamente uma família que passou a acompanhar e apreciar o desenvolvimento da criança por meio de postagens de vídeos e imagens da rotina das crianças

dentro da Instituição, o que favoreceu avanços significativos no desenvolvimento da criança.

Esse projeto nos surpreendeu, pois foi além das nossas expectativas no tocante as vivências sociais, percebemos as famílias se ajudando de forma solidária.

Vale destacar que essa ferramenta nos possibilitou a comunicação por meio de mensagens de áudio, incluindo assim, as famílias que ainda não se apropriaram da linguagem escrita.

Esse movimento favoreceu a nossa prática enquanto profissionais e enriqueceu a nossa experiência na troca com famílias de origem boliviana que se propuseram a socializar a sua cultura.

Mesmo com a desativação do grupo percebemos que os vínculos se mantêm de forma afetuosa e solidária entre os envolvidos.

## DEPOIMENTOS

*“Às vezes tinha muita vontade de participar das coisas da minha filha e nunca tinha tempo.”*

**Conceição, mãe da Agatha**

*“Esse grupo é prova da confiança entre vocês e nós pais, satisfação em deixa-los em segurança e sem medo.”*

**Ana Lúcia, mãe da Ana Luiza**

*“Isso é muito bom, principalmente para as mães que saem daí preocupadas porque suas filhas ficam chorando, daí a gente passa o dia achando que a criança passa o dia todo chorando, daí a gente vê essas fotos e vê que é tudo diferente do que a gente pensa, que elas adoram estar aí com seus amigos e suas professoras. Amei a ideia desse grupo. Muito obrigada!”*

**Andressa, mãe da Aysha**

# MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**Protagonizando infâncias e exercitando a cidadania através da autoria do jornal Bagunça de Criança**

Unidade Educacional:

**CEU EMEI Aricanduva**

Responsáveis:

**Andreia dos Santos Barbosa e Amanda Gomes Pinto**

## RESUMO DO PROJETO

Pensando em fortalecer práticas democráticas e voltadas a atender os principais atores da Educação Infantil, as crianças e suas diferentes infâncias, há 2 anos iniciamos o projeto de autoria infantil: Jornal Bagunça de Criança. As riquezas do universo infantil, as diversidades, o território, a cultura, registrados em artigos que estimulam meninos e meninas a refletirem e intervirem no meio social ao qual estão inseridos protagonizando suas infâncias.

## JUSTIFICATIVA

O projeto de autoria infantil surgiu da necessidade de revermos nossas práticas para oferecermos a meninos e meninas o direito à voz e cidadania, que por muitas vezes lhes é negado quando educadores, e toda a sociedade adulta, não se dispõem a acreditar que as crianças pequenas são capazes. Acreditando que meninos e meninas poderiam discutir, refletir e elaborar soluções sobre os desafios cotidianos, enriquecendo as nossas práticas educativas, nos aprofundamos em estudos sobre autoria, escuta e protagonismo infantil. Assim, o Jornal Bagunça de Criança nasceu com o desafio de tornar-se um espaço mágico onde as vozes de meninos e meninas tomassem concretude levando suas ideias e ideais além do lugar que a sociedade adultocêntrica lhes oferece. Num projeto que tem como premissa crianças como centro dos fazeres, idealizadoras das ações, sujeitos de sua formação educativa, social e política.

Aos poucos através do Jornal, e das diversas ações pedagógicas ao qual ele dá origem, os olhares lúdicos e singulares das crianças construindo sua cidadania em ações políticas de intervenção nos espaços da escola, do CEU e da comunidade, se concretizam e alçam voo além das paredes das salas de aula.

## OBJETIVOS

- Ouvir e dar voz às crianças, concretizando suas descobertas, reflexões, opiniões e sugestões através dos registros nas páginas do Jornal Bagunça de Criança;
- Estimular o potencial criativo, crítico e político de meninos e meninas;
- Empoderar meninos e meninas para que se sintam capazes de intervir no meio social ao qual estão inseridos como sujeitos protagonistas de suas infâncias;
- Exercitar a cidadania, a autonomia e a autoria, democraticamente, construindo textos coletivamente, participando das escolhas de imagens, layouts, temas propostos e todas as decisões a cerca da produção do Jornal;
- Inserir as crianças no universo letrado de maneira significativa e contextualizada, oferecendo-lhes a oportunidade de refletir sobre a função social da escrita;
- Oportunizar as crianças o contato e autoria dos diferentes gêneros textuais que podem compor o Jornal: tirinhas, receitas, artigos, entrevistas, biografias, entre outros;
- Explorar os espaços da escola, CEU e entorno, apropriando-se do território educativo;
- Envolver a comunidade nos projetos e ações da escola, pois sem parcerias sonhos não se concretizam;
- Vivenciar as múltiplas linguagens da infância, compartilhando as produções presentes no Jornal e gerando novas ações educativas a partir dos artigos lidos com as turmas.

## EDUCADORES ENVOLVIDOS

Ariane Louzano; Bruna Machado Martins; Claudia Fernandes Leite; Cristiane Róseo da Silva; Edsandra da Conceição Silva, Eliane Goulart Mariano; Fátima Regina Pinheiro; Juliana Carvalho Correa; Katiana Neres de Urias Cerdan; Lilian David; Maria de Fátima Moreira; Nilcéia Correa Antonio; Paloma Novais Chimello; Talita Zanetti Cardoso da Silva.

## METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos precisamos repensar nossas práticas constantemente, tornando-as cada vez mais democráticas e centradas nos meninos e meninas. Aprendemos muito, conquistamos a confiança necessária para seguir adiante e aperfeiçoar nossas ações abrangendo cada vez mais crianças, educadores e famílias em nosso projeto. Tendo em vista que o grupo de crianças muda a cada ano e que o grupo que iniciou o projeto já não está mais conosco, o processo de criação do jornal é reiniciado a cada nova edição.

Inicialmente manuseamos jornais alguns voltados para adultos, outros para crianças, e com o tempo nossas edições antigas que também passaram a fazer parte do acervo. Assim, possibilitamos as crianças elencarem características do portador de texto ao qual assumimos o desafio de produzir.

As rodas de conversa, essenciais ao desenvolvimento do projeto, tornaram-se mais frequentes e intencionais, é a partir delas que elencamos temas para o jornal, produzimos textos coletivos, trazemos problemas cotidianos para que as crianças reflitam e façam sugestões a cerca dos assuntos de interesse do grupo.

Para as decisões do grupo realizamos votações, todos opinam e tem direito ao voto. Votamos o nome do jornal, o logo, os temas a serem abordados a cada nova edição, as imagens, o layout, enfim tudo que possa gerar divergências entre o grupo de crianças.

Depois do tema definido é necessário aprofundá-lo com a turma, oferecendo meios para que as crianças possam falar com propriedade sobre o assunto escolhido. Para isso, apreciamos textos, vídeos, livros, realizamos entrevistas com especialistas, entre outras ações pertinentes a proposta do artigo.

O grupo de crianças produz o texto coletivamente, tendo as professoras como escribas. Um grande desafio para crianças e adultos, fazer com que as pa-

lavras expressem a mensagem que queremos transmitir, respeitando as identidades, diversidades e especificidades presentes em cada grupo de crianças.

Para diagramação as crianças contam com auxílio de adultos, algumas turmas digitam os textos, outras apenas produzem. As fotografias também mesclam autoria de crianças e adultos. E assim com a contribuição e parceria de muitas mãos vão surgindo os artigos de cada edição.

Quando o jornal chega da gráfica é entregue as crianças para que apreciem em casa com suas famílias, compartilhando as descobertas da turma e os temas desenvolvidos pelas outras salas.

Lemos em sala os artigos e formulamos propostas para os temas abordados na edição. O Jornal proporciona a troca entre as turmas e a possibilidade de compartilhar ideias, materiais e conhecimento com toda a comunidade escolar.

Quando as edições e ações ligadas ao jornal são postadas na página do facebook, abrangem também muitas unidades educacionais, estudantes e profissionais da educação que nos acompanham, inspirando novas práticas educativas que atingirão crianças que não estão diretamente ligadas ao nosso projeto. Com isso, as vozes das crianças transcendem os muros da escola e alcançam horizontes que não somos capazes ainda de dimensionar.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

*“Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas conscientes e comprometidas possa mudar o mundo.*

*Na verdade, foi isso que sempre aconteceu”*

**Margaret Mead**

Nosso jornal é um registro histórico, que está sendo construído a cada nova edição contemplando as diversidades, os questionamentos, as identidades, mudando o mundo que nos cerca, com uma pessoa de cada vez.

Para produzir a primeira edição os desafios foram muitos. Qual seria o nome? Como seria o logo? Como diagramar? Como registrar as falas das crianças? Como seria o layout? Que tipo de papel usar? E as turmas de infantil I como participariam do projeto?

Aos poucos as crianças foram sugerindo como deveria ser um jornal feito de criança para criança: colorido, com letras que eles pudessem ler (de forma),

muitas imagens e desenhos e com papel jornal (igualzinho ao jornal dos adultos). Mais professores aderiram ao projeto, as famílias passaram a valorizar e apoiar o jornal, contamos com parcerias e envolvimento da comunidade escolar. Assim as decisões do Conselho de escola garantiram que todas as turmas pudessem participar, que o jornal tivesse 4 edições durante o ano e que o projeto tivesse continuidade.

Iniciamos o projeto em 2015 e já temos 10 edições impressas. Temos identidade visual, um logo (rei bola) que é querido pelas crianças, com um artigo só para ele na edição de segundo aniversário, e uma infinidade de assuntos abordados que surgem dos interesses de cada turma, dos projetos que vêm sendo desenvolvidos, de algum acontecimento que chame atenção do grupo ou da problematização e necessidade de intervenção no meio. A partir da escolha do tema surgem as propostas de como desenvolvê-lo: com entrevistas, pesquisas, receitas, visitas ao entorno, carta de reivindicação, tirinhas, biografias, desenhos, registros fotográficos, entre outros. Entre os temas de destaque e recorrentes temos:

- Meninos e meninas intervindo no meio e apropriando-se do território educativo

As crianças passaram a ter um olhar mais crítico sobre os espaços do CEU e entorno. Tivemos artigos reivindicando manutenção do parque, lixeiras e manutenção do jardim da entrada da escola, das piscinas e brinquedoteca. Meninos e meninas insistiram e tiveram suas reivindicações alcançadas, o que fez com que se sentissem respeitados e estimulados a exercitarem sua cidadania sempre lutando para conquistar melhorias para o meio ao qual estão inseridos.

As crianças falaram sobre o skate park, a biblioteca e sobre os espaços preferidos do CEU, além de contarem a história do CEU Aricanduva. Recentemente tivemos artigos sobre a Caminhada das Mulheres, realizada em março com todas as turmas, e sobre os grafites que uma das turmas descobriu na viela 1, no entorno da escola.

- Artigos abordando temáticas voltadas as Diversidades

Nossa escola tem um longo histórico de discussões e projetos que tratam das Diversidades, com práticas e posturas presentes nas ações cotidianas, nas escolhas criteriosas sobre imagens e materiais a serem oferecidos, no comprometimento de tratar cada criança com a dignidade a qual ela tem direito, ouvindo-a e tornando-a visível numa sociedade que insiste em desvalorizar as

produções e contribuições infantis. Esse trabalho inspira meninos e meninas a falarem sobre isso também no Jornal.

Alguns artigos em destaque: Meu cabelo, minha Identidade; Porque falar de Diversidade na escola, Herança Indígena, Libras, Os direitos das crianças, Os direitos das mulheres; No artigo Graffiti nos muros da escola destacamos as obras de Alexandre Keto que valorizam a cultura afrobrasileira, com imagens impregnadas da nossa história por tanto tempo depreciada; Outro artigo apresenta a música “Brincadeira de menina” da Mc Soffia levantando questionamentos sobre os estereótipos de gênero impostos a meninos e meninas.

O artigo meu cabelo, minha identidade, sensibilizou crianças e famílias a doarem cabelos para outras crianças que necessitassem de perucas.

Com as discussões sobre os direitos das mulheres surgem as vozes silenciadas que relatam as violências domésticas presenciadas por muitas de nossas crianças.

- Biografias que inspiram

Algumas histórias de pessoas que lutaram por direitos e conquistas coletivas despertaram o interesse das crianças e foram compartilhadas: Maria da Penha, Carolina Maria de Jesus, Frida Kahlo, Malala Yousafzai, Betina, Wangari Maathai, as mulheres do nosso CEU, entre outras, têm agora suas histórias registradas nas páginas do nosso jornal.

O artigo sobre Carolina Maria de Jesus contou com grande envolvimento e identificação da turma, conhecemos os escritores do livro Carolina em HQ e uma de nossas crianças levou nosso jornal com o artigo para a filha da Carolina.

- Crianças compartilhando e produzindo cultura

Meninos e meninas falaram sobre as contribuições dos povos negros e indígenas; apresentaram artigos sobre congadas, cacuriás, catiras, xilogravuras, graffiti, brinquedos e brincadeiras, literatura infantil, entre outros.

- Saúde e meio ambiente

Abordamos o combate a dengue, cuidados com a alimentação, combate ao desperdício, cuidados com as plantas, como ajudar a cuidar do planeta, soldadinhos do nosso corpo. Para aprofundar os temas as crianças entrevistaram dentistas, nutricionistas e médicos, e registraram todas as descobertas em seus artigos.

Assim nasceu um jornal produzido por crianças, assessorado por adultos sonhadores, que nesses dois anos têm incentivado crianças a vivenciarem uma experiência literária sem precedentes, se posicionando e articulando falas e ações, ampliando sua bagagem cultural e social, fazendo história.

Para ter acesso as edições e saber mais acesse a página do Jornal Bagunça de Criança no facebook: <https://www.facebook.com/Jornal-Bagun%C3%A7a-De-Crian%C3%A7a-1368916696458752/>

### **CRONOGRAMA**

As atividades têm sido desenvolvidas constantemente desde março de 2015, temos quatro edições por ano e já somamos dez edições. O trabalho com o jornal é desenvolvido o ano todo, de diferentes maneiras, porque além da turma produzir os artigos, também são desenvolvidas ações pedagógicas com os artigos das demais turmas da nossa Emei. Artigos sobre Diversidade, por exemplo, estão sempre em pauta no cotidiano de meninos e meninas. Temos a intenção de que o projeto perdure por anos, pois ainda não fomos capazes de explorar todas as possibilidades que permeiam as linguagens, as temáticas e o próprio portador de texto. Entre os entraves a serem vencidos temos a dificuldade de conseguir verba para impressão de 500 cópias em papel jornal, por enquanto contamos com o apoio da comunidade educativa e do conselho de escola para manter o projeto.

Entre nossas metas está a aquisição de uma impressora A3 que imprima papel jornal para que possamos inserir as crianças em todo o processo gráfico por trás da produção do jornal.

### **AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

Mais do que aplicado esse projeto está sendo experimentado, aperfeiçoado e construído a cada nova edição por crianças e adultos. Criamos um espaço de exercício da autoria literária e cidadania para meninos e meninas. Para que possam compartilhar suas vivências e hipóteses quanto ao funcionamento da escrita e do meio social ao qual estão inseridos com autonomia, criticidade e criatividade.

O Jornal bagunça de criança possibilita que as crianças se vejam, sejam ouvidas e atendidas em seus anseios. Permite que as famílias conheçam os

projetos e atividades da nossa EMEI, compartilhando o que as crianças pensam e mostrando como meninos e meninas são capazes de protagonizar suas infâncias. Oferece aos educadores a possibilidade de entrelaçar seus projetos aos das outras turmas oferecendo as crianças uma gama maior de assuntos abordados em sala, agregando repertório e trocando experiências com o grupo. Exercitar a escuta é um desafio constante, que requer muito estudo e discussões, pois o grupo de professores também muda a cada ano.

Como registro que nos auxilia na consolidação do processo pedagógico para além do Jornal em si, temos todo o processo, cada descoberta das crianças, os posicionamentos das famílias e tudo que diz respeito ao jornal, registrado nos diários de bordo e páginas de Facebook de cada sala.

Já percebemos mudanças nas práticas pedagógicas: as rodas de conversa estão mais frequentes, implementamos assembleias em algumas turmas, as crianças estão sendo consultadas sobre rotina, atividades e cotidiano da escola. Meninos e meninas estão argumentando melhor, questionando mais, sentindo-se mais seguros para se colocarem perante o grupo, tornando-se mais autônomos e confiantes.

Acreditamos que educar é um exercício de humildade para que sejamos capazes de aprender com as crianças e por elas sempre. Cada nova edição é uma conquista partilhada por todos e os resultados ultrapassam todas as expectativas iniciais do projeto.

## DEPOIMENTOS

*"No início deu medo de não conseguir e me frustrar, mas a expectativa de ver como seria a participação das crianças foi maior."*

**Professora Katiana Neres de Urias Cerdan**

*"Para fazer esse projeto os adultos têm que descer do patamar de superiores e se colocar a disposição do grupo de crianças como só mais um membro."*

**Professora Amanda Gomes Pinto**

*"Foi uma das experiências mais importantes de escuta e protagonismo."*

**Professora Bruna Machado Martins.**

*"...é um projeto que muito tem contribuído na aprendizagem deles e temos despertado em cada criança um ser mais crítico."*

**Professora Edsandra da Conceição Silva**

*"Os artigos geram diversas sequencias de atividades, envolvem famílias, interação com outras turmas, com a comunidade escolar e entorno."*

**Professora Andréia dos Santos Barbosa**

*"Apresentar o olhar das nossas crianças sobre diversas situações, suas opiniões e aspirações"*

**Professora Cristiane Róseo da Silva**

*"O jornal foi realizado com o intuito de favorecer a escuta infantil"*

**Professora Nilcéia Correa Antônio**

*"A criança começa a se 'expor' e mostrar sua bagagem de autonomia e de capacidade intelectual."*

**Professora Paloma Novais Chimello**

*"Foi experimentado, foi sendo aperfeiçoado e está sendo construído por nós: adultos e crianças."*

**Professora Fátima Regina Pinheiro**

*"O jornal Bagunça de criança é muito criativo porque eles estão, colocando todas as ideias e também aprendendo muito com eles próprios."*

**Patrícia, familiar do Pedro Gustavo Amaro Pereira**

*"...é muito interessante, pois incentiva a criança ler e até mesmo a questionar alguns assuntos do jornal", "...é um incentivo as crianças a dar importância as coisas sérias da vida."*

**Anônimo, familiar sala amarela tarde**

*"Gostei muito, pois é algo diferente e que envolve tudo em uma única folhinha"*

**Anônimo, familiar da sala lilás tarde**

*"A Grazielly fica muito eufórica quando fala desse projeto, demonstrando interesse em participar"*

**Família da Grazielly**

*"Muito legal mesmo! Na primeira edição, a pequena Manuela era só alegria; quis mostrar para todos os primos e familiares o "Jornal da escola: bagunça de Criança". Na segunda edição, ela ficou ainda mais animada..."*

**Nalva, família da Manuela de Albuquerque**

*"Muito legal! Às vezes quero ver o jornal todo, e ele não me deixa ver. Só ele pode ver."*

**Socorro - família do Enzo Araújo (importante registrar: essa criança já lê)**

*"Crianças também tem opinião própria"*

**Família da sala marrom tarde**

*"Fazer um jornal onde nossas crianças possam expor seus argumentos e buscar seus direitos e identificar seus deveres, realmente foi uma obra que abriu espaço a voz dos pequenos."*

**Andréia Maciel, familiar da sala marrom tarde.**

*"Fazer um jornal com as ideias das próprias crianças, com certeza será algo que os mesmos levarão para toda a vida"*

**Angela G. Hortolani Silva, familiar do Guilherme Hortolani**

*"Vemos que é uma forma a mais de nossos filhos expressarem as ideias"*

**Priscila A. S. F. Macedo, familiar do Arthur Ferreira de Macedo**

*"Fantástica a ideia de ver o olhar de uma criança e expor ideias e criações delas"*

**Família sala azul tarde.**

*"Amei em ver e ler o Jornal, com a família é um incentivo maravilhoso ao nosso crescimento, o César conta cada passo que foi feito no jornal."*

**Edenilza, familiar do César Costa dos Santos**

*"Meu filho tem ficado muito ansioso, alegre, agitado; Uma explosão de sentimentos quando se refere ao jornal... Cada dia que passa nossa família acompanha com mais interesse o desenvolvimento do jornal", "O jornal é uma iniciativa fantástica, pois possibilita a criança trabalhar sobre várias perspectivas, que não seriam possíveis em um ambiente comum."*

**Anônimo, familiar da sala marrom manhã.**

*"Acho que foi um excelente projeto da escola, todos os dias o Heitor chegava falando em casa, super empolgado e acredito que esse interesse dele é importante, ele se divertia ao me mostrar, e gostava de ler pra mim"*

**Família do Heitor**

*"O Samuel, todos os dias chega com novidades e compartilha com toda a família e leva os acontecimentos pra AACD e seus amiguinhos que tem lá."*

**Família do Samuel de Lima Santos**

*"Conta tudo. Quando chega fica tão feliz com o próximo jornal que vem, porque fazem atividades que vai pro jornal; e já leva tudo de primeira, antes de sair o jornal."*

**Silvia, familiar da Livia Thais de Souza Araújo**

*"A minha impressão é que essa é uma forma de aprendizagem para eles poderem compartilhar todo o seu conhecimento e curiosidade sobre alguns assuntos que eu não sei e nem consigo explicar"*

**Francileni, Wesley Setúbal Alves (sala verde manhã)**

*"No meu ver é um projeto muito bom para as crianças, estimulando o desenvolvimento, o trabalho em grupo; de todas as formas eles são incentivados a desenvolver seus conhecimentos"*

**Fernanda, familiar da Laura Rodrigues Ribeiro**

*"A impressão que tivemos foi a importância dos relatos contados sobre os alunos sendo a melhor forma de discutir entre eles, a cada tema proposto ao jornal, para eles aprenderem em grupos: ajudar um a um e os conteúdos do cotidiano"*

**Adriana, familiar da Amanda Nogueira Urata**

*"O jornal é o tema das conversas em casa."*

**Família da sala laranja manhã**

*"Ela se tornou uma pessoa (criança) muito crítica, que tudo questiona e pergunta sobre tudo."*

**Andréia, família da Jessica Cristina Albuquerque Nicolini**

*"Nossa família amou o projeto. Acompanhamos a empolgação do Nickolas... Esse projeto ajudou muito o Nickolas a explorar o mundo e as letras."*

*Priscila A. S. F.*

**Macedo, familiar do Nickolas Ferreira de Macedo**

# MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**Performance - Violência Doméstica**

Unidade Educacional:

**EMEF João Ribeiro de Barros**

Responsável:

**Josué Quirino de Souza**

## RESUMO DO PROJETO

Apresentação de Performance Artística na unidade educacional realizada pelos estudantes da EJA Modular da turma da 4ª etapa B sobre violência doméstica, aberta aos estudantes da EJA, aos estudantes do Ciclo II e à comunidade local. Foram 25 dias para apresentar conceitos, pesquisas, catarses, convergências com o TCA (Trabalho Colaborativo Autoral), vivências e discussões sobre um tema tão polêmico e recorrente na região.

## JUSTIFICATIVA

Quando comecei a lecionar em 2015 na EJA (Educação de Jovens e Adultos), tinha grandes dificuldades em aplicar as aulas de Arte pela indisciplina dos mais jovens, e também o desinteresse quase que total dos adultos. Sentia que todo o conteúdo que eu aplicava, não despertava o interesse da classe, devido ao individualismo, preconceito e apatia ao conhecimento de um modo geral. Como o sistema da EJA na unidade escolar é por módulos (25 dias de aulas contínuas em cada disciplina), quando havia a troca de disciplina ou módulos, havia um grande número de evasão por questão de preferências de disciplina ou desinteresse por determinada matéria. A partir desta observação, comecei a fazer uma sondagem e em uma primeira pesquisa, detectei que além de grandes dificuldades na leitura e escrita, a baixa autoestima caminhava em paralelo com esses estudantes, pelo fato também destes alunos

no passado terem parados os estudos por muito tempo e este retorno lhes causavam medo, por exemplo:

“...eu achava que nunca iria conseguir aprender alguma coisa... tinha medo das aulas de Arte...” Anita Batista de Lima Silva, 55 anos, estudante da EJA, 4ª etapa B

[A anestesia histórica é...] geradora de uma certa apatia, de um certo imobilismo, à preocupação e ao debate...

(FREIRE, Paulo, *Pedagogia do Oprimido: Saberes Necessários à Prática Educativa*, p.138)

O universo da Arte pode ser entendido como um rizoma, em botânica é uma raiz, mas para nós rizoma é um sistema. “Um sistema é um conjunto de conceitos. Um sistema aberto é quando os conceitos são relacionados a circunstâncias e não mais a essências. Mas por um lado os conceitos não são dados prontos, eles não preexistem: é preciso inventar, criar os conceitos, e há aí tanta invenção e criação quanto na arte ou na ciência.” (Rodrigo Trivitzki apud Gilles e Deleuze, 2008).

A partir destes conceitos, existe um universo a ser explorado em Arte mas este conceito está subjetivo, a raiz se conecta às outras em uma conexão contínua. Mas é conceitualizando Arte que conseguiremos entender este universo e suas linguagens. Desenho, pintura, escultura, gravura, música, teatro, etc., são linguagens artísticas. O modo convencional de ensino da Arte sugestia sempre o modo “clássico”, mas como abordar isso ao contemporâneo e à Arte do nosso tempo? Em nossas rodas de conversa, já conceitualizando em sala de aula esse universo, sugerimos uma Performance Artística. A Performance se apropria dos elementos do teatro mas não é teatro, não há encenação de trejeitos, pois é uma vivência. A Performance em Arte não necessita de falas, tampouco de público, ela é visceral e usamos apenas o corpo e o espaço, cabendo ao performer adicionar adereços ou não. Levei-os à sala de vídeo e mostrei-lhes as performances surgidas à partir da década de 50, e a nossa conversa foi se estendendo até surgir a ideia de trabalharmos um tema, que fosse condizente com nossa realidade. O tema escolhido foi a violência, mas existe a violência urbana e a violência doméstica. Esta turma, em sua maioria se constitui de mulheres, e elas foram contando os relatos de violência que ocorrem em casa e na vizinhança, dando assim subsídios para que trabalhássemos esse tema de forma visceral e verdadeiro, afinal algo que está dentro do seu universo. Combinamos então que fariamos uma performance artística sobre violência doméstica, focando na violência contra a mulher.

## OBJETIVOS

- Conceitualizar o universo da Arte através das linguagens artísticas, traçando um panorama desde a Pré-história até a Arte Contemporânea, observando as expressões do homem na linha histórica do tempo.
- Explorar as linguagens artísticas propostas como desenho (simetria, assimetria, bidimensionalidade, tridimensionalidade, espaço projetivo e espaço real) e suas relações com a performance (simetria, assimetria, espaço real, dimensionalidade, harmonia visual e atitudes) e o teatro (expressão corporal, jogos teatrais, técnicas de palco).
- Estimular o fazer artístico, trabalhar a materialidade através de um tema e inserir elementos compositivos para a construção e compreensão de um pensamento.
- Dialogar por meio pesquisas e discussões sobre o tema proposto e trazer subsídios para incorporar à Performance, chegando à tônica ideal para o desenvolvimento da proposta.
- Valorizar os diferentes saberes em uma turma de jovens e adultos, promovendo um concerto de ideias, orquestradas pelo protagonismo de suas ideias apresentadas.
- Despertar o estudante para interpretar os conhecimentos subjetivos no universo da Arte, dando-lhes respaldo técnico e científico dentro da proposta.
- Promover a autoestima através da confiança depositada em executar determinadas tarefas, levando-os ao protagonismo autônomo da situação.
- Valorizar o trabalho em equipe, trazendo-os a compreensão verdadeira da importância da união ao desempenhar tarefas que dependam da aliança cooperativa para trazer resultados.
- Fomentar a Arte como expressão do pensamento e ação através de vivências experimentais e fazer transcender o homem como sujeito deste sistema e refletir sobre as questões apresentadas do tema proposto.
- Apresentar através da Performance, conceitos e reflexões sobre violência doméstica, dentro dos elementos intrínsecos a ela, expressando, vivenciando e tendo catarses com este tema.

## METODOLOGIA

Com as reações percebidas no decorrer dos relatos e pesquisas em nossas rodas de conversa, sentia que estava despertando na turma um grande interesse em explorar cada vez mais a linguagem da Performance. Deste modo, transferei nossas aulas para a sala de vídeo, onde pude mostrar várias modalidades de performance artística, desde as suas origens, conceitos e experimentações para que pudessem ter uma nutrição estética necessária. Na sala de vídeo, mostrei-lhes performances de Gilbert e George, Marina Abramovic, Yoko Ono e Olivier de Sagazan. O grande desafio era expor a violência doméstica, diferenciando-se do teatro, mesmo que utilizassem os elementos da linguagem mas que não fosse algo metódico e previsível, como uma história em que imagina-se o final. À partir daí, começamos a fazer experimentações com jogos teatrais e expressões corporais, para que adquirissem desenvoltura para a performance. Convidei minha noiva que tem formação em Artes Dramáticas, Bruna Suzzio para participar das aulas e nos assessorar nas vivências de palco, sempre com bastante critério para que não ficasse com “cara” de teatro.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Na EJA Modular, são 25 dias/aula com a mesma disciplina e sempre inicia com conceitos de desenho (simetria, assimetria, bidimensionalidade, tridimensionalidade, espaço projetivo e espaço real). Esta linguagem nos dá subsídios para as outras, e neste tempo, além de sondar a turma, nos projeta para a próxima linguagem da Arte. Deste modo, sobram-se 14 dias para complementar, porém, um prazo bastante apertado para a Performance. Feito esse acordo de prazos, os alunos, outrora desanimados e desestimulados, foram tomados de uma responsabilidade e comprometimento nunca vistos. Todos os dias, discutíamos o tema, eles apresentavam pesquisas, relatos e ideias, enquanto que a Performance, simultaneamente ia tomando corpo e a cada dia eram adicionados mais elementos à composição. Tivemos a ideia fazer um octógono desenhado no chão, cercado uma cadeira de rodas. Sentada na cadeira ficaria uma mulher sendo oprimida pelo espectro de um opressor, com a identidade coberta, como uma sombra escura que atormenta, rodeada por mulheres nas pontas do octógono, assistindo a toda esta tormenta sem poderem fazer nada, pois também estavam sendo oprimidas pela sombra. No fundo, havia efeitos de luzes projetadas em um telão com frases e efeitos de fumaça. A cada dia, criávamos um ambiente típico da violência doméstica, sendo performadas por mulheres que sofreram

algum tipo de violência e agora seria a hora de expor, transcender através da linguagem da Arte, sentir suas catarses e apresentar um desfecho. Nas nossas vivências, algumas se emocionavam, se arrepiavam e estes sentimentos incorporavam à performance real, de que não era uma encenação, mas uma vivência da realidade. Expliquei-lhes que uma performance não necessita de espectadores, e para surpresa, os próprios alunos decidiram que queriam apresentar para o público, incluindo familiares. Foram criados cartazes para divulgação com data e horário para apresentação por toda unidade. Percebemos que a performance já havia acontecido, em sala, na expressão real dos estudantes, pois sentiram isso, mas que queriam apresentar para o público para que servisse de reflexão. Isso nos fez pensar sobre os caminhos que a Arte nos faz percorrer com a performance, ela nos faz vivenciar, expressar e depois servirá de reflexão para uma possível ação. Ela nos tira do estado de inércia e faz com que acordemos para nos fazer gritar, denunciar, protestar... O desfecho final da performance, depois da vítima ser oprimida ao extremo, surge quando as mulheres do octógono dão as mãos e a vítima levanta-se da cadeira e grita "CHEGA!", desmanchando na sua frente o espectro do opressor que cai aos seus pés com seu grito.

## **CRONOGRAMA**

Na EJA Modular, são 25 dias corridos de aulas com a mesma disciplina: Segue o cronograma em Arte.

- De 01/06/16 a 02/06/16 – Sondagens. O universo da Arte e suas linguagens.
- De 03/06/16 a 07/06/16 – Simetria e assimetria, espaço bidimensional e tridimensional.
- De 08/06/16 a 20/06/16 – Linguagens contemporâneas, a Performance como linguagem, rodas de discussão, definição do tema, pesquisas, vivências, catarses, elaborações de cenário, efeitos, figurino e ensaios.
- 20/06/16 – Apresentação.
- 21/06/16 a 24/06/16 – Registros, bate-papo sobre a repercussão do tema, feedback, entrevistas, relatos e confraternização.

## **AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

A avaliação foi feita no processo, integrada aos objetivos do fazer, que foram bem definidos desde o início. Foram feitos acordos de assiduidade, responsabilidade e comprometimento, que houve durante todo o processo. O fato de aceitarem o desafio e estarem dispostos a uma vivência e apresenta-

ção deste porte, independente do resultado expositivo, foram plenamente satisfatórias. Nessa abordagem o educando é um ser ativo e dinâmico, participando e construindo seu próprio conhecimento. A avaliação não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas deve como prática de investigação, interrogar a relação ensino aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica. A Performance Violência Doméstica foi apresentada para 250 pessoas no palco da unidade. Na platéia haviam estudantes da EJA, estudantes do 9º ano em processo de TCA (Trabalho Colaborativo de Autoria), corpo docente, funcionários e parte da comunidade local. Quando recebemos um elogio ou uma crítica é porque fomos avaliados em algo. Ouvimos depoimentos de pessoas que se emocionaram na platéia, tiveram catarses e, difícil dizer se atingimos nosso objetivo de forma plena, mas no universo da Arte, os caminhos surgem para que tenhamos uma abertura para a reflexão e discussão para acharmos novos caminhos. O projeto Performance -Violência Doméstica teve grande repercussão e continuará com as apresentações se for solicitada.

*"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão."*

**(Paulo Freire)**

## **DEPOIMENTOS**

*"No começo não gostava da matéria, pensava que Arte era só aqueles desenhos chatos... assim, fazendo parte desta performance, me senti viva...percebi que não sirvo só para trabalhar e criar filhos... posso ser capaz de fazer qualquer coisa, basta querer e ter comprometimento."*

**Rosana Silva de Lima, 35 anos, estudante da EJA**

*"...Tudo que aprendi nesses 25 dias, vou levar para o resto da vida...aprendi que simples detalhes fazem toda a diferença... a importância de um professor que ama o que faz e dá o melhor de si para os alunos..."*

**Gabriela Cristina Costa Silva, 28 anos, estudante da EJA**

*"Antes a sala se dividia em vários grupos, e com a Performance éramos um grupo só."*

**Patrícia Muniz de Souza, 38 anos, estudante da EJA**

*"...foi muito mais que uma simples aula de Arte, foi educativa e cooperativa."*

**Edinalva Santos de Sousa, 35 anos, estudante da EJA**

*"Os conteúdos abordados tiveram muita importância, pois me fizeram enxergar várias coisas de outra forma e me fez valorizar a Arte."*

**Priscila Santos Campos de Oliveira, 23 anos, estudante da EJA**

*"A performance foi linda, emocionante, fortíssima e apavorante... foi muito comentada na escola e fora dela."*

**Vilma Freitas de Souza, 36 anos, estudante da EJA**

*"Quando falamos sobre violência, sempre mexe, ainda mais como algo que vivi na infância... então mexe muito mais..."*

**Rosana Silva de Lima, 35 anos, estudante da EJA**

*"Esta performance serviu para alertar muitas mulheres que apanham e são maltratadas... e muitas estavam ali assistindo a performance..."*

**Rosimeire Conceição de Lima, 39 anos, estudante da EJA**

*"A parte que me fazia arrepiar era quando o opressor se levantava atrás da cadeira."*

**Rosana Silva de Lima, 35 anos, estudante da EJA**

*"Quando a Rosana (oprimida) levantou da cadeira de rodas e gritou CHEGA!, e todas se aproximaram, com um ar de vitória, foi muito emocionante!"*

**Patrícia Muniz de Souza, 38 anos, estudante da EJA**

*"Crescemos como pessoas, choramos, brincamos e principalmente aprendemos."*

**Vilma Freitas de Souza, 36 anos, estudante da EJA**

*"Foi uma experiência muito boa... foi a primeira vez que apresentei algo no palco da escola."*

**Edinalva Santos de Sousa, 35 anos, estudante da EJA**

*"...a autoconfiança que nos proporcionou, fazer acreditar em nós mesmas... que temos capacidades... nos comoveu sobre algo real que foi a performance..."*

**Priscila Santos Campos de Oliveira, 23 anos, estudante da EJA**

*"Vou levar para a vida inteira que participei de algo tão importante e falado... vou mostrar para meus netos que fui capaz de fazer algo assim... me sinto muito especial por isso."*

**Rosana Silva de Lima, 35 anos, estudante da EJA**

*"Ao assistir a performance, fiquei paralisada e não conseguia achar a palavra para expressar o que estava sentindo."*

**Andréia Espolaol, 38 anos, assistente de direção na unidade**

## MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**Sociedade e Política: você se acomoda com o quê?  
você se incomoda com o quê?**

Unidade Educacional:

**CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo**

Responsáveis:

**Ewerton Menezes Fernandes de Souza  
e Joelma Alves de Oliveira**

### RESUMO DO PROJETO

O projeto visou propiciar aos educandos aprendizagens que os permitissem refletir sobre a importância do exercício da política para a definição dos rumos da sociedade. Com esse intuito foram promovidas uma série de ações pedagógicas que buscaram promover a apropriação de conceitos relevantes, a aplicabilidade dos conceitos referidos para solução de problemas da comunidade e a multiplicação das aprendizagens.

### JUSTIFICATIVA

Durante a definição do Projeto Político-Pedagógico para 2016, a comunidade educativa discutiu a seguinte pergunta "Como podemos melhorar a qualidade de vida do bairro em que moramos?", julgando urgente a discussão dos problemas da comunidade local. Diante disso, educadores e educandos perceberam a necessidade de colocar o espaço da escola a serviço da apropriação de saberes e habilidades que permitissem a reflexão sobre as possíveis soluções para os problemas comunitários e instrumentalizassem as pessoas para a busca dessas soluções. A partir dessa demanda, o coletivo docente considerou pertinente um processo formativo que possibilitasse aos educandos desconstruírem o conceito vulgar de política a fim de perceberem o quanto ela é decisiva para os rumos da sociedade.

## OBJETIVOS

- promover um processo reflexivo que fizesse nosso educando se perceber enquanto sujeito político e capaz de ações que visem a transformação da sociedade em suas diversas dimensões;
- utilizar os conhecimentos aprendidos na escola para construir ferramentas de leitura e interpretação da comunidade em que vivem, percebendo as causas dos problemas sociais que esta comunidade sofre, assim como tornando-se capazes de pensar em soluções para esses problemas;
- mobilizar os conhecimentos e habilidades das diversas áreas do conhecimento para, numa perspectiva inter e/ou transdisciplinar, compreender fenômenos sociais complexos que articulam realidades local e global e apropriar-se dessas aprendizagens para sua própria inserção social.
- possibilitar ao educando experiências de conhecimento de como funciona o sistema político brasileiro, fomentando a apropriação das ferramentas que o permitem, enquanto cidadão, opinar, intervir, atuar junto às instâncias executivas e legislativas da cidade de São Paulo.

## EDUCADORES ENVOLVIDOS

Joana D'Arc Pereira, Thiago Gregório, Edmilson Napoleão Fida Carneiro, Helia Cristina, Leny Camargo, Mario Rosetti.

## METODOLOGIA

Desde o final de 2015 até o presente momento, temos adotado um modelo de organização de projetos curriculares que construímos ao longo de nossas jornadas formativas e de trabalho coletivo. Inspirados na metodologia de projetos e em autores como Jurjo Torres Santomé, Jorge Larrosa Bondía e Paulo Freire, desenhamos uma proposta comum de trabalho que consiste na dinâmica que descrevemos a seguir e que é seguida por toda a escola.

No momento de concepção do projeto, cada grupo de trabalho docente desenha o que chamamos de “mapa do projeto”. O mapa se inicia numa pergunta-problema central, derivada da temática comum a todos os grupos, neste caso “Sociedade e Política”, e irradia para três perguntas que se sucedem e que seriam como passos para se buscar uma resposta a este problema ini-

cial. De cada uma dessas perguntas derivam outras três, que buscam dar conta das dimensões pessoal, local e global daquele aspecto ou desdobramento do problema tratado.

As três perguntas que se sucedem orientam os tempos do projeto. A partir de cada uma delas organiza-se um ciclo composto de três semanas, uma semana que chamamos “temática” e outras duas semanas que chamamos “de sistematização”. A esses ciclos se somam um mês de concepção e planejamento do projeto, a semana inicial chamada “de sensibilização” e um tempo final intitulado “de preparação para a publicização dos resultados do projeto”, culminando com o período de avaliações referentes ao projeto.

A “semana de sensibilização” consiste em uma série de atividades pensadas e aplicadas coletivamente pelo grupo dos professores com o intuito de envolver o educando com o problema que será tratado a partir de uma abordagem que não é exclusivamente racional, mas que apela para as dimensões afetiva e sensorial. Nela o problema é apresentado ao educando como algo próximo e inerente à vida dele. São comuns neste momento o uso de estratégias didáticas como dinâmicas, jogos, rodas de conversa, apreciação de obras de arte, de cinema e de literatura.

A “semana temática” se refere a uma série de atividades planejadas coletivamente e desenvolvidas pelo professor em aula, independentemente da área do conhecimento que ele leciona. Nesta semana as atividades visam “dar conta” de um dado desdobramento do problema que é apresentado sob a forma de sub-pergunta que se desdobra em três outras referentes às dimensões pessoal, local e global. As práticas desta semana são organizadas sob a forma de aulas, mas não se referem a uma área específica, mobilizando habilidades e saberes diversos sempre aplicados e colocados em disposição para a discussão da pergunta apresentada.

As “semanas de sistematização” se caracterizam por momentos nos quais cada professor do grupo de trabalho, em sua área do conhecimento, retoma uma ou mais habilidades ou conhecimentos que apareceram aplicados na semana temática anterior com o objetivo de sistematizá-lo, ou seja, possibilitar que o educando se aproprie daquele conhecimento e “expandir” sua aplicação para outras situações sociais semelhantes.

A semana “de preparação para a publicização de resultados do projeto” é o momento de os educandos organizarem suas aprendizagens em objetos que apresentem os resultados do projeto à comunidade. No caso do proje-

to “Sociedade e Política”, tal publicização se deu em uma “Mostra” realizada na escola que apresentou objetos de arte conceitual, vídeos, documentários, banners, painéis desenvolvidos pelos educandos como respostas às perguntas feitas durante o projeto.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Como proposto em nosso esquema de projeto, o período de sensibilização para o tema contou com uma “aula inaugural” ministrada pela Profa. Dra. Silmara de Campos na qual toda a escola se reuniu no Teatro do CEU Parque Bristol para discutir a importância de falar sobre política. Para isso, a professora apresentou aos educandos o educador Paulo Freire e como este julgava o espaço escolar uma instância de discussão da realidade primeira dos educandos e de suas demandas. A esse momento de sensibilização somamos dinâmicas coletivas que mostrassem aos educandos a importância da coletividade para a solução de problemas em comum.

Durante as semanas de desenvolvimento do projeto, no tocante à apropriação de conceitos e sua consequente problematização, realizamos:

1. Rodas de conversa com todas as turmas para desconstruir o conceito ordinário de política e problematizá-las como a arte do bem comum;
2. Sarau com poemas, músicas e outros textos com temática social e/ou política;
3. Visitas virtuais ao site da Câmara Municipal para conhecer como funciona o Poder Legislativo e sua implicação para a solução de problemas da cidade;
4. Ainda no site da Câmara Municipal, levantamento de quem são os representantes do legislativo e como conhecer seus projetos, procurando saber qual sua intervenção nos problemas locais;
5. Palestra com o subprefeito de Parelheiros, Sr. Nilton, com toda a escola, para conhecer como funciona o Poder Executivo e as instâncias administrativas responsáveis pela resolução de problemas locais;
6. Visita à Câmara Municipal para conhecer o espaço físico, suas dependências e seu funcionamento.
7. Saída Pedagógica “Memorial da Resistência” para conhecimento da história política contemporânea do Brasil.

8. Conceitos relevantes para a leitura e/ou construção de pesquisas de opinião, de tabelas, de gráficos e de gêneros relevantes como relatório, abaixo assinado, carta de solicitação ou reivindicação, mapas afetivos, letras de rap, fotografias e outros.

Já em relação ao processo de pesquisa e conhecimento dos problemas do bairro:

1. construção e aplicação de uma pesquisa de opinião pelos educandos;
2. tabulação e construção de gráficos representando as respostas dadas durante a pesquisa de opinião;
3. entrevistas com especialistas e lideranças para aprofundamento do conhecimento referente aos problemas locais, cabendo destacar as entrevistas com 01 líder de associação de bairro, 01 líder de movimento de moradia, 01 vereador, 01 gestor de CEU, 01 diretora de Centro de Educação Infantil e 01 Coordenadora de Unidade Básica de Saúde.
4. Produção de relatórios visando sintetizar as aprendizagens e conclusões dos educandos (problema, consequências, possíveis soluções, fotos recolhidas, trechos das entrevistas).

Por fim, no que se refere à multiplicação e publicização das aprendizagens dos educandos, optamos pela elaboração de um jogo artesanal de tabuleiro que foi construído em duas frentes: a) quanto à criação das peças e do tabuleiro, ela se realizou nas aulas de Arte com material em MDF e papel; b) quanto à regra e elementos do jogo, ela se baseou nos relatórios dos educandos. O tabuleiro do jogo possui 09 quadrantes que representam polos importantes do bairro (representados por meio de mapas de ruas da região). Cada quadrante recebe dois problemas (infraestrutura, educação, saúde ou cultura, esporte e lazer) que são colocados sobre os mapas representando problemas da região. Para solucionar o problema, o jogador faz o papel de líder comunitário e tem que mobilizar um número X de moradores, conquistar uma carta de Agente Político adequado ao problema que ele deseja resolver e uma carta de Política Pública referente à área do problema. O jogo é colaborativo e quanto mais os jogadores unem esforços, mais rapidamente eles resolvem os problemas do tabuleiro. Os educandos se apropriaram do jogo nas semanas finais do projeto e, durante nossa Mostra, realizamos um torneio que jogo que foi intitulado “Sociedade e Política”.

## CRONOGRAMA

**Semana de Sensibilização:** de 29 a 31 de agosto – palestra com Profa. Dra. Silmara de Campos, rodas de conversa sobre o que é política, dinâmicas e exibição de filme (V de Vingança) seguida de debate, sarau;

**1ª Semana Temática:** de 05 a 09 de setembro – leitura dos textos coletivos das turmas durante a construção do PPP (respondendo à pergunta “Como podemos melhorar a qualidade de vida do bairro em que moramos?”), construção da pesquisa de opinião;

**1ª e 2ª Semanas de Sistematização:** de 12 a 23 de setembro – tabulação dos dados recolhidos e conteúdos referentes à leitura das pesquisas e construção dos gráficos;

**2ª Semana Temática:** de 26 de setembro a 29 de setembro – Visita ao site da Câmara Municipal, pesquisa sobre os projetos dos vereadores, montagem de questões para as entrevistas;

**3ª e 4ª Semanas de Sistematização:** de 03 a 11 de outubro – palestra com o sr. Nilton (Subprefeito de Parelheiros), realização e análise das entrevistas;

**3ª Semana Temática:** de 17 a 20 de outubro – saída pedagógica para o Memorial da Resistência, preparação para a síntese das pesquisas;

**5ª e 6ª Semanas de Sistematização:** de 24 de outubro a 04 de novembro – elaboração da síntese das pesquisas sob a forma de relatórios e construção do jogo de tabuleiro com as informações levantadas;

**Mostra Cultural:** 11 de novembro – Salas Temáticas, Seminários das Pesquisas, Torneio com os jogos do tabuleiro, exibição dos vídeos produzidos.

## AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A avaliação dos resultados do projeto se deu por:

- a. Os educandos produziram relatórios das suas pesquisas que foram apresentados durante a Mostra sob a forma de banners que foram usados como suporte para que os educandos participassem de um painel no qual os resultados das pesquisas foram apresentados aos professores e à comunidade.

- b. Foi promovido um torneio com o jogo desenvolvido pelos educandos. Para que cada educando pudesse jogar, ele tinha que mobilizar todos os conhecimentos aprendidos durante as aulas, uma vez que precisava entender a dinâmica das políticas pública e da participação social.

Quanto aos resultados alcançados, notamos que os educandos passaram a ter menos ojeriza à política, compreendendo inclusive quais são os mecanismos de participação social.

Esse processo favoreceu a própria dinâmica de participação dos educandos na comunidade escolar por meio do acompanhamento e da discussão do funcionamento da escola e de seus objetivos. Por exemplo, a aquisição desta consciência tornou mais fácil a criação de um Conselho de Representantes de Turma.

Cabe ainda ressaltar que, após o projeto, no ano de 2017, estamos realizando oficinas com o jogo criado para preparar nossos educandos como mediadores, a fim de que no segundo semestre deste ano, eles possam ir a outras escolas disseminar o jogo criado

## DEPOIMENTOS

*“Foi muito gratificante poder ter participado e contribuído com o Projeto “Sociedade e Política” do CIEJA Clóvis, pois pude interagir e perceber na prática o que significa para os alunos participarem de um projeto que permita uma leitura de mundo diferenciada e a exata dimensão da realidade em que vivem.”*

**Nilton Oliveira, professor de história e, à época, subprefeito de Parelheiros.**

# MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**Baú das descobertas**

Unidade Educacional:

**EMEI Orígenes Lessa**

Responsáveis:

**Marcia Coelho Cardoso e Noemi Melato**

## RESUMO DO PROJETO

O presente projeto consiste em buscar com as famílias objetos do contexto da criança. Os mesmos são utilizados como objeto disparador de estudo.

## JUSTIFICATIVA

Por séculos a palavra infância carregou o estigma de incapacidades, de incompletude frente aos mais experientes, no entanto hoje temos a consciência do ser histórico e social que se apresenta, autor crítico da construção do seu conhecimento.

A criança que chega até nós está repleta de conhecimentos, visto que suas primeiras vivências no seio familiar iniciam seu processo de desenvolvimento independente de sua vontade.

Dentre os objetivos do Projeto Pedagógico de nossa unidade escolar estão: promover ações considerando as múltiplas linguagens que viabilizem o trabalho com todos os campos de experiências, desenvolver na criança todas as suas capacidades através de experiências significativas e fortalecer o vínculo entre escola e família possibilitando sua participação.

É óbvia a importância da integração escola-família no processo de desenvolvimento da aprendizagem para uma educação de qualidade.

Neste projeto pretendemos trazer objetos do contexto familiar das crianças para ser explorado como instrumento infinito de pesquisa.

## OBJETIVOS

- ampliar o olhar da criança ao mundo que a cerca;
- fomentar a participação da família no processo de construção do conhecimento da criança;
- estabelecer relações entre o modo de vida característico de seu grupo social e o de outros grupos;
- despertar a curiosidade com relação aos objetos, seu uso e funções no cotidiano;
- estimular a participação do aluno na investigação de acordo com seus interesses;
- proporcionar conteúdos estimulantes, desafiadores e curiosos que façam parte do contexto no qual a criança está inserida;
- conhecer objetos e como o conhecimento histórico permitiu que tal objeto chegasse a sua atual condição e função;
- explorar objetos de diferentes matérias-primas, por meio dos sentidos, agarrar, morder, cheirar, etc.;
- estimular as capacidades da criança através de experiências significativas, respeitando fases, limitações;
- ampliar gradativamente o vocabulário através das múltiplas linguagens;
- compreender e explorar os recursos tecnológicos existentes e disponíveis na escola para pesquisa e registros.

## METODOLOGIA

- conversas, relato de experiências;
- pesquisas coletivas;
- entrevistas;
- literaturas sobre o tema;

- notícias de jornal ou TV, textos informativos;
- murais, pesquisas, textos coletivos;
- elaboração de fichas de conteúdos;
- jogos simbólicos;
- jogos sensoriais;
- brincadeiras dirigidas na sala, no parque ou no pátio;
- construção com uso de jogos de montar;
- colagem, pinturas, dobraduras e quebra-cabeças;
- formas diversas de manifestações de artes visuais;
- fotos feitas pelas crianças em diversos momentos da rotina.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Iniciamos apresentando o projeto e o caderno de registro aos pais na Reunião no início do mês de Abril. Salientamos que o Baú seria enviado toda a sexta-feira para um determinado aluno e que as famílias deveriam juntamente com a criança selecionar um objeto para estudo, com as seguintes orientações: podendo ser qualquer objeto, uma peça de roupa, utensílio doméstico, tecnológico que possa contribuir para o conhecimento e envolvimento das crianças. Ao escolher deveriam aproveitar o momento para conversar com a criança e dar informações sobre o objeto escolhido, pois a própria criança faria a apresentação inicial aos colegas com a participação das famílias quando possível, a partir daí desenvolveríamos atividades diversificadas com ênfase nas múltiplas linguagens. O objeto será o norteador de conhecimento. No caderno de registros as famílias deveriam registrar o processo de escolha e pesquisa com as crianças, bem como todas as atividades e relatos posteriormente também seriam registrados pelas professoras.

No primeiro semestre o baú foi enviado a cinco crianças. Sendo o primeiro o Derick que nos enviou uma boneca Matrioska, o estudo do objeto possibilitou o conhecimento de si e do outro através dos valores. Um dos principais objetos da cultura russa que simboliza a maternidade, amor e amizade. A pesquisa ampliou-se para o estudo geográfico e cultural dos pais.

Na semana seguinte o baú foi enviado ao Victor Hugo que nos enviou um disco de vinil. Qual foi nossa surpresa ao saber que a família mantinha o hábito de ouvi-lo e algumas crianças já conheciam o objeto, mas desconheciam seu uso. O objeto possibilitou o estudo da história da música e dos toques de discos, bem como a apreciação de diferentes estilos musicais.

Na terceira semana Alexander nos trouxe uma bicicleta de brinquedo. Sua mãe esteve presente na apresentação do objeto. Trouxeram-nos uma extensa pesquisa com imagens sobre a invenção e evolução das bicicletas. O objeto possibilitou o estudo da história, da importância deste para práticas de atividades esportivas, de lazer e de transporte econômico e saudável. Ressaltamos que sua prática tem sido incentivada para melhoria do trânsito, com a ampliação das ciclovias colaborando com a qualidade do ar.

O quarto objeto foi enviado pela Julia, um jogo mundialmente famoso intitulado UNO da Mattel, composto por 108 cartas numeradas de 0 a 9 nas cores azul, verde, vermelha e amarela. O objeto este muito utilizado pela família da criança. A brincadeira possibilitou várias noções matemáticas como contagem, sequência numérica, ordenação, classificação e seriação. Jogar desenvolve a interação, reforçar vínculos de amizade e respeito, a atenção e a compreensão de regras.

Na última semana recebemos uma filmadora antiga de 1968, a mãe e a criança explanaram a história das filmadoras e as crianças tiveram a oportunidade de manusear diversos aparelhos e este objeto ainda está em estudo.

## CRONOGRAMA

### MATRIOSKA (28/04 à 12/05)

- em roda abertura do Baú, apresentação do objeto e da pesquisa feita pela família;
- brincadeiras com várias bonecas Matrioskas;
- apresentação do mapa-múndi, do globo e da bandeira dos pais;
- leitura de textos informativos sobre a cultura russa;
- desenhos (releituras) e confecção de fantoche.

### DISCO DE VINIL ( 19/05 à 25/05)

- em roda abertura do baú, apresentação de diferentes discos e pesquisa;

- pesquisa coletiva sobre a história dos toca discos;
- confecção de mural com material enviado pelas famílias;
- desenhos, colagens e pinturas com discos;
- apreciação de músicas de diferentes gêneros no toca discos.

#### **BICICLETA (26/05 à 09/06)**

- em roda abertura do baú com a presença da mãe, relato da pesquisa do objeto feito pela família;
- construção com imagens do cronograma histórico da invenção e evolução;
- leitura de textos informativos;
- brincadeira de circuito dirigida no pátio com bicicletas enviadas pelas famílias;
- registro da brincadeira em forma de desenho livre.

#### **UNO (14/06 à 22/06)**

- abertura do baú com a presença dos avós, apresentação de pesquisa, relato das brincadeiras em família;
- apresentação da brincadeira pelo avô com utilização das regras criadas por eles;
- brincadeiras dirigidas na sala, de diferentes formas;
- pesquisa e apresentação de diferentes jogos de cartas;
- construção coletiva do jogo UNO, recorte e colagem.

#### **FILMADORA (23/06 – atual)**

- abertura do baú com a presença da mãe, apresentação do mural de pesquisas feitas pela família;
- manuseio de diferentes filmadoras;
- brincadeiras coletivas com a utilização de filmadora;
- trabalhos coletivos em andamento.

### **AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS**

Avaliação contínua e processual, centrada nos momentos individuais ou em grupo, através de registros, fotos e relatos das famílias e professores.

A criatividade das famílias na escolha dos objetos está promovendo grandes desafios às professoras na busca e elaboração de atividades complementares e cada vez mais significativas às crianças que por sua vez mostraram-se envolvidas e a abertura do baú é um momento muito esperado.

O resultado esperado foi alcançado de maneira que as crianças aumentaram o repertório de respostas e ações, bem como percebemos o aumento do vocabulário através das múltiplas linguagens, conseguimos ampliar o olhar da criança ao mundo que a cerca.

Foi clara a importância da integração escola-família no processo de aprendizagem para o desenvolvimento significativo do projeto.

### **DEPOIMENTOS**

Durante o projeto, recebemos diversos depoimentos e relatos das famílias. Muitos pais aprovaram a iniciativa, acreditaram no trabalho e o viram como uma oportunidade de estar mais próximos do processo educativo. O projeto em si é baseado em vivências e contextos familiares.

*“O que dizer do projeto? AME!!!! Simplesmente!!! As possibilidades de exploração dos conteúdos trabalhados chega a ser, não só da parte do Derick, mas também da minha parte, fascinante! Ele se envolve bastante e em casa relata tudo com muito entusiasmo, algo que antes do projeto não fazia. Eu tinha que perguntar sobre tudo a respeito do seu dia de aula. Com o projeto percebi que o Derick hoje explora todas as possibilidades, ele pensa, reflete e chega a novas conclusões.”*

#### **Cristiane, mãe do Aluno Derick**

*“Adoramos estar com vocês no dia da abertura do baú, saímos da sala felizes e emocionados e com vontade de ficar mais tempo com as crianças, esse projeto tem que dar certo e torcemos para isso, muitas crianças hoje em dia estão precisando conviver mais com a família. Com este projeto vocês estão ajudando muito e trazendo os pais para perto dos filhos. A família é a base, alicerce para as crianças. Obrigado por esta manhã tão pura e inocente que passamos com vocês. Continuem assim, é disto que o mundo precisa: amor e união com nossas crianças. Na hora do baú foi engraçado ver as crianças atentas e ansiosas para ver o que tinha dentro.”*

#### **Sr. Afonso e Dona Neide, avó da Julia**

*“Nós demos a preferencia de deixar o Alexander escolher sobre o que contar, ele escolheu a bicicleta, pois ele adora demais, tivemos uma grande dificuldade para contar-lhe a história mas mesmo assim insistimos na pesquisa e fomos resumindo a história*

*de forma que ele entendesse e conseguisse contar aos colegas em sala. Adoramos participar do projeto, fico muito feliz por nossa família fazer parte de um projeto tão grande como este. Minha experiência em poder estar presente na abertura do baú foi maravilhosa, fiquei surpresa como as crianças conseguiram entender rápido o assunto e gostei de saber o que as professoras irão desenvolver com relação a bicicleta.”*

**Sra. Elaine e Jose Luiz, pais do aluno Alexander**

*“Hoje o Victor está levando o disco de vinil, para reproduzir sua musica é necessário um toca disco, como diz o Victor uma caixa especial com um braço e uma agulha na ponta, essa agulha que faz o show acontecer. O Victor tem muito contato com LP pois eu mesma tenho muitos e sempre coloco para tocar em casa, ele ficou encantado ao ver que o Vinil pode ter tamanho ou cores diferentes. Só não gosta quando toca muito alto. Nós escolhemos juntos o disco, já que ele gosta muito de música e aqui em casa gostamos bastante, ficamos horas ouvindo música, sempre temos um rádio ligado. Ele pediu para dizer a senhora que o vinil que está indo está quebradinho, mas mesmo assim funciona, a gente ouviu as musicas dele. Conteí para ele que quando eu era criança só ouviamos musicas nos discos, que não tínhamos celulares ou outros objetos que reproduziam músicas somente do toca disco. Sucesso no projeto, adoramos fazer parte.”*

**Mãe do aluno Victor Hugo**

*“Professora quero relatar a experiência que tivemos com o baú das descobertas, tentamos buscar uma ideia daquilo que podia identificar um pouco sobre a personalidade da Rafaella, conversamos muito com ela e a partir dai tivemos ma ideia de apresentar uma câmara filmadora, já que a Rafaella tem um canal no Youtube no qual ensina coisinhas legais com os brinquedos dela, ela pega o celular e sozinha grava os próprios vídeos, apresentamos a ela a filmadora pois não conhecia e por acaso encontramos para comprar o modelo de filmadora fabricada em 1968 e oferecemos de presente a Rafaella, tivemos a oportunidade de brincar bastante. Agradecemos as professoras pelos trabalhos desenvolvidos com nossos filhos e isso aproxima as famílias e as crianças aprendem muito, espero ter ajudado no conhecimento dos nossos filhos. Agradeço a oportunidade de estar com minha filha no dia da abertura do baú, acho que ela vai lembrar deste dia no futuro.”*

**Sra. Priscila e Adilson, pais da aluna Rafaella**

## MENÇÃO HONROSA

Projeto:

**Projeto de revitalização - matemática e ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem**

Unidade Educacional:

**EMEF Ulysses da Sylveira Guimarães**

Responsáveis:

**Shirley de Lima Patriota e Flavio Antônio da Silva**

### RESUMO DO PROJETO

A Matemática é uma ciência vista com muito preconceito pelos estudantes, visando desmistificar isto e quebrar estereótipos acerca desta disciplina foi desenvolvido o Projeto de revitalização - Matemática e Ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem, cujo foco era trabalhar conceitos e ideias matemáticas utilizando o aspecto lúdico e prático

### JUSTIFICATIVA

A Matemática é uma ciência vista com muito preconceito pelos estudantes, visando desmistificar isto e quebrar estereótipos acerca desta disciplina foi desenvolvido o Projeto de revitalização - Matemática e Ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem, cujo foco era trabalhar conceitos e ideias matemáticas utilizando o aspecto lúdico e prático. Considerando a importância de que a matemática seja entendida pelos estudantes como uma forma de compreender e atuar no mundo e que o conhecimento gerado nessa área do saber seja percebido como fruto da construção humana na sua interação constante com o contexto natural, social e cultural, é fundamental que além da aprendizagem de conceitos e procedimentos, professores e estudantes construam um ambiente favorável para essa aprendizagem.

O brincar, o lúdico e a criatividade são inerentes à infância e adolescência. Por este motivo, optou-se em adotar como metodologia estes aspectos que contribuem para a aprendizagem e desenvolvimento dos educandos. Para tanto, era necessário que se associasse teoria e prática. Desta forma, optou-se em associar o projeto à revitalização de um dos espaços físicos da escola.

O ambiente escolar é um espaço de socialização e aprendizagem em que as crianças e jovens exercitam seu papel enquanto cidadãos. Nesse sentido, este projeto busca criar espaços democráticos em que os estudantes possam intervir, cuidar e preservar. É necessário criar uma cultura da preservação que perpassa pelo reconhecimento deste espaço com seu, fortalecendo o elo da comunidade escolar com a escola. Por isso, Projeto de revitalização - Matemática e Ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem visa intervir, constituir e ressignificar o elo dos estudantes com a instituição escolar. Além disso, o uso da matemática nesse processo faz com que os estudantes consigam perceber a aplicabilidade da disciplina e possam refletir sobre isso.

Em função disso e das dificuldades observadas pelos professores durante as avaliações diagnósticas, a geometria euclidiana foi escolhida como tema de estudo, pois os conhecimentos obtidos nesse campo do saber poderiam auxiliar os estudantes a integrar o processo de aprendizagem à aplicação concreta disso no projeto de revitalização.

## OBJETIVOS

O Projeto de revitalização - Matemática e Ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem visa criar uma consciência crítica sobre a importância da preservação do patrimônio e do cuidado com o espaço escolar. Além disso, visa:

- Propiciar que o estudante aprenda a linguagem da geometria para a representação gráfica em projetos;
- Desenvolver habilidades em medir distâncias, representar espaços e dimensões, formas geométricas, determinar cotas;
- Utilizar o plano cartesiano para aplicação dos conceitos de simetria, ampliação e redução;

- Oportunizar o conhecimento sobre a utilização de softwares matemáticos como o GeoGebra, por exemplo;
- Aprender sobre os conceitos básicos da Geometria euclidiana tais como: ponto, reta e plano; Vértices, arestas e faces; Paralelismo e perpendicularismo entre retas; Ângulos e polígonos; Relações métricas no triângulo retângulo; Relações da circunferência e o número  $\pi$ ;
- Entender que o desenho é a maneira de expressar graficamente a forma de determinado objeto;
- Compreender que todas as coisas que conhecemos seja na Natureza ou na Arquitetura apresentam-se a partir de formas geométricas; Sólidos geométricos;
- Promover a conscientização de toda a comunidade escolar, quanto à valorização, conservação e preservação da unidade escolar;
- Refletir sobre a responsabilidade individual e coletiva em ações de conservação do patrimônio público;
- Incentivar a conservação de todos os espaços físicos e materiais da escola;
- Adotar atitudes responsáveis em relação às questões ambientais e na comunidade;
- Mobilizar toda a comunidade escolar em relação a ações de preservação, conservação e manutenção do patrimônio público;
- Criar uma consciência crítica acerca da preservação do patrimônio;
- Estimular ações cidadãs e solidárias;
- Perceber-se como sujeito crítico, autônomo e atuante.

## METODOLOGIA

O desenvolvimento do Projeto de revitalização - Matemática e Ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem foi desenvolvido com os alunos do 9º ano do Ciclo Interdisciplinar. Para tanto, optou-se em organizar o projeto em três etapas: teoria, elaboração do projeto e intervenção no espaço - revitalização.

Como estratégias, foram propostas situações ativas de aprendizagem que proporcionaram o desenvolvimento das habilidades necessárias para a

aprendizagem da geometria euclidiana e sua aplicação no projeto de revitalização. Em que os estudantes, puderam associar teoria e prática.

A primeira etapa consistiu em oferecer as bases teóricas dos conhecimentos acerca da geometria euclidiana. Nesta etapa, as aulas foram expositivas, dialogadas, com demonstração dos materiais de desenho, uso e manuseio, além de exercícios práticos de sensibilização dos materiais de desenhos geométricos. Também houve utilização de elementos de desenho técnico e civil. Introdução à manipulação de esquadros, transferidores, escalímetro, nível, trena, etc. Posteriormente, foi proposto que os alunos utilizassem os conhecimentos adquiridos e aplicassem no desenvolvimento do projeto de revitalização. Isto incluiu observação do espaço físico, pesquisa e entrevistas com os demais estudantes sobre o projeto de intervenção e revitalização. A medição do espaço, cálculo do uso e quantidade de materiais. A utilização do laboratório de informática foi fundamental para que os estudantes compreendessem e aplicassem os conhecimentos acerca de área, perímetro, ângulos, medições do espaço etc. A utilização de softwares como o GeoGebra e computadores com acesso à internet para pesquisas foram fundamentais. Optou-se em utilizar programas em que todos tivessem acesso como o Google Maps e o Google Earth. Estes foram utilizados visando elaborar a planta do local e adequar as medições do espaço. Além disso, houve a seleção e organização dos materiais, conversas e entrevistas com alunos, professores, funcionários e membros da equipe gestora. O objetivo era integrar os anseios da comunidade escolar ao desenvolvimento do projeto, dessa forma, ampliando a participação de todos. A última etapa, os estudantes puderam colocar em prática os conhecimentos obtidos nas aulas teóricas e durante a elaboração do projeto e aplicá-los na prática, ou seja, a revitalização do pátio externo.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto foi organizado em três etapas: teórica, desenvolvimento do projeto de intervenção e revitalização. A primeira etapa foi desenvolvida durante o primeiro e segundo bimestre. Nesta etapa as aulas foram expositivas e dialogadas. O uso de apostilas, exercícios, uso e manuseio de réguas, compassos, transferidores etc. Para estimular e desafiar os estudantes, foram propostas atividades que articulassem teoria e prática. A observação e reprodução de desenhos geométricos. Observação do espaço físico e entorno da escola, medição de ângulos etc. Também foram utilizados exercícios de desenho técnico e civil. Além disso, durante a primeira etapa foram trabalhadas ati-

vidades que estimularam e articularam a capacidade de leitura e raciocínio lógico-matemático por meio de situações reais, favorecendo ao educando a agir reflexivamente, incentivando a criatividade e a autonomia no momento de resolução de problemas matemáticos. Também foram utilizadas diferentes estratégias de aprendizado, visando à construção do conhecimento matemático tais como: atividades individuais, trabalhos coletivos tendo em vista a cooperação e o respeito entre as diferenças, atividades em duplas e grupos no qual os alunos confrontaram ideias e hipóteses matemáticas antes de expor as soluções e durante as correções possibilitaram a socialização e discussão das estratégias e critérios utilizados.

A segunda etapa foi uma continuidade da primeira e foi desenvolvida durante o 2º e início do 3º bimestre, os conhecimentos adquiridos foram articulados para que os estudantes desenvolvessem e criassem um projeto de intervenção. O espaço escolhido foi o pátio externo do ensino fundamental I, para tanto, os estudantes fizeram pesquisas e entrevistas com professores, funcionários equipe gestora e os demais alunos para determinar qual dos espaços seria mais relevante à intervenção. A partir disso, foi definido como espaço de intervenção o pátio externo do Ensino Fundamental I. A escolha do local também se deu por propiciar um local apropriado para brincadeiras, aonde o brincar e o lúdico fossem prioritários. Além disso, o uso da cor visava alegrar e embelezar o ambiente.

O projeto de intervenção determinou a criação de amarelinhas, jogos de tabuleiro e a pintura como objetivos do projeto. Assim poderiam articular os conhecimentos adquiridos na primeira etapa e aplicá-los. Durante esta etapa, foi necessário medir e calcular os espaços, quantidade de materiais necessários, promover estudo de formas etc. A planta do local e o uso de softwares como o GeoGebra, Google Maps, Google Earth foram essenciais neste processo.

Na terceira e última etapa, os estudantes puderam revitalizar o espaço escolhido, ampliações, amarelinhas, jogos de tabuleiro foram os temas escolhidos como base e assim, pudessem servir para as outras crianças como um espaço de brincar. O sentido lúdico foi mantido visando integrar todos os alunos que frequentam a unidade escolar. Todos os materiais foram financiados pela instituição escolar, mas os trabalhos foram executados pelos alunos com supervisão dos professores. O cuidado na utilização de equipamentos de segurança, e no bem-estar dos alunos foi sempre prioritário.

## CRONOGRAMA

### PRIMEIRA ETAPA - TEÓRICA

Período: Março, Abril e Maio.

Turmas: 9º ano – Ciclo Interdisciplinar

Total de aulas: 54 aulas – 4h/a por semana

Aulas expositivas e dialogadas;

Estudo de geometria euclidiana: ponto, reta e plano; sólidos geométricos; vértices, arestas e faces; Paralelismo e perpendicularismo entre retas; Ângulos e polígonos; relações métricas no triângulo retângulo; relações da circunferência e o número  $\pi$ .

Noções básicas de desenho técnico;

Utilização e manipulação de Utilização de elementos de desenho técnico e civil.

Introdução à manipulação de esquadros, transferidores, escalímetro, nível, trena, etc.

Ampliação e redução de formas e desenhos;

Nesta etapa foram utilizados diversos materiais como papéis, dobraduras, atividades individuais, em dupla e em grupo etc.

### SEGUNDA ETAPA – DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Período: Junho, Julho e Agosto

4 horas semanais - 44 h/a

Criação e elaboração do projeto de intervenção:

#### 1. Entrevistas

1.1. Entrevistas com alunos – Os alunos foram questionados sobre o que os incomodava e o quê poderia ser mudado. A partir da coleta de dados, observou-se que a escola era “feia” e não havia um espaço apropriado para brincadeiras.

1.2. Entrevista com professores e funcionários - Professores e funcionários foram entrevistados sobre quais mudanças seriam apropriadas. Após

a coleta de dados, o pátio externo do ensino Fundamental I foi apontado como um dos locais que deveriam ser revitalizados.

1.3. Entrevista com Equipe Gestora - A equipe gestora foi questionada sobre recursos, verbas e adequações necessárias na Unidade Escolar. Após a coleta de dados, puderam calcular gastos, materiais necessários à revitalização.

#### 2. Elaboração do Projeto de Revitalização

2.1. Elaboração do cronograma;

2.2. Medição do espaço;

2.3. Cálculo de materiais, pesquisa de preços: orçamentos; levantamento dos recursos materiais e humanos necessários;

2.4. Elaboração da planta – utilização do laboratório de informática;

2.5. Definição das funções dos alunos durante a revitalização;

### TERCEIRA ETAPA - REVITALIZAÇÃO

Período: Setembro, Outubro e Novembro

4 horas semanais – 56 h/a

#### 1. Revitalização

1.1. Pintura do piso

1.2. Medição e marcação das amarelinhas, caracol, tabuleiro;

1.3. Pintura das amarelinhas, caracol, tabuleiro;

1.4. Pintura das paredes;

1.5. Marcação das formas geométricas;

1.6. Pintura dos quebra-cabeças;

1.7. Pintura das formas geométricas: círculo

1.8. Pintura do sistema solar;

1.9. Pintura das formas geométricas: triângulos;

1.10. Painel;

## AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

O Projeto de revitalização - Matemática e Ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem, proporcionou diversos resultados positivos. O processo de ensino-aprendizagem foi enriquecido a partir das atividades práticas. Os alunos se sentiram motivados a apreender os conhecimentos e aplicá-los na prática. Nesse sentido, ressignificou a utilização da matemática, em especial, da geometria, desmistificando estereótipos e preconceitos acerca desta disciplina.

A ideia em associar matemática à revitalização está inserida no desenvolvimento de projetos anteriores que buscavam minimizar a degradação do patrimônio, por este motivo a optou-se em alinhar matemática, criatividade e preservação do patrimônio. Nesse sentido, podemos considerar que a associação entre matemática e arte foi inovadora.

A partir deste projeto pudemos notar um envolvimento de toda a comunidade escolar, pois os alunos do Ensino Fundamental I puderam usufruir do novo espaço, se sentiram mais acolhidos e puderam desfrutar de um ambiente colorido, charmoso e propício para o 'brincar'. Já, os estudantes do 9º ano, também puderam apreciar o lúdico, seja na construção e/ou na constituição deste novo espaço.

No aspecto pedagógico os alunos do 9º ano reclamavam da morosidade e do tédio durante as aulas. Motivá-los a aprender de outras formas foi significativo para professores e estudantes. Os professores puderam repensar suas práticas, suas metodologias e até mesmo seus objetivos em relação aos conteúdos. Pode-se notar a mudança de postura dos alunos dentro e fora de sala de aula, resultando em aspectos positivos: maior responsabilidade, atenção e cuidado com si e com os demais. A aprendizagem neste caso, não foi tida como uma imposição, mas sim como resultado natural de todo o processo. Além disso, eles se sentiam produzindo algo, deixando uma marca na escola. Portanto, o projeto acabou atingindo outros objetivos que envolvem a questão da identidade, do pertencimento e do reconhecimento daquele espaço como seu.

A construção e ressignificação do espaço físico da instituição contribuiu para que os alunos pudessem proporcionar um ambiente acolhedor e alegre para outros estudantes ampliando sua participação e autonomia. O ambiente escolar é um espaço de convivência e socialização. Estudantes, professores, funcionários e toda a comunidade vivem nestes espaços, mas possuem pouca

autonomia sobre ele, enquanto espaço físico. Neste caso, encontramos diversos problemas, como as depredações, pichações e falta de zelo com aquele ambiente. Neste sentido, o projeto contribuiu para diminuir isso e para valorizar o patrimônio e conscientizá-los sobre a importância da preservação. Este projeto criou espaços democráticos em que os estudantes puderam conversar e dialogar com a equipe gestora sobre seus anseios e demandas: intervindo, cuidando e preservando. Para tanto, o projeto contribuiu no desenvolvimento de uma cultura da preservação que perpassa pelo reconhecimento deste espaço com seu, fortalecendo o elo da comunidade escolar com a escola.

## DEPOIMENTOS

*"Eu adorei fazer parte do projeto. Aprendi muitas coisas, gostei muito das aulas de geometria e pintar o pátio."*

**Meg Sanchez – 9º ano B**

*"O que eu mais gostei eram das aulas de matemática, aprendi a gostar de matemática. Aprendemos a desenhar também, fazer ampliação. Foi um ótimo ano"*

**Beatriz Silva – 9º ano B**

*"Eu não gostava de matemática, mas com o professor Flávio eu aprendi. Me esforcei e não faltei às aulas. O que eu mais gostei de foi pintar o painel. Eu desenhei junto com a Karina."*

**Deivid Souza – 9º ano A**

*"Eu gostei muito do projeto. O que mais gostei foi do sistema solar e do tabuleiro de xadrez. Deu muito trabalho, mas todos se esforçaram. Não teve bagunça e nem briga, todo mundo se ajudou bastante."*

**Keyse Kelly – 9º ano D**

## Confira a lista dos projetos inscritos no Prêmio Paulo Freire 2017

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis pelo projeto
Da cor da pele	CEI	Adhemar Ferreira da Silva	Elizabeth de Paula Ribeiro e Cintia de Souza
Meu corpo produz arte	CEI	Chácara Bela Vista I	Fernanda Rodrigues da Silva
Brincando e aprendendo com a diversidade	CEI	Jardim das Pedras	Afrânio Brandão Lima e Cleide Ferreira dos Reis
Informar, integrar para garantir a parceria	CEI	João Bento de Carvalho	Márcia Almeida dos Santos Guarda Fulan e Adriana Aparecida dos Santos
Pais, filhos e mestres - uma conexão em tempo real	CEI	Maria da Glória Freire Lemos	Fátima da Conceição da Silva e Claudineide da Silva Caires
Revelando a África	CEI	Pari	Carla dos Santos da Silva Cardoso e Renata da Graça de Arruda Camargo
O resgate do eu e do mundo através do currículo integrador eixo movimento em creche	CEI	Pequeno Mundo II	Maria Eugenia Bonjovani Freitas e Karin Petranieri de Souza
Brincar e cuidar com carinho	CEI	Santa Tereza de Jesus	Fabiola Vieira Araujo e Luciane Dufreyer
Sacola do brincar	CEI	Santa Tereza de Jesus	Maisa Oliveira da Silva
O brincar e sua singularidade	CEI	Sociedade Beneficente Equilíbrio de Interlagos	Hélia Campos e Adriana de Jesus Nascimento
Blog do CEI Thomé	CEI	Vereador Joaquim Thomé Filho	Bárbara Cristine da Silva Diaz Lagonegro
Integrando me constituo como sujeito ético, consciente, com valores de cooperação, solidário e que respeita a diversidade	CEU CEI	Alvarenga	Andréa Santos Silva e Suzana César de Moraes

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis pelo projeto
Contos de Fadas na Educação Infantil: a atuação do professor em situação de módulo	CEU CEI	Jardim Paulistano	Telma Lopes de Laia e Thieli Aparecida do Carmo Capelo
Meu pintinho amarelinho	CEU CEI	Parque São Carlos	Alessandra Gusmão e Ana Paula M. C. Nascimento
Cores, sabores e sons, de olho na cultura afro	CEU CEI	Professora Yolanda de Souza Santalucia	Joana Olher da Silva e Marli Antônio Macedo Batista
Combate à violência de gênero: ações e reflexões	CEU EMEF	Senador Teotônio Vilela	Bruno Alberto dos Santos Cyriaco e Renan Rodrigues Carmo da Silva
Protagonizando infâncias e exercitando a cidadania através da autoria do jornal "Bagunça de Criança"	CEU EMEI	Aricanduva	Andreia dos Santos Barbosa e Amanda Gomes Pinto
BrincaCEU	CEU EMEI	Butantã	Naime Andrea da Silva e Indira Arruda Castelanhos
Corra que lá vem os animais peçonhentos	CEU EMEI	Jaçanã	Luciane de Jesus Mineiro França
A experiência e a politização dos jovens no CIEJA Campo Limpo: em busca de uma educação como prática de liberdade	CIEJA	Campo Limpo	Marcos Ribeiro das Neves
Sociedade e Política: você se acomoda com o quê? você se incomoda com o quê?	CIEJA	Clóvis Caitano Miquelazzo	Ewerton Menezes Fernandes de Souza e Joelma Alves de Oliveira
Economia criativa: regionalidade, trabalho e coletividade	CIEJA	Itaquera	Bárbara Dias Lazo Neves e Tatiana Cardoso Leal dos Santos Naves
Múltiplas linguagens e direitos humanos	CIEJA	Professora Rose Mary Frasson	Flavia Teodoro Alves e Izabel Cristina Pachi
Construção do currículo emancipatório	CIEJA	Rosa Kazue Inakake de Souza	Luis Carlos Mazzarolo e Joana da Penha Avelar de Jesus Oliveira
Oficina do ENEM: um salto para o futuro	CIEJA	Sapopemba	Francisco Alvanter Beltrão e Themis Florentino dos Santos

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis pelo projeto
A escola como espaço de luta e de conscientização	EMEBS	Anne Sullivan	Viviane Marques Miranda e Dario Leite Resende
Heróis do trânsito	EMEF	Águas de Março	Lucinália de Souza
Centenário do samba: a alegria e os problemas sociais de um povo	EMEF	Alexandre de Gusmão	Elisabete Freitas do Nascimento Costa Leão e Karen Cristina da Silva
Matemática criativa através da robótica com sucata livre	EMEF	Almirante Ary Parreiras	Débora Denise Dias Garofalo
TCA de leitura	EMEF	Bartolomeu Campos de Queirós	Estevão Marcos Armada Firmino e Daniela Terciano
Escritores do Calixto	EMEF	Benedito Calixto	Paulo Ricardo Velane da Silva
Palavras que viajam	EMEF	Carlos Augusto de Queiroz Rocha	Tania Maria Uehara Alves e Ada Julio Evaristo
Entre cordas e prosas: tocar e cantar por uma educação transformadora	EMEF	Conjunto Habitacional Barro Branco II C	Regilene Paulina da Cunha e Edelson Abrahão
Educação em direitos humanos e construção da cultura de paz	EMEF	Coronel Palimércio de Rezende	Lucia Maria de Queiroz e Lucimara S. de Rezende
Criar vínculos e descobrir potencialidades: a prática do atendimento educacional especializado na perspectiva da inclusão escolar	EMEF	Doutor Habib Carlos Kyrillos	Ana Paula de Lima
Duque de Caxias: território plural	EMEF	Duque de Caxias	Marcia Regina Ayres Gomes e Guilherme Gadelha
A arte de ocupar os espaços educativos na metrópole	EMEF	Duque de Caxias	Paulo Roberto Magalhães
Angana-Zâmbi	EMEF	Érico Veríssimo	Caio Cândido Ferraro e Thiago Wesley Custódio Silva
Performance - Violência Doméstica	EMEF	João Ribeiro de Barros	Josué Quirino de Souza
Boneca(o) da diversidade cultural	EMEF	Jornalista Millôr Fernandes	Mary Aparecida Gonçalves da Silva Souza e Sandra Cordeiro O Soares dos Santos
O jogo da vida	EMEF	José Bonifácio	Deyse da Silva Sobrino

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis pelo projeto
Eu venho do mundo, raízes Pankararu: um memorial encantado do outro lado do rio	EMEF	José de Alcântara Machado Filho	Leno Ricardo Vidinha de Freitas e Alexandre Campos
Yôga para crianças	EMEF	José do Patrocínio	Kátia Cristiane D'aronco
Eu, você e o mundo que nos cerca	EMEF	Mário Moura e Albuquerque	Regiane de Paula Simões do Nascimento e Andréia Militão de Medeiros Branco
Grêmio Estudantil na construção do protagonismo escolar	EMEF	Ministro Aníbal Freire	Graciana de Souza Brune
Karatê Kids – lutando pela paz	EMEF	Olegário Mariano	Willian Balduino de Farias
Sarau literário e performático “A arca de Noé de Vinicius de Moraes”	EMEF	Presidente Prudente de Moraes	Cristiane de Jesus e Eliane Dolce Guerriero
Parceiros Robóticos Parte 2 - Construtores	EMEF	Professor André Rodrigues de Alckmin	Alessandra da Silva Panduro
Em paz com o meio ambiente	EMEF	Professor Antonio de Sampaio Doria	Tânia Gonçalves Magalhães e Rosely Callado
Alta performace 2017	EMEF	Professor Aurélio Arrobas Martins	Cátia Cristina da Mota Martins de Souza e Elisabete Niehues
Produção cinematográfica na escola – a gravidez na sala de aula	EMEF	Professor Lorenço Manoel Sparapan	Eduardo Rocha de Souza
Afrodescendência: a literatura negra como identificação dos pertencimentos étnicos em sala de aula	EMEF	Professor Remo Rinaldi Naddeo	Maria Cilene Lucas Vieira
Sustentabilidades	EMEF	Professora Claudia Bartolomazi	Luiz Carlos Rodrigues de Jesus
“Quarto de Despejo: Carolina Maria de Jesus e outras Carolinas” na Educação de Jovens e Adultos	EMEF	Saturnino Pereira	Michelle Caroline Bernardes dos Santos e Maria Inez de Souza
Milliet: quem somos nós?	EMEF	Sérgio Milliet	Alexandre Miller Bathaus e Simone Gomes Valentim Dias

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis pelo projeto
Território do povo: ocupar, resistir e construir o nosso Quilombo Cultural	EMEF	Sócrates Brasileiro Sampaio de Sousa Vieira de Oliveira	Solange Aparecida Cabrito de Amorim e Eliseu Marcolino Rosa Müzel
Direitos Humanos – Pensar no envelhecer	EMEF	Teófilo Benedito Ottoni	Marlene Gomes Guimarães de Oliveira
Horta e compostagem	EMEF	Teófilo Benedito Ottoni	Luis Alves Miguez e Elise Caroline Cedro de Oliveira Amato
Projeto de revitalização - matemática e ludicidade: utilizando a arte e a brincadeira como meios de aprendizagem	EMEF	Ulysses da Sylveira Guimarães	Shirley de Lima Patriota e Flavio Antônio da Silva
PEDALER	EMEF	Visconde de Cairu	Lucideide Bispo dos Santos e Mirian Dias da Silva
Planeta Terra: reciclar para cuidar e preservar	EMEI	Angelo Martino	Marcia Aparecida Domingues -Lüdke
Imprensa Jovem EMEI Cartola: agência de notícias mirim	EMEI	Angenor de Oliveira - Cartola	Silvia Silva dos Santos e Ednalva Marques de Sousa
Educarte	EMEI	Arthur Etzel	Cleide Regina Ribeiro Barbosa Scarmeloto
O rio na escola	EMEI	Comandante Moreno	Maria Aparecida Machado dos Santos e Dirce Maria Moreira Batista de Souza
Exploradores da cidade	EMEI	Dom Pedro I	Edna Conceição Monteiro e Rivania Kalil Duarte
Escola e museu: uma parceria possível e necessária	EMEI	Dona Leopoldina	Marcia Covelo Harmbach e Simone Cavalcante da Silva
É ovo de quê? Exploração, investigação e pesquisa na Educação Infantil	EMEI	Dona Maria de Lourdes Coutinho Torres	Lindalva Isabel da Silva Borges
Você brinca do quê?	EMEI	Dona Maria de Lourdes Coutinho Torres	Sirlene Socorro da Dalto de Souza e Cíntia Aparecida da Dalto de Souza
Essa brincadeira é de menina ou de menino, pró?	EMEI	Gabriel Prestes	Vanessa de Oliveira Santos e Keila Martins Gonçalves

Projeto	Sigla	Nome da Instituição	Responsáveis pelo projeto
Arte e infância – cores e brilhos das crianças	EMEI	Jardim Monte Belo	Karina dos Santos Cabral e Silvia Cavalheiro dos Santos Melo
Com que maleta eu vou ao desfile étnico cultural?	EMEI	Marina Nogueira de Souza Martins	Luciene Cristine Pires Codato
N’Kenda - Diversidade Religiosa na Educação Infantil	EMEI	Nelson Mandela	Kamila Gomes Fonseca
Baú das descobertas	EMEI	Orígenes Lessa	Marcia Coelho Cardoso e Noemi Melato
Por um mundo mais bacana!	EMEI	Papa João Paulo II	Cristiane Aparecida Camargo e Analia Celestino dos Santos
Brasil, cara de quê?	EMEI	Parque das Nações I	Beatriz Souza Duarte e Bruna Lucio Frigo
Receitas das famílias do 5ºF	EMEI	Professor Cezar Rogério Oliveira Peramezza	Luciene Lopes da Silva Turino
Cozinha experimental - descobrindo sabores	EMEI	Professor Yukio Ozaki	Tatiana Aparecida de Lima e Alana Tosta Martoni
Salas de interesse	EMEI	Professora Marisa Ricca Ximenes	Andresa Passarelli Sanchez e Izabel Borges Balduino
A criança e o museu	EMEI	Professora Marisa Ricca Ximenes	Juliana Nunes da Assunção Forato e Angelio dos Santos
Literatura infantil e as relações étnico-raciais e indígenas	EMEI	Professora Norimar Teixeira	Maria Estela de Almeida e Rosa Maria de Miranda Duarte



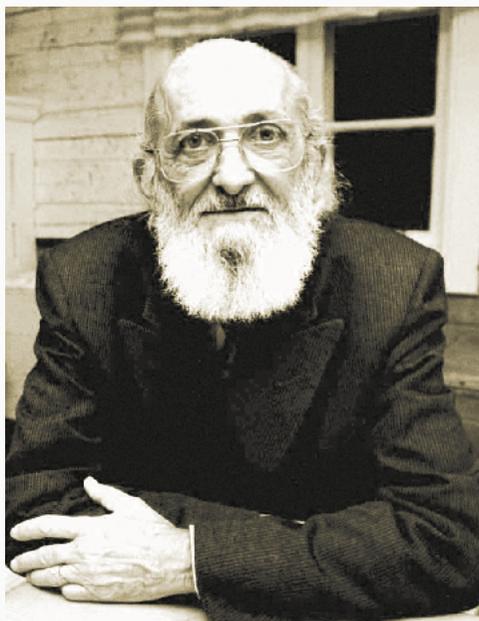
**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

Viaduto Jacareí, 100 - Bela Vista - São Paulo - SP  
**[www.camara.sp.gov.br](http://www.camara.sp.gov.br)**

Organização: Equipe de Eventos - CCI.1

Editoração: Equipe de Comunicação - CCI.3

Impressão: Equipe de Gráfica da CMSP - SGA.32



*“O que eu nego é que o conhecimento se transfira ou se transmita de um sujeito a outro que, no caso, receberia passivamente o ‘presente’ que lhe foi feito. Conhecimento se cria, se inventa, reinventa, se apreende. Conhecimento se faz.”*

**Paulo Freire, do livro: A Educação na Cidade**

## **Informações:**

---

Câmara Municipal de São Paulo  
Viaduto Jacareí, 100 - Prédio Anexo  
2º andar - sala 217 - Bela Vista - SP  
Telefones: 3396-4239 / 3396-4667  
E-mail: eventos@camara.sp.gov.br

## **Apoio:**

---

